



UNIVERSIDADE
ESTADUAL de LONDRINA

MARINA SOUSA LIMA

**PERSONAGENS QUEERS
NA ANIMAÇÃO “A CASA CORUJA”:
A CRIAÇÃO DE NOVAS FORMAS DE
EXISTÊNCIA ATRAVÉS DA FANTASIA**

Londrina
2025

MARINA SOUSA LIMA

PERSONAGENS QUEERS
NA ANIMAÇÃO “A CASA CORUJA”:
A CRIAÇÃO DE NOVAS FORMAS DE
EXISTÊNCIA ATRAVÉS DA FANTASIA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCom), do Departamento de Comunicação, do Centro de Educação, Comunicação e Artes (CECA), da Universidade Estadual de Londrina (UEL), como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Comunicação.

Orientador: Prof. Dr. Reginaldo Moreira.

Londrina
2025

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UEL

L699p Lima, Marina Sousa .

Personagens queers na animação "A casa coruja" : A criação de novas formas de existência através da Fantasia / Marina Sousa Lima. - Londrina, 2025. 274 f.

Orientador: Reginaldo Moreira.

Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Educação Comunicação e Artes, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, 2025.

Inclui bibliografia.

1. Animação - Tese. 2. Fantasia - Tese. 3. Queer - Tese. 4. Bruxas - Tese. I. Moreira, Reginaldo . II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Educação Comunicação e Artes. Programa de Pós-Graduação em Comunicação. III. Título.

CDU 316.77

MARINA SOUSA LIMA

PERSONAGENS QUEERS
NA ANIMAÇÃO “A CASA CORUJA”:
A CRIAÇÃO DE NOVAS FORMAS DE
EXISTÊNCIA ATRAVÉS DA FANTASIA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCom), do Departamento de Comunicação, do Centro de Educação, Comunicação e Artes (CECA), da Universidade Estadual de Londrina (UEL), como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Comunicação.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. Reginaldo Moreira
Universidade Estadual de Londrina – UEL

Profa. Dra. Lua Lamberti de Abreu
Universidade Estadual de Maringá – UEM

Profa. Dra. Márcia Neme Buzalaf
Universidade Estadual de Londrina – UEL

Londrina, 05 de dezembro de 2025.

À Angela e Adriano,
À todes que não se conformam
com os caminhos previamente
traçados.

AGRADECIMENTOS

À todas as bruxas, bruxes e bruxos que, neste percurso, dançaram comigo à revelia do mundo.

Em especial ao meu querido (des)orientador professor Régis, por quem sempre terei um carinho imenso; por seu apoio, confiança, incentivo e força transformadora. Obrigada pelo carinho, pelas ressignificações, dobras, conversas, amendoins, Madame Satã, Tom Zé e poemas. Obrigada pelos abraços, pela oportunidade de participar de dois maravilhosos saraus, pelas (in)disciplinas que atravessaram cada pedacinho de mim, de maneiras difíceis de descrever e chacoalhadas que me tiraram de um caminho previsível previamente traçado, de modo a me instigar a traçar novas rotas. Com sua parceria amiga, pude tornar esta pesquisa possível e me empolgar nesta trajetória que ficcionou e ressignificou minha percepção de mundo.

À professora Lua, quem conheci nos primeiros dias de minha ingressão ao Mestrado. Após ouvi-la por algumas horas, transformou a química do meu cérebro para sempre! Obrigada pela sua existência! Pois, o simples fato de vê-la com suas meias coloridas sorrindo e encantando o mundo, ressoou com uma parte de mim que, até então, eu julgava não ter importância. Obrigada por dar voz à todas as minhas loucuras e

fantasias, por mostrar a pulsão e o respiro da ficção, por resgatar o brilho nos olhos da adolescente insegura, que por tantos anos, fechei dentro de mim. Sem querer soar como uma fã maluca (mesmo sendo um pouco), ter a oportunidade de te ouvir foi transformador em níveis de difícil compreensão. Te admiro imensamente.

À professora Márcia, por sua doçura encantadora, pelo carinho em suas análises e pela coalhada maravilhosa! Obrigada pelo acolhimento, pelas aulas incríveis e instigadoras, pelas fofocas históricas e coraçõezinhos. Sua simpatia e empatia trouxeram o quentinho afetuoso para este trabalho e proporcionaram o acalento decolonial que eu precisava no desenvolvimento deste processo cartográfico mestiço e afetuoso. Obrigada pelo abraço gostoso, pelas anotações carinhosas, pela Bruxa Tituba e por mostrar que não só de textos acadêmicos se constrói conhecimentos.

À professora Flávia, a bruxinha que mais admiro! Obrigada pelo carinho, aconchego e colo, quando precisei destruir para poder me recriar mais forte. Você esteve comigo e me fortaleceu em um dos períodos mais difíceis e necessários deste ritual mágico de travessia entre fronteiras. Obrigada por ser passarinho comigo e de segurar minhas mãos neste movimento criativo, constante, de mestiza. Às vezes, sinto que nossas vidas

já se entrelaçaram em vidas passadas e fiquei imensamente feliz de poder me encontrar na sua bruxaria. Obrigada por Anzaldúa, pelos: “Oi bruxinha!” que, automaticamente, me fazem sorrir de orelha a orelha, por sua presença tão intensa e ao mesmo tempo tão leve em minha vida.

Às/aos parceiras/es/os de coven: Bruna, Isadora, Marco, Truffa, Lari, Bruno, Dany, Fran, Leili, Úrsula, Felipe, Bia, Stefany, Katia, Gabriel, Sara, Vinícius e todes presentes nas (in)disciplinas, saraus e encontros que atravessaram afetos, ficcionaram novas trajetórias e transformaram meu ser totalmente. Obrigada.

À Hellen, quem me revira do avesso e me ajuda a ressurgir das cinzas toda semana. Obrigada pelo auxílio psicológico, imprescindível nessa trajetória, pela força neste processo que estendeu o apenas pesquisar; mas que, visceralmente, reformulou minhas estruturas psíquicas. Sem sua parceria incrível, sensível e potente, não seria possível.

Em especial, aos meus pais, pelo apoio, carinho, compreensão e incentivo. À minha mãe Angela pelo empurrão, pelas leituras e auxílios nas madrugadas cansadas. Obrigada pelo amor incondicional, ideias incríveis, pelas encruzilhadas, por Conceição, pelo afeto imensurável e essencial para meu fortalecimento e formação. Ao meu pai Adriano, pela paciência,

respeito e sorrisos de orgulho. Pelos: “Dá seus pulos menina!”, confiança e amor. A ambos/as, obrigada por participarem ativamente em mais uma etapa da minha vida. Vocês não imaginam a força e a confiança que esse apoio gera para mim.

Às minhas avós, Nina e Cida, pelo aconchego tão gostoso e necessário. Pelas comidinhas e momentos quentinhos.

Às/aos minhas/eus tias/os Claudia, Ney, Néia, Lenita e Dan, parceiras/os de jornadas acadêmicas desafiadoras. Obrigada pelos desabafos e compreensões.

Aos meus primos Artur, Murilo e Gustavo, por me acompanharem e compartilharem comigo os desafios e forças desse trajeto.

Às/aos meus amigas/os, minhas cara-metades: Bruna, Jô e Rebba. Obrigada por toda a força, apoio, consolo, suporte e paciência, em ouvir meus podcasts. À Karen, amiga-irmã, parceira de vida e trajetória acadêmica. Obrigada pelos momentos de respiro, pela parceria, também nos podcasts de desabafo e na solidariedade. Às/aos minhas/meus amigas/os do Design, que tanto me apoiaram nessa loucura de fazer tudo ao mesmo tempo e também me proporcionaram força e respiro nessa trajetória, em especial: Felipe, Maria, Mariê, Evelyn, Leo, Vitor, Giovana, Lorena, Beatriz e Bruna.

Às/aos minhas/meus mais recentes
companheiras/os de trabalho e de afetos da Eduel, que nesses
últimos e tão importantes meses, foram acolhedoras/es, sensíveis
e compreensivas/os.

À minha familiar Wendy, meu aconchego e denço.

Às/aos demais amigas/os, colegas, familiares e
professoras/es, que contribuíram e conviveram comigo neste
período.

Muito Obrigada!

Tanto por uma necessidade visceral de negar radicalmente o que se vive como norma, ou normalidade, quanto por uma sede de viver outras vidas, a ficção é, para mim, um respiro, uma metodologia, uma técnica e uma pulsão.

(Lamberti, 2024, p. 53).

RESUMO

LIMA, Marina Sousa. **Personagens queers na animação “A Casa Coruja”**: a criação de novas formas de existência através da fantasia. 2025. 266 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Centro de Educação, Comunicação e Artes, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2025.

Esta dissertação centra-se na análise da construção de narrativas fantasiosas e de personagens queers, enquanto um dispositivo de ficcionar novas formas de existência, tendo como guia a animação “A Casa Coruja”, criada pela animadora estadunidense Dana Terrace, exibida pela Disney de 2020 a 2023. Levando em consideração os impactos da quebra de estereótipos, estigmas e preconceitos, principalmente contra a comunidade LGBTQIAPN+, analiso o primeiro episódio da animação, intitulado “Uma Bruxa Mentirosa e um Guardião”, pontuando saberes dissidentes, proporcionados pelo episódio e pela trajetória da personagem principal Luz Noceda. Relaciono-os com minhas vivências, enquanto corpo queer, efetuando trocas com diferentes autoras/es/us, em sua maioria, também dissidentes. Defendo que a autora da referida animação, especialmente neste primeiro episódio, utiliza da ficção e da fantasia para explorar identificações, exclusões, revoltas e pertencimentos com o objetivo de criar novas formas de existência a corpos abjetos. A animação contribui para questionar normas excludentes, heteronormativas, violentas, cis, brancas, colonizadoras, machistas, misógenas, transfóbicas e assassinas, recriando realidades onde pessoas queer possam ser aquilo que elas são ou querem ser livremente. Também introduzo a cartografia mestiça, enquanto metodologia, que transita entre ficção literária e pesquisa acadêmica, apresentando personagens autorais, para defender a ficção como alternativa

visionária de existir e transformar o mundo. Toda essa problematização é permeada pelas figuras centrais das bruxas, presentes na animação, que com suas potências decoloniais transformadoras, ressignificam existências, da primeira à última página do grimório.

Palavras-chave: Ficção; Animação; Queer; Bruxas; Dissidentes.

ABSTRACT

LIMA, Marina Sousa. **Queers characters in the animation “The Owl House”**: the creation of new forms of existence through fantasy. 2025. 266 p. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Centro de Educação, Comunicação e Artes, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2025.

This dissertation focuses on the analysis of the construction of fantastical narratives and queer characters as a device for fictionalizing new forms of existence, using the animated series “The Owl House,” created by American animator Dana Terrace and aired by Disney from 2020 to 2023, as a guide. Taking into account the impacts of breaking stereotypes, stigmas, and prejudices, especially against the LGBTQIAPN+ community, I analyze the first episode of the animation, entitled “A Lying Witch and a Guardian,” highlighting dissident knowledge provided by the episode and the trajectory of the main character, Luz Noceda. I relate them to my experiences as a queer body, exchanging ideas with different authors, most of whom are also dissidents. I argue that the author of this animation, especially in this first episode, uses fiction and fantasy to explore identifications, exclusions, revolts, and belongings with the aim of creating new forms of existence for abject bodies. The animation contributes to questioning exclusionary, heteronormative, violent, cis, white, colonizing, sexist, misogynistic, transphobic, and murderous norms, recreating realities where queer people can be who they are or want to be freely. I also introduce mestizo cartography as a methodology that moves between literary fiction and academic research, presenting original characters to defend fiction as a visionary alternative for existing and transforming the world. This entire discussion is permeated by the central figures of witches, present in the animation, who, with their transformative decolonial

powers, redefine existences from the first to the last page of the grimoire.

Key-words: Fiction; Animation; Queer; Witches; Dissidents.

SUMÁRIO

| | | |
|------------|--|------------|
| | PRIMEIRA PÁGINA DO GRIMÓRIO | 29 |
| 1.1 | Encontros | 39 |
| 2 | MEMORIAL: A BRUXA MESTIÇA CAFÉ COM LEITE | 46 |
| 3 | CAMINHOS METODOLÓGICOS: CARTOGRAFIA MESTIÇA | 84 |
| 3.1 | Fundamentos da cartografia mestiça | 84 |
| 3.2 | Processo de criação cartográfico mestiço | 92 |
| 4 | APRESENTANDO MARGOT | 102 |
| 4.1 | Contrabando de fantasias: Margot fala sobre seu passado e sua pesquisa..... | 108 |
| 4.2 | Margot fala sobre bruxas | 132 |
| 5 | A ANIMAÇÃO | 199 |
| 5.1 | Os personagens e sua criadora | 199 |
| 5.2 | Cartografia do primeiro episódio | 217 |
| 6 | ÚLTIMA PÁGINA DO GRIMÓRIO | 247 |

| | | |
|----------|--|------------|
| 7 | REFERÊNCIAS | 257 |
| 8 | ANEXOS..... | 265 |
| | ANEXO A - Formato original da dissertação . | 266 |



Para melhor imersão na pesquisa, recomendo aos/as/es leitores/as/us que assistam o 1º episódio da primeira temporada da animação “A Casa Coruja”, disponível no seguinte site:



<https://sites.google.com/view/the-owl-house-br/seleccione/1%C2%AA-temporada?authuser=0>

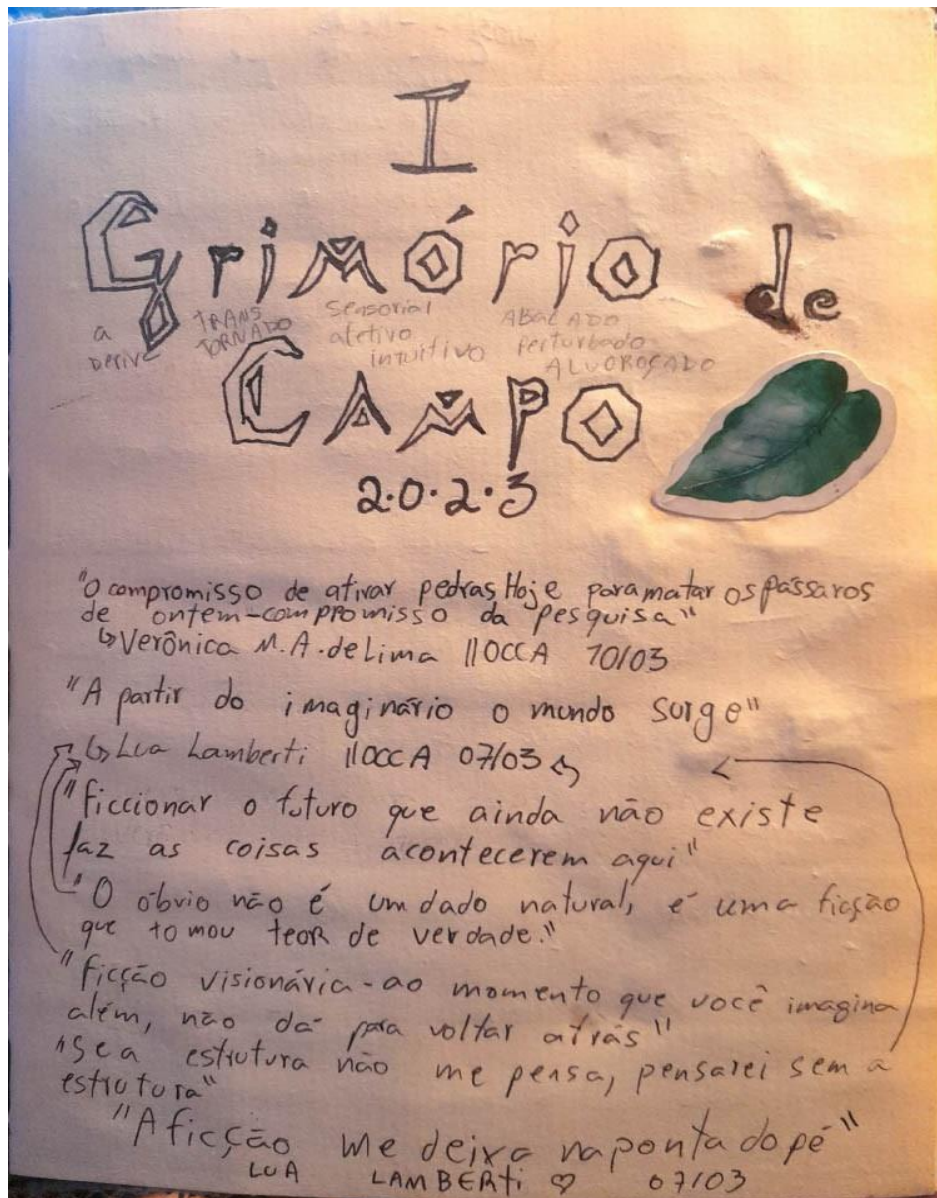


Antes de começar, mostro aqui, as primeiras folhas do meu caderno de pesquisa, intitulado de Grimório¹ de Campo, que, assim como uma bruxa anota em seu grimório suas experiências e magias, este possui algumas inquietações, citações, anotações e falas de professores, palestrantes e colegas que me atravessaram, me instigaram e me auxiliaram durante a trajetória e desenvolvimento desta pesquisa. No meio da dissertação, coloquei alguns destaques deste caderno de modo a demonstrar visualmente que este processo manual do fazer pesquisa é semelhante a um Grimório. Sem essas anotações, esboços e epifanias, talvez a pesquisa seria outra:




Grimório de campo produzido de forma artesanal, 2023, Marina Lima

¹ Nome dado ao livro de magia ou diário de uma bruxa que contém feitiços, receitas, anseios e vivências mágicas



Primeira folha do grimório contendo o título, adjetivos de inquietações e falas que me atravessaram no evento do II OCCA feitas por Lua Lambert e Maria de Fátima Lima Santos (que erroneamente a confundi por Verônica).



14/03/23 - REGIS
 CUIR - aquele que consou de
 SOFRER

- ↳ se libertou das tentativas de se encaixar.
- ↳ Liberdade dos Loucos e anormais
- ↳ a ameaça ao dar uma martelada no padrão
- ↳ Escancarar o ridículo do normativo
- ↳ para que haja menos solufos

→ QUEER É UMA INTERSECCIONALIDADE
 ↳ Dobra da potência

↳ A fofoca é a mãe da história
 16/03 ↳ Lua Lamberti - citado pela prof Márcia

14/03
 ↳ A Representação na mídia te faz questionar
 ↳ Bruna Meidroni

↳ Liberdade é não ter medo
 ↳ Gabriela Paula

↳ Literatura é um modo decolonial de escrever
 16/03 ↳ Prof Flávia - ENTRETENS

↳ Estereótipo mata
 ↳ Prof Márcia

↳ A história não ta dada ela é contada
 ↳ Prof Márcia

↳ A forma como se se coloca na história, influencia o conteúdo
 ↳ Renan Quinalha → Marco Antonio citou

Segunda folha do grímório contendo um esboço de Margot, falas de professores e colegas que me atravessaram em aulas ou reuniões de projeto de pesquisa.



Terceira folha do grêmório contendo um primeiro desenho de Margot, (Posteriormente produzi um redesign da personagem a partir de minhas novas concepções após meu maior tempo de jornada no mestrado) e uma fala de Lua Lamberti que ouvi no II OCCA.

" Não nos vemos se não sairmos de nós, é preciso
Sair da Ilha para ver a ilha - Saramago - Citado por
Dany na aula do Régis 27/03

→ A magia do homem Branco - Racional!
Encaixo tudo - Rigidez

→ Maior potencialidade da magia
↳ Emoção - fluidez

Neolinguagem 02/05
UNSC e ~~branco~~^{branco}

↳ Não binariedade n. é 3º gênero e
sim infinitos gêneros

+ pensar que gênero é uma categoria
colonial e fundacional
muitas comunidades indígenas
não possuem essa generalização
A disputa pelo corpo passa pela
disputa sobre o gênero

Exercício político de revisão a
linguagem desconstruindo as
relações desiguais de poder

cores da bandeira NB - Use

Roxo - Fluidez

Branco - Multigeneridades

Existências dependem da Linguagem
↳ ~~Admirável~~^{Admirável}

A Linguagem NB é a negação à binariedade de gênero



Quarta folha do grimório contendo um desenho de um animal fictício que imaginei, falas de professores e colegas que me atravessaram em aulas ou reuniões de projeto de pesquisa e algumas inquietações pessoais.

25/04

- A partir de que momento em sua vida você percebe ser visto como fracassado ou bem-sucedido (em relação a quê)?

- Como foi não conseguir virar chave e transformar sua corpa dissidente fracassada em potência?

20/05

↳ Ser reconhecido para o Lugar por além da mesma

↳ Preciado - Urse - na quebra futes - Jete Mombasa

10/07


"Encontrar a sombra pode ser uma experiência assustadora e chocante para a nossa auto-imagem. A sombra de uma pessoa não é necessariamente seu lado mal, mas um lado que não vai agir ditada ou moldada pelo moralismo e pelas construções sociais." Truffa

Wilson 03/05

↳ É necessário abraçar a sombra pl ã explodir na erise da meia idade"

↳ Tem que ter muita coragem para abraçar a sombra" Truffa

* Masina que pode Ruim é esse*
que vive toda a infelicidade de
exother???



Quinta folha do grímório contendo um desenho do personagem Wilson, tio de Margot, falas de professores e colegas que me atravessaram em aulas ou reuniões de projeto de pesquisa e algumas inquietações pessoais.

Epi 5
20:32
a
20:47
assistindo
a 1ª Temporada
pela 3ª vez
20/06

LUZ: E da você acha que vou ser uma bruxa de verdade?

EDA: O quê? Eu não sei. E quem é uma bruxa de verdade? Essas babacas? (aponta p/ as bruxas dos covens) De acordo com eles, Significa estar dentro de um coven, mas eu nunca entrei em um e sou melhor que todos eles juntos. Você precisa ser sua própria bruxa.

LUZ: Minha própria bruxa. (feliz)

* não use
* mais essa
caneleta com
aquasela!!



1ª Temp
Epi 6
Eda negociando o Estêxir c/ um demônio golpista

EDA: Oba! todo dez caramujos

12:47
a
13:01

TIBOTE-BOTANO : Bota mais dois zeros e feito.
MARTELO DO TERROR
TERCERO

EDA: Mil caramujos?! Que tipo de jogo o esse que está jogando?

T-BOTANO: Capitalismo! Onde todo mundo ganha exceto você!



22/06
Epi 7
1º temp.

Episódio em que Luz conhece os irmãos mais velhos de Amity na biblioteca além de um pouco mais sobre a vida e os gostos de Amity. Um diabinho começa a rolar, além de momentos em que Luz se mostra envergonhada com alguns comentários da irmã mais velha de Amity

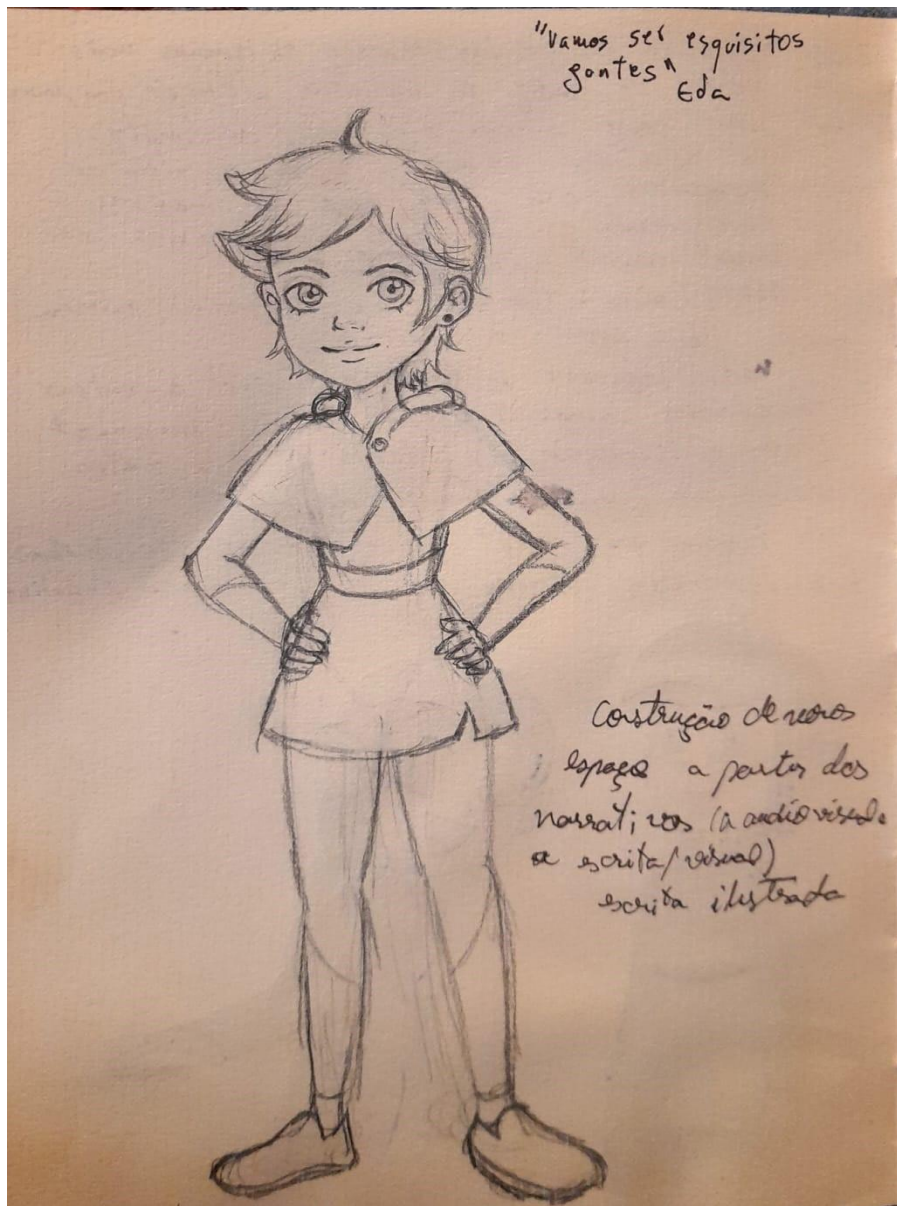
15:29 Emira: Tudo bem. Te vejo por aí, gatinha Luz cora

Nas legendas de fãs é possível encontrar comentários como: *blushes in bi language* (cora na linguagem bi) dando aí o primeiro indício da bissexualidade de Luz

Vale lembrar que no 2º episódio: Bruxas antes de Luz Luz demonstra interesse em um personagem masculino



Sétima folha do grimório contendo passagens que me chamaram atenção do sétimo episódio da primeira temporada da animação "A casa coruja" e algumas inquietações pessoais.



Oitava folha do grêmório um esboço da personagem principal da animação "A casa coruja": Luz Noceda e algumas inquietações pessoais.

Esse povo ã quer diferente no poder - Régis 17/07
 É mt difícil construir alianças - Azeiteira
 mesmo nas multidões queer

quer ãe identidade de gênero ou é o corpo
 do desencaixe - Régis
 Regimes políticos de exclusão

A representatividade tem um lado bom mas tb só representa
 o que é o estado ~~ela~~ representável - Sara sobre
 Butler

18/07 → NEAB

Flávia fala sobre Evaristo e como a casa dela
 sempre teve muitas histórias, muita oralidade

"O encantamento da família de Evaristo ao ser
 ver representado na obra de Maria Carolina de
 Jesus"

Marleide fala sobre a presença forte de mulheres que
 a Conceição traz na sua literatura
 → "me é muito familiar"

~~Flávia~~ Régis - a interseccionalidade veio do movimento
 Feminista Negro ~~mas~~ foi apropriado → Akotirene
 Fala

12/08 → Aula online

Verônica Lima → temas que despojam alguns mundos que são
 criados dentro da gente
 pega as ruínas e produz novo sentido
 Vans construir outro mundo a partir dessas ruínas
 Abraçar a contradição de estar no mundo como
 de e



Magia de Luz – Guache sobre papel paraná, 20cmx16cm, 2023, Marina Lima



1. Primeira página do Grimório

Esta pesquisa de Mestrado centra-se na análise da construção de personagens queers na animação “A Casa Coruja”, criada pela animadora estadunidense Dana Terrace e exibida pela Disney de 2020 a 2023, contendo três temporadas, com o total de 43 episódios. Levando em consideração os impactos da quebra de estereótipos e preconceitos principalmente contra a comunidade LGBTQIAPN+² e a sua representação em mídias audiovisuais, a autora, também membro desta comunidade, cuidadosamente ilustrou e desenvolveu personagens LGBTIAPN+ e Queers³. De modo sensível, acredito que a autora levou em consideração a sua própria vivência no desenvolvimento dos relacionamentos e identidades des⁴ personagens. Terrace até mesmo cria

² Sigla que contempla as diversidades de gênero, identidades e orientações sexuais como: Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transsexuais e Travestis, Queers, Intersexuais, Assexuais/Arromânticas/Agênero, Pansexuais, pessoas Não-Binárias e mais.

³ No decorrer da pesquisa, utilizo a sigla de duas formas, ora inserindo o Queer, ora não, pois entendo que o Queer não se restringe à pluralidade relacionada diretamente e exclusivamente à identidade de gênero e à orientação sexual.

⁴ Uso a linguagem inclusiva de gênero, primeiro por acreditar ser extremamente imprescindível a revisão da linguagem binária e exclusiva, de modo a contribuir com a desconstrução das relações desiguais de poder (Rodrigues; Brevilheri; Nalli, 2022.) Por este, dentre outros motivos a incorporo no decorrer do texto. E, segundo, pois existem vários personagens não binários que utilizam a neolinguagem tanto em minhas ficcionalizações quanto dentro da animação de Terrace. Logo, faz-se necessário esta inclusão.

uma figurante baseada em si mesma: Tinella Nosa, uma criatura demoníaca que também é dublada pela criadora da série.

Entendo que esse olhar cartográfico para o desenvolvimento de um enredo e seus personagens é essencial para a construção de narrativas contra hegemônicas que contribuem para a quebra de paradigmas, preconceções e apagamentos sofridos todos os dias principalmente para a comunidade LGBTIAPN+ e pessoas Queer. Ao desenvolver uma protagonista latina e bissexual, Dana Terrace faz com que “A Casa Coruja” seja uma animação precursora, avançando em muito na nossa luta por respeito, pertencimento e representatividade.

Meu primeiro contato com a animação foi no final de 2021 através de pequenos recortes de episódios disponíveis em uma rede social de vídeos curtos (Tiktok). Meu interesse se deu a um primeiro momento por ser um enredo fantástico permeado de bruxas e magias, um gênero pelo qual nutro uma admiração quase que doentia desde criança. Cresci em meio a uma enorme influência de narrativas fantásticas, sendo a principal delas a série de Harry Potter que acabou se tornando uma enorme decepção, tanto pela minha própria percepção de enormes falhas na narrativa que eu tanto idolatrava quanto nos criminosos atos de transfobia de sua autora que contribuíram para cair por terra toda aquela admiração. Encontrar uma animação sobre bruxas e magias me deixou feliz. Mas, ao pesquisar mais e perceber que além de ser uma série protagonizada por uma personagem feminina de origem latina ela ainda era bissexual. Foi um paraíso de felicidade para a Marina adolescente que ansiava por narrativas que contemplasse a sua existência e com personagens em que ela poderia se identificar.

Segundo a Disneyplus, empresa de streaming em que a animação é reproduzida, “A Casa Coruja” se encaixa nos gêneros de Anime, Comédia, Fantasia, Animação, Ação e Aventura (acesso em 2023). A animação conta a história de Luz Noceda, uma adolescente humana, que ao seguir uma coruja para recuperar seu livro de fantasia e bruxas favorito, acaba passando em um portal para um mundo mágico. Lá ela conhece Eda, uma bruxa rebelde e King, um pequeno ser que se diz o rei dos demônios, com quem faz amizade. Mesmo não tendo habilidades mágicas, Luz se encanta com o mundo de magia do qual sempre sonhou e decide se tornar aprendiz de Eda para concluir seu desejo de ser uma

bruxa. Luz passa a morar com Eda e King que eventualmente se tornam sua nova família.

Para muito além do enredo principal constatado na sinopse acima e a jornada de Luz Noceda em busca de atingir seu objetivo em ser uma bruxa, a animação explora temas que envolvem educação, questões políticas, diversidades de gênero, pluralidades, feminismos,

pertencimentos étnico-raciais e de orientação sexual, identidades, sociabilidades, assim como a Arte, a Literatura e a Comunicação em suas várias dimensões. Também se torna um marco por trazer a primeira protagonista bissexual em uma animação da Disney.

Além da protagonista, a animação traz uma série de personagens plurais, fantásticos, diversos, membros da comunidade LGBTIAPN+ e pessoas Queers, que quebram com estereótipos violentos e padrões





heteronormativos, reproduzidos pelas mídias hegemônicas contribuindo a construção de novos sentidos.

Dana Terrace trabalha com dois universos dentro da narrativa, o mundo real dos humanos e o Reino dos Demônios onde residem os demônios e as bruxas. No começo da história, a protagonista, Luz não consegue se encaixar e não se sente pertencente ao mundo real, que se mostra ser extremamente regrado podando a imaginação e a criatividade da menina que logo é considerada como uma esquisita. Já no Reino dos Demônios, apesar de ser permeado de bruxas e demônios, também existe uma hierarquia normativa de conduta, até mesmo com uma prisão chamada conformatório um lugar para quem é julgado como inadequado pela sociedade. Lá, Luz encontra prisioneiros, como uma escritora de romance entre comidas, um monstro que gosta de comer os próprios olhos e até mesmo uma personagem que acredita em teorias da conspiração inspirada na autora Dana Terrace. Luz se solidariza com as/os prisioneiras/os e com a ajuda da bruxa Eda e de seu demônio de estimação, King enfrentam o carcereiro e salvam todos.

Terrace traz os relacionamentos, as identidades LGBTIAPN+, as pessoas Queers e as características não hegemônicas dos personagens de forma muito natural dentro do universo mágico para onde Luz vai se aventurar. Ainda há a discussão em relação ao preconceito e a aversão ao diferente, mas o foco não é a LGBTQIAPN+fobia e sim a aversão aos que são consideradas/os/es como esquisitas/os/es que posteriormente descobrimos ser os que não compactuam com o sistema mágico imposto por um governo autoritário vigente no mundo dos demônios.

A forma como a animadora combina a tranquilidade de ser e existir dentro das diversidades sem um fatalismo exagerado contra a comunidade LGBTIAPN+ e pessoas Queers, conseguindo produzir uma crítica ao sistema de reprodução e disputa hegemônica é um dos principais pontos que me fizeram apaixonar pela narrativa que gera uma combinação certa entre indignação e conforto.

Outro ponto da narrativa que gostaria de destacar é a relação afetuosa, respeitosa e de apoio que a mãe de Luz demonstra pela filha, principalmente no momento em que a protagonista se assume para a mãe. Creio que ao representar a boa relação entre familiares, Dana quebra com um estereótipo de que toda pessoa LGBTIAPN+ que se assume para os pais, sofrerá alguma forma de repressão, que ainda ocorre infelizmente. Entretanto, ao mostrar que esse momento de se assumir pode ser tranquilo e saudável, contribui para uma construção de novos pensamentos e formas mais respeitosas de lidar com estas situações em nossa realidade atual.

A Casa Coruja possui várias cenas, personagens e elementos em que os estereótipos são questionados e quebrados que, enquanto membro da comunidade LGBTIAPN+, me tocaram, representaram, indignaram e

inspiraram para a construção desta pesquisa e da criação de narrativas outras que também partem de uma construção cartográfica sensível.

Destas narrativas outras, como metodologia de pesquisa, para além da cartografia, apresento uma pesquisa criadora, mestiça, onde dou voz a algumas/uns personagens que desenvolvi no período da pandemia de Covid-19, durante a conclusão da graduação em Artes Visuais, centrando-me em uma delas: Margot. Ao criar narrativas e personagens plurais, junto com o desenvolvimento da dissertação, relaciono com o guia da pesquisa, ao fazer como Dana Terrace em sua produção. De forma prática, pesquisei a partir de minha própria experiência a importância e os impactos de desenvolver narrativas plurais e inclusivas por meio da fabulação.

Logo, a história e as personagens que destaquei, entre elas/es algumas/uns autorais, que me auxiliarão no desenvolvimento desta dissertação, estão repletas de atmosferas vividas e de temas relacionados aos aprendidos nesta experiência acadêmica. Questões sociais, psicológicas, históricas, estéticas, práticas, políticas, culturais e ideológicas, relacionam-se com o contexto vivenciado, contra o machismo, a LBGQTQIAPN+fobia, o racismo e outras formas de discriminação.

Para a análise das características físicas e de personalidade de cada um dos personagens, priorizei reflexões acerca das diversidades e representatividades múltiplas, em etnias, em pertencimentos, identidades de gêneros e de orientações sexuais, em uma tentativa de quebrar com os padrões impostos pela sociedade machista, racista e heteronormativa na qual vivemos. Uma das intenções da narrativa é criticar não só o colonialismo, como também o monopólio de poder por homens ricos, brancos e héteros.

Utilizo como fundamentos teórico-metodológicos as contribuições principalmente de Jack Halberstam em seu livro “A arte queer do fracasso”, Judith Butler “Corpos que importam”, Carla Akotirene “Interseccionalidade”, Jota Mombaça “Não vão nos matar agora”, Chimamanda Adichie “O perigo de uma história única”, Glória Anzaldúa “La conciencia de la mestiza/Rumo a uma nova consciência”, Lua Lamberti “Pe-drag-ogia”; “Artes Transformistas:: Metodologias, Linguagens E Ficções Grotescas Em Bases Pedagógicas Transepistemológicas”, Walidah Imarisha “Reescrevendo o futuro: usando ficção científica para rever a justiça”, Silvia Federici “Calibã e a bruxa” entre outras/es/ os autores e textos das/os/es autoras/es citados acima.⁵ Também apresento conceitos de Conceição Evaristo, Luiz Rufino, Cecília Salles, Suely Rolnik, Eduardo Passos e Regina Benevides Barros para concretizar esta proposta de análise do processo cartográfico criativo da cartografia mestiça enquanto metodologia.

Nessa análise do fazer cartográfico/criativo, com passagens de ficção em processo, mostro também ilustrações das atmosferas em que as personagens de “A Casa Coruja” e autorais se encontram, entrelaçando-as com as passagens literárias e da animação, destacando múltiplas interações com lugares, ambientes, climas, contextos, situações problema e outros desafios que envolvem as/os personagens do enredo no decorrer de uma construção narrativa/visual.

Dana Terrace criou universos imaginários protagonizando iniciativas LGBTIAPN+ e Queers utilizando elementos surreais para a construção

⁵ Vale ressaltar que a maioria das/es/os autoras/us/es, pesquisadoras/us/es, artistas e personagens escolhidas/es/os para compor esta dissertação são corpos/os dissidentes. Alguns homens brancos, héteros e cis acabam aparecendo, mas fiz questão de que eles fossem a minoria nesse trabalho.

de suas histórias e poéticas. Possui uma produção narrativa, imagética e audiovisual. Para a produção de seu trabalho, inspirou-se em suas próprias trajetórias de vida, em contextos históricos em que vive, em sua cultura, crenças e variadas concepções.

O mesmo vale para a escolha da maior parte das/os/es autoras/es selecionados para o embasamento teórico deste trabalho. Tudo isto dialoga com o fato de serem pessoas plurais, inseridas em diferentes classes sociais, pertencimentos étnicos distintos, de cor/ raças, identidade de gênero, orientação sexual e gerações diversas. Esta delimitação torna-se viável, uma vez que suas obras e suas trajetórias estão disponíveis em artigos, teses, livros, exposições, dissertações e repositórios diversos em sítios online, dentro e, sobretudo, fora do Brasil.

Por isso, esta pesquisa visa a análise dos personagens LBGTIAPN+ e Queers de “A Casa Coruja” principalmente Luz Noceda, dialogando com minha própria criação narrativa visual, com ilustrações e imagens narrativas, inspiradas em fenômenos sociais e históricos. Neste caso, o recorte é baseado em questões de gênero, focalizando os personagens LBGTIAPN+ e Queers e um destaque especial para a cartografia do primeiro episódio da referida animação, analisando como que a representação LBGTIAPN+ e Queer nas narrativas literárias, visuais e audiovisuais influenciou na minha vivência e para a desconstrução da heteronormatividade, branca e eurocêntrica em nós imposta há tantos anos.



Essas delimitações tornam-se pertinentes, pelo fato de abrir possibilidades poéticas para o compartilhamento de minha própria experiência de construção artística e literária, por entender que se trata de uma forma libertadora de se expressar, aprender, construir e resistir neste contexto social que se tornou ainda mais opressor diante da conjuntura política fascista anterior, onde se percebeu o retrocesso de direitos sociais e humanos, especialmente das mulheres, negros, indígenas e a comunidade LGBTIAPN+.

Durante o início da pandemia de Covid-19 comecei a desenvolver uma narrativa fantasiosa autoral a princípio despreziosa. Entretanto, seu desenvolvimento se estendeu para muito além de minhas pequenas pretensões se tornando em uma narrativa de profundo autoconhecimento, conhecimento externo e como tudo aquilo conversava, ou seja, uma narrativa cartográfica tendo como principal tema questões sociais, políticas, raciais, LGBTQIAPN+, econômicas e decoloniais. Toda aquela realidade que girava em minha volta como uma estudante LGBTQIAPN+ de universidade pública em meio a um desgoverno político fascista em um país cada vez mais colonizado. A narrativa surge como uma síntese de toda aquela realidade embasada em meus conhecimentos adquiridos pelos teóricos/as/es estudados no curso superior e as narrativas audiovisuais e literárias consumidas.

Pensando nesta síntese cartográfica que gerou a narrativa autoral, dou continuidade a este processo analisando, agora, mais pontualmente as quebras de estereótipos LGBTQIAPN+, pluralidades e inclusão presentes na narrativa de “A Casa Coruja”, entendendo suas origens, conceitos, reflexões que podem ser ilustradas por pesquisadores/as já mencionados que discutem o assunto. Relaciono a narrativa “A Casa

Coruja” com minha narrativa autoral de modo a compreender sua importância na sociedade e nas gerações mais recentes.

Tendo essa cartografia como base, discuto de que maneira “A Casa Coruja”, marca uma geração de modo a incentivar a desconstrução de padrões heteronormativos e coloniais impostos, como se dá a construção cartográfica dos personagens que quebram com estereótipos LGBTQIAPN+fóbicos, padrões heteronormativos e hegemônicos e como esta série, através da fabulação, incentiva novos artistas, escritoras/es, produtoras/es, diretoras/es, a se sentirem empoderadas/os/es de seguir produzindo narrativas plurais, LGBQTIAPN+ e inclusivas.

Neste cenário, o objetivo geral desta pesquisa centra-se em refletir criticamente acerca do processo de ficcionalização de personagens LGBTIAPN+ e Queers na animação “A Casa Coruja”, dialogando com os trabalhos de pesquisadores/as artistas e escritoras/es/us, que criaram universos, inspiradas/os/es por suas próprias trajetórias tendo como foco proposições decoloniais, destacando alguns dos elementos da narrativa, de forma visual e ilustrativa.

Neste mesmo sentido, este propósito desdobra-se nos seguintes objetivos específicos: compreender, destacar e analisar a representação feminina, Queer e LGBTIAPN+ na animação “A Casa Coruja”, expressando-a através de novas formas artísticas feministas e decoloniais ⁶; Demonstrar de que maneira as minhas vivências e

⁶ Também vale ressaltar que apesar da animação ser estadunidense, a análise cartográfica é feita a partir de um olhar decolonial enquanto autora, mulher e latina.

das/des/dos artistas, pesquisadoras/es e escritoras/es selecionadas/os/us, interferem na ficcionalização de mundos nos seus processos poéticos e literários, levando em conta o desenvolvimento de uma pesquisa que inter-relaciona texto e imagem, contextualizando desafios atuais estruturais com o meu momento histórico de produção; Instigar as/es/os leitoras/ us/es a valorizarem suas próprias narrativas contra-hegemônicas, percebendo nelas suas potencialidades e formas distintas de expressar sonhos, perspectivas, indignações, denúncias e proposições assertivas que, de algum modo, interfiram em mudanças sociais relevantes para suas próprias vidas e para a democratização das ciências e das artes neste país, permeado por tantas desigualdades, especialmente social, racial e de gênero (as mais discutidas na obra).



1.1 Encontros

Como primeiros passos de investigação, pontuo, analiso criticamente e questiono a implementação “goela a baixo” das normas heteronormativas vigentes na realidade atual justificadas pelo cristianismo, capitalismo, patriarcalismo, colonialismo e manutenção da norma e bons costumes.

Halberstam (2020) em seu livro “A arte Queer do fracasso”, destaca o pensamento de Paulo Freire que pontua como a circulação de conhecimento ainda é pautada de forma colonial a partir da desvalidação daquilo que não é considerado conhecimento segundo a imposição colonial elitista:

Quando nos ensinam que não podemos saber coisas a menos que grandes mentes nos ensinem, submetemo-nos a uma ampla combinação de práticas da não liberdade que assumem a forma de relação colonial (Freire apud Halberstam, 2020, p.21).

Halberstam também pontua a importância da memória e como ela é usada pelo sistema de modo a continuar um processo de alienação e de manutenção das violências, discriminações, exclusões, morte do que é considerado diferente e fora do padrão heteronormativo estabelecido:

[...], a meditação de Avery Gordon sobre esquecer e assombrar, todos defendem certa forma de apagamento acima da memória, precisamente porque a memorialização tende a organizar histórias desordenadas (de escravidão, holocausto, guerras etc.). A memória é, em si, um mecanismo disciplinar que Foucault denomina “um ritual de poder”; ela seleciona o que é importante (as histórias de triunfos), ela lê uma narrativa contínua a partir de rupturas e contradições e estabelece precedentes para outras “memorializações”. (Halberstam, 2020, p.21).

Nossa história está permeada de exclusões, apagamentos, censuras. Qualquer pessoa que fugisse do padrão eurocêntrico, branco e heteronormativo estava e ainda está sujeito a exclusão na academia, na arte, no cinema, na produção de saber, e em diversos outros setores. Mas, focando aqui nas narrativas fantásticas, é extremamente recente a não

existência dessas pessoas nas histórias ou pior, a existência estereotipada, preconceituosa e depreciativa. Como Conceição Evaristo expõe:

Nesse sentido, parece que a literatura, ao compor o negro ora como um sujeito afásico, possuidor de uma “meia-língua”, ora como detentor de uma linguagem estranha e ainda incapaz de “apreender” o idioma do branco, ou ainda como alguém anteriormente mudo e que, ao falar, simplesmente “imita”, “copia” o branco, revela o espaço não-negociável da língua e da linguagem que a cultura dominante pretende exercer sobre a cultura negra, o que sugere as questões levantadas por Eni Orlandi (1988; 1990) em seus estudos sobre análise do discurso. (Evaristo, 2009, p.22).

Completando a fala de Evaristo sobre a população negra, trago aqui, mais uma vez, uma passagem de Halberstam em relação a população LGBTIAPN+ e pessoas Queers que também sofre constantemente com apagamentos, violências e esteriotipações nas narrativas: “Gênero e sexualidade são, afinal, com muito frequência excluídos da maioria dos relatos em grande escala de mundos alternativos (Halberstam, 2020, p.27).”

Para além de explicitar a recorrente esteriotipação, censura e violência contra as populações não brancas e não heteronormativas, exploro o outro lado, ou seja, o lado dessas pessoas que resistem e lutam pelo direito de serem ouvidas, de terem suas narrativas publicadas, circuladas, premiadas, consideradas. O direito da circulação de histórias plurais. Muito me anima poder presenciar e testemunhar esta realidade em que estas narrativas LGBTQIAPN+ e decoloniais estão ganhando cada vez mais espaço, cada vez mais público e conseqüentemente cada vez mais novas histórias. Halbesrtam também pontua:

Acadêmicos, ativistas, artistas e personagens de desenho animado há muito tempo estão em busca de uma forma de

verbalizar uma visão alternativa de vida, amor e trabalho e de colocar em prática essa visão. Através do uso de manifestos, de uma gama de estratégias políticas e de novas tecnologias de representação, utopistas radicais continuam a procurar diferentes maneiras de ser no mundo e de ser em relação um com o outro do que aquelas prescritas para o sujeito liberal e consumidor. (Halberstam, 2020, p.6).

Como pertencente deste público, resalto a narrativa audiovisual que traz um universo fantástico permeado de personagens não brancas/os, LGBTIAPN+ e Queers que ganhou enorme visibilidade e certamente marcou uma geração devido a forma não estereotipada em que essas pluralidades são abordadas nas narrativas: A animação da Disney “A Casa Coruja”. A narrativa traz como personagem principal uma adolescente determinada, LGBTQIAPN+ de origem latina. Quais serão os impactos de consumir esta narrativa para jovens, adolescentes e crianças? Qual sua importância para futuras/ os/es produtoras/es de saber e futuras/os/es criadoras/es de novas narrativas?

Criar narrativas é uma forma imensurável de poder. Divulgar histórias decoloniais e que retratam e valorizam a população não branca, Queer e LGBTIAPN+ é uma forma de revolução. Assim como Glória Anzaldúa pontua:

Escrever é perigoso porque temos medo do que a escrita revela: os medos, as raivas, a força de uma mulher sob uma opressão tripla ou quádrupla. Porém neste ato reside nossa sobrevivência, porque uma mulher que escreve tem poder. E uma mulher com poder é temida. (Anzaldúa, 2000, p. 234).

São com esses pensamentos em mente que pesquiso esta representatividade e enalteço estas narrativas que trazem personagens plurais, LGBTIAPN+ e Queers de modo a produzir uma pesquisa cartográfica que entrelace com minha própria produção analisando criticamente o alcance dessas narrativas e como que elas se reverberam e auxiliam na desconstrução da heteronormatividade colonial que nos é imposta. Por entender que existe uma interseccionalidade entre as lutas, destaco:

Qualquer ataque contra pessoas negras é uma questão lésbica e gay, porque eu e milhares de mulheres negras somos parte da comunidade lésbica. Qualquer ataque contra lésbicas e gays é uma questão de negros porque milhares de lésbicas e gays são negros. Não existe hierarquia de opressão. Eu não posso me dar ao luxo de lutar contra uma forma de opressão apenas. Não posso me permitir acreditar que ser livre de intolerância é um direito de um grupo particular. (Lorde apud Akotirene, 2020, p. 43).

Ponto estas interseccionalidades, pois a luta dessas pessoas também é a minha luta. A vontade de existir, resistir e viver também é a minha vontade. Anzaldúa também traz esta interseccionalidade em uma de suas passagens:

Em São Francisco, que é onde vivo agora, ninguém mexe mais com o público, com sua arte e verdade, do que Cherríe Moraga (chicana), Genny Lim (asiático-americana) e Luisah Teish (negra). Na companhia de mulheres como estas, a solidão do escrever e a sensação de falta de poder dissipam-se. Podemos caminhar juntas falando do que escrevemos, lendo uma para outra. Quando estou sozinha, mesmo junto às outras, a escrita me possui cada vez mais e

me faz saltar para um lugar sem tempo e espaço, não-lugar, onde esqueço de mim e sinto ser o universo. Isto é o poder. Não é no papel que você cria, mas no seu interior, nas vísceras e nos tecidos vivos — chamo isto de escrita orgânica. (Anzaldúa, 2000, p. 234).

Compartilho deste sentimento de Anzaldúa, no qual criar uma narrativa visceral gera poder, fortalecendo pertencimentos, um lugar de luta, de existência, de representar e se sentir representada. Um território que deve ser expandido para mais mulheres, pessoas LGBTIAPN+, pessoas Queers, pessoas negras, pessoas indígenas, pessoas ciganas, pessoas não brancas se perceberem pertencentes desta realidade, representadas, incluídas, fortalecidas e estimuladas a dar sequência à novas narrativas viscerais, com novos pontos de vista, numa sociedade que precisa ser mais inclusiva e decolonial.







2. Memorial: A Bruxa Mestiça Café com Leite

Assim como diversas crianças, sempre brinquei de faz de conta. Imaginar mundos novos e diferentes realidades fez parte de meu crescimento. Era o que me fazia imensamente feliz. As brincadeiras eram estruturadas em minha realidade, nas trocas, nas vivências e nas narrativas que consumia. Em recordações, talvez um pouco falhas e pretensiosas, imaginar na infância é tranquilo, saudável e natural.

Nas palavras de Dyana Wynne Jones (1981)⁷, escritora inglesa de literatura infanto-juvenil, as crianças precisam das brincadeiras de faz de conta. Brincam com frequência, pois é o que as faz felizes. Mesmo incorporando temas violentos e de maior seriedade, aquele é o mundo delas. Seja em grupo ou individualmente, é o momento em que se tem controle daquela realidade imaginária.

Na adolescência e na juventude, de outras formas, continuei brincando de faz de conta. Os enredos se desenvolveram junto comigo, movidos não apenas pela felicidade, mas pela tristeza e a raiva de não se

⁷ Escritora britânica de literatura infanto-juvenil. Autora de “O castelo animado”, posteriormente adaptado para animação por Hayao Miyazaki, escreve um livro intitulado: reflexões da magia de escrever. Este trecho foi retirado deste livro no capítulo: As crianças na floresta (tradução própria). Apesar de ser uma escritora inglesa citada em um trabalho decolonial, a coloco propositalmente neste início de modo a ilustrar como meu pensamento também se iniciou num formato muito colonial. Os encontros com autoras/es decoloniais, se deram no decorrer da minha trajetória de pesquisadora, assim como tento ilustrar neste memorial e nesta pesquisa.

encaixar no quadrado em que cresci. Até há alguns anos atrás, entendia a fabulação e a criação como um escape da realidade, um local de felicidade em que eu tinha total controle, um refúgio às situações as quais não me sentia confortável. Era uma zona de conforto, tão intensa que se tornou uma extensão do meu ser.

Entretanto, havia algo a mais do que apenas um refúgio. Se tornou uma necessidade, a única alternativa de coexistir em uma realidade escassa de novas formas de existência que fugiam do padrão heteronormativo, capitalista, branco e masculino que não me encaixava. Ao chegar a esta constatação, inúmeras perguntas começaram a me perturbar: O que de fato eram estas ficcionalizações? Por que isto estava acontecendo? Nesse contexto, onde eu era inserida? Existem outras pessoas que também passam pela mesma situação? O que elas fizeram a partir disto? A que resultados chegaram? Como esses resultados afetaram? Qual a relação desta criação de novas realidades com identidade de gênero e orientação sexual?

Permeada por estas indagações, procurei referências, vivências e mídias produzidas por pessoas que precisaram criar suas próprias realidades e formas de existência neste mundo, como pontua Jota Mombaça (2021)⁸, em ruínas. Em um primeiro momento, procurei, em minha trajetória, uma narrativa ficcional e fantasiosa que se identificasse com estas indagações e poderia servir como auxílio para respondê-las. É aqui que me apresento enquanto bruxa onde a fonte de minha magia está na criação, no imaginário, no ficcional, na fantasia.

A trajetória para se entender enquanto bruxa e ressignificar a potência desta magia, não foi e ainda não é nada fácil. Os lugares

⁸ Mombaça, Jota. Não vão nos matar agora. Editora Cobogó, 2021.

definidos pela heteronorma branca cis não me cabiam, logo não havia uma rota traçada a ser seguida. O medo, a invalidação e a insegurança foram e, às vezes, ainda são (pois é uma luta constante) os monstros que me acompanham nestas fronteiras entre lugares.

Embasada no conceito de Glória Anzaldúa, me situo enquanto Mestiza, uma mulher de fronteiras:

Na confluência de duas ou mais cadeias genéticas, com os cromossomos constantemente ultrapassando fronteiras, essa mistura de raças, em vez de resultar em um ser inferior, gera uma prole híbrida, uma espécie mutável, mais maleável, com uma rica carga genética. A partir dessa “transpolinização” racial, ideológica, cultural e biológica, uma consciência outra está em formação – uma nova consciência mestiza, una conciencia de mujer. Uma consciência das Fronteiras. (Anzaldúa, 2005, p.704).

Anzaldúa, em seu texto: “La conciencia de la mestiza/ Rumo a uma nova consciência.” (2005), expressa as dificuldades, inquietudes e potências de viver nas bordas, nas encruzilhadas, nas fronteiras.

Nasci e cresço em várias fronteiras. A única talvez geográfica é Londrina. Por mais estranho que soe, para mim, Londrina é uma cidade de fronteira. Ela está entre Palmital e Rolândia, duas cidades que fizeram parte da minha construção. Palmital, cidade no sul do estado de São Paulo, é a cidade natal de meu pai e onde até poucos anos atrás, viveu grande parte da minha família paterna. Até o falecimento de meu avô era para lá que íamos pelo menos uma vez ao mês. É onde está toda a história do meu pai, que faz parte da minha história. Sempre foi um lugar de carinho, aconchego, histórias, comidas gostosas e brincadeiras. Porém, às vezes, eu andava em ovos. A família de meu pai sempre foi mais fechada e com alguns problemas de comunicação. Para mim sempre foi difícil ler o ambiente e me sentir totalmente confortável, entretanto lá

vivi momentos que fizeram parte do meu desenvolvimento afetivo e psíquico, memórias e vivências que não trocaria por nada nesse universo todo.

Já Rolândia, cidade um pouquinho mais para o sudeste do Paraná, cidade natal de minha mãe, foi onde passei a maior parte do tempo. Por ser mais próxima de Londrina do que Palmital, geralmente vamos para lá uma vez na semana. Conviver com a família de minha mãe sempre foi um pouco mais fácil, pois nunca teve muito enraizado o pensamento de o que as outras pessoas vão achar. Evidente que existe, mas ali dentro entre nós sempre foi muito mais tranquilo.

Os erros são levados como algo natural desta família que se intitula carinhosamente como regagenta. A convivência é sempre muito mais leve e tranquila. Existem exceções, devido a religiosidade extrema de minha avó, a matriarca da família. Ela nunca aceitou muito bem pessoas lgbtqia+ ou pessoas de outras religiões. Porém, ela nunca deixou de amar as pessoas mesmo não concordando, mesmo achando que é um pecado gravíssimo e que você devia confessar na igreja.

Londrina foi a cidade que meus pais escolheram para construir a vida, e onde nasci. Mas, chamo-a de fronteira, pois por muito tempo me senti pertencente e nativa destas três cidades. Era quase como se Palmital e Rolândia fossem polos opostos e Londrina um entre difícil e aconchegante ao mesmo tempo. Difícil, pois viver na fronteira, às vezes, te dá a sensação de isolamento, de medo. É um lugar que não possui raízes, não possui tradições. Entretanto, justamente por isso pode se tornar aconchegante, pois é um refúgio que te possibilita várias oportunidades de construção. E Londrina é uma cidade difícil, suas frestas são muito pequenas, mas imensas por dentro.

Ainda transpasso geograficamente as fronteiras físicas das cidades, tendo hoje Palmital parcialmente sendo substituída por Sertanópolis.

Sou filha única, pais oriundos de famílias pobres, mas que passaram em concursos públicos, possibilitando cada vez mais estabilidade financeira. Cresci dentro de uma família classe média onde nada me faltava, mas não podíamos ceder aos exageros. Boa parte de minha infância passei com minha avó materna e meus primos. Sendo minha mãe a única filha, até então, concursada, a realidade financeira dos meus primos era totalmente diferente da minha. Mesmo com minha mãe ajudando a família financeiramente, eu tinha privilégios que meus primos não tinham.

No entanto, ela sempre me ensinou a reconhecer isso. Minha mãe, professora, preocupada com minha educação, me colocou toda vida em colégios particulares. Lá conheci de perto a rotina de pessoas que possuíam bem mais privilégios dos que eu já possuía em relação a meus primos. Mesmo sem poder aquisitivo o suficiente eu também me inseri neste lugar. Logo cedo eu já tinha a vivência de dois lugares distintos, A realidade abastada dos meus colegas de classe e a vivência com a parte materna de minha família.

Eu pertencia a esses dois lugares, mas não totalmente.

Minha mãe é uma mulher negra e meu pai um homem branco. Nasce ocre. Creio que bem mais para branca do que para parda, mas não acho que me encaixo como branca, assim como também não acho que me encaixo como parda.... Por estudar em colégio particular, muitas vezes, eu era a que tinha um tom de pele mais escuro da sala. Também sempre fui excluída, mas não sei se consigo pontuar exatamente o motivo, sendo uma soma de coisas ou talvez apenas a desigualdade racial. Pelo tom de pele sei que já sofri fetichismo, mas jamais experenciei o medo da minha

mãe de mexer na própria bolsa em uma loja pela possibilidade de ser acusada de roubo, nem fui parada inúmeras vezes para ser revistada em qualquer estabelecimento que entrávamos. Entretanto, eu ainda não era percebida enquanto branca pelos abastados colegas de classe que eu tinha.

Na parte materna da família eu era branca, na parte paterna eu era parda. Minha mãe passou para mim seu orgulho de ser uma mulher negra e por muito tempo eu realmente achei que era a coisa mais incrível do mundo. Como eu não sentia na pele o que ela sentia, demorei a entender de fato qual era o real significado de ser uma mulher negra em um país racista como o Brasil. O medo que ela sente, no local em que vivo hoje, não sinto. Mas, ainda não sou branca, o que sinto é que sempre tem uma pequena pausa enquanto as pessoas tentam entender aonde vão me colocar. Isso eu, com certeza, sei na pele. Uma incerteza, uma confusão, pois é o que sinto todo santo dia⁹.

⁹ Encontro conexão com este debate sobre o colorismo, sobretudo, na obra da autora negra brasileira Ana Maria Gonçalves, intitulada “Um Defeito de Cor” (2006). Segundo Joice Pilar de Carvalho Souza, na dissertação defendida no Programa de Mestrado em Letras, da Universidade Federal de São João Del-Rei, intitulada “Um Defeito de Cor: A Hierarquia Racial a partir da Obra de Ana Maria Gonçalves”, “no enredo, que faz referência à conjuntura escravista do século XIX, a narradora-protagonista, Kehinde, relata sua trajetória desde os oito anos de idade, quando vivia na África. A narrativa inicia-se com a captura da protagonista, perpassa a travessia no Oceano Atlântico, o seu convívio no Brasil, a chegada de seus filhos, as perdas e, por fim, a reconstrução de sua vida com seu retorno à África. O primeiro capítulo aborda as mazelas vividas e impostas aos povos que foram escravizados, evidenciando os maus-tratos físicos e simbólicos. A hierarquia racial é constatada em toda a narrativa, envolvendo personagens brancos, negros claros (os mulatos), negros brasileiros (os crioulos) e os negros africanos. Seguindo essa ótica, são abordadas as pressuposições construídas pela branquitude no período colonial, que resultaram em uma sociedade racialmente hierarquizada”. (Souza, 2023, p. 8).

Não pertenço a nenhum desses dois lugares, mas não totalmente.

Além de filha única, sou a única neta por parte de pai e a neta mais velha por parte de mãe. Eu era a primeira, a que não tinha a pressão de um modelo para seguir, mas também toda a pressão de construir um caminho para os que viriam a seguir. Cresci com meus primos de segundo grau e meu tio mais novo. As brincadeiras dos meninos eram vídeo games, já as das meninas, eram casinha. Amava brincar das duas coisas e ao mesmo tempo sentia que não pertencia às duas coisas.

Não tinha vídeo game em casa, meus pais não gostavam muito, então eu não jogava o tanto que eles jogavam, logo eu não era tão boa e acabava ficando para trás. Já casinha, por mais longe que eu ia na minha imaginação, para além dos papéis pré-estabelecidos de gênero, ainda era limitante demais, eu enjoava muito rápido. Com os meninos, eu era garota demais e com as meninas, estranha demais. Na pré-adolescência até cheguei a assumir um papel extremamente feminino, de pensar só em namorinhos, maquiagem, shopping, aquelas irritantes intriguinhas de inimizades e competição feminina. Nossa, como eu me cansava.

Não acho que eu era percebida visualmente como masculina no grupinho das meninas na escola. Visualmente eu sabia que era estranha. Como? Acho que uma soma de coisas, mas masculina eu era percebida enquanto a interesses. Enquanto todas comentavam sobre o último episódio de *Pretty Little Liars*, *Glee* ou *Gossip Girl*, por mais que alguns eu até minimamente me interessava e tentava acompanhar, preferia *Naruto*, *Harry Potter*, *Senhor dos Anéis*, *Pokemon* e histórias de terror. Entretanto, ainda faltava algo nos animes e filmes de fantasia e aventura que eu consumia...

Eu amava e pertencia a estes dois lugares, mas sempre faltava alguma coisa. Faltavam mulheres fofoqueiras que se importavam com a

aparência, compras e namoro, mas que também eram fortes, inteligentes, assassinas, aventureiras, mágicas e não levavam desaforo para casa.

Para além do binário papel de gênero normativo que socialmente eu tinha que seguir na forma de agir, aparência e gostos, muito cedo eu descobri a parte violenta e amedrontadora de ser mulher. Só o fato de ser designada do sexo feminino ao nascimento você já ganha de bônus um rótulo de fragilidade. Minha mãe sempre teve medo disso, sempre me incentivou a ser autossuficiente, a não depender de homem e a se virar sozinha. Meu pai também, talvez não com os métodos mais efetivos, mas aprendi e aprendo muito com ele. Entretanto, mesmo criada com consciência crítica e elementos para me auto defender eu ainda fui vítima inúmeras vezes. Principalmente enquanto criança e adolescente... Muito cedo, descobri o quão horripilante, nojento e violento um homem pode ser.

Descobri o peso que é conviver constantemente com medo e como é custoso enfrentá-lo todos os dias ao sair de casa e, às vezes, até mesmo dentro de casa. Convivi e ainda convivo com o medo de vizinhos, funcionários do condomínio, prestadores de serviço, etc. Mesmo com consciência e recursos, perdi as contas das vezes sofri assédio moral e sexual de homens e fiquei calada. Com 11,12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 23, 24 anos.... dos 20 aos 22 foi o período que ficamos em quarentena devido a pandemia. Quando voltamos da quarentena eu me descuidei e fui horripilantemente recordada da podridão em que vivemos por um prestador de serviço que veio reformar o banheiro de casa.¹⁰

¹⁰ Conforme a OMS, uma a cada três mulheres (cerca de 736 milhões de pessoas) em todo o mundo sofreu violência física ou sexual por parte de seu parceiro ou violência sexual por parte de um não parceiro, com dados de 2000 a 2018 (Nações Unidas Brasil, 2021). A pesquisa Visível e invisível: a

O medo limita, poda e te faz sentir-se culpada. “Me descuidei” como se a culpa fosse minha por ser assediada dentro de minha própria casa. Antes mesmo de saber ler eu já sabia por onde eu podia ou não podia andar, com quem eu podia ou não podia me aproximar, que roupa eu podia ou não podia usar, o que eu podia ou não podia falar, como eu podia e como eu não podia me sentar. Se eu não cumprisse o que me era dito, qualquer coisa ruim que acontecesse a culpa era minha. Sentei de perna aberta com vestido, por isso que olharam para a calcinha de uma criança de 11 anos. Eu andei sozinha às 15h da tarde, por isso que um estranho passou a mão em uma adolescente de 13 anos na rua. Eu atravessei o corredor da minha própria casa, próximo ao um homem que trabalhava ali, por isso recebi um beijo a força. Isso que eu não estava sozinha, não quero nem imaginar o que seria se eu estivesse.

Por muito tempo eu odiei ser mulher, me culpei por ter nascido tão impotente, fraca, alvo fácil. Mas eu também sabia que a culpa não era minha. Por mais difícil que é não sentir esse fardo, o problema não é ser mulher, e sim conviver com homem nessa sociedade machista como expõe Saez e Carrascosa no livro “Pelo Cu”:

Ser ativo ou passivo se associa historicamente a uma relação de poder binário: dominador-dominado, amo-

vitimização de mulheres no Brasil, do Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP, 2023, p. 23), estima que, “em média, 18,6 milhões de brasileiras, de 16 anos ou mais, sofreram alguma forma de violência ao longo de 2022”. O tipo de violência mais frequentemente relatado são ofensas verbais, que vitimou 14,9 milhões de mulheres. “Agressões físicas como socos, tapas e chutes atingiram 8 milhões de mulheres e ofensas sexuais 5,8 milhões.” (Apud Sousa, Uchôa, Barreto, 2024, s/p). Ver mais em: ARTIGO TEMÁTICO. Serv. Soc. Soc. 147 (2).

2024. Inserido em: <https://doi.org/10.1590/0101-6628.376>. Acesso em 26/10/2025).

escravo, ganhador-perdedor, forte-fraco, poderoso-submisso, proprietário-propriedade, sujeito-objeto, penetrador-penetrado, isso tudo dentro de outro esquema subjacente de gênero: masculino-feminino, homem-mulher. O macho se constrói assumindo esses valores, o primeiro termo do par. “A mulher” no sentido de Wittig, de uma categoria criada pelo regime heterossexual, constrói-se associada ao segundo termo deste par binário. (Saez, Carrascosa, 2017, p.30)

Passei a odiar homens e a amar mulheres. Tudo é muito extremo na adolescência, não é? Demorei a compreender o real significado desses polos binários e para que eles foram inventados. Só depois de entender que esta divisão rígida entre masculino e feminino é um mecanismo colonialista de controle (Oyèrónké, 2021), é que comecei a rever meus conceitos do que significava o masculino e o feminino para mim.

O homem branco, cisgênero, heterossexual, europeu, burguês, é aquele que teve para o si o direito de nomear todas as outras pessoas. A negra é negra em relação ao branco. A mulher é a outra do homem. A população homossexual é a sexualidade dissidente. Dissidente do quê?! Esse enunciado pressupõe que o normal, o verdadeiro, é nascer hétero. Estranho é ser isso aí, dissidente, esquisita. Será que essa narrativa seria assim se quem falasse sobre homossexualidade quando o termo foi cunhado fosse uma pessoa homossexual? Aliás, para ficar bem explícita essa relação de privilégio, os termos homo e trans surgem antes de heterossexual e cisgênero. Porque a gente primeiro nomeia a aberração, pra então validar o lugar da normalidade. Precisamos das histórias que não foram contadas. (Lamberti, 2021, p.14-15).

Hoje tento transitar em suas fronteiras, aos poucos tentando absorver e transformar o que me interessa destes dois lugares.

Talvez por esse medo, traumas, ódio e pressão social, demorei a me entender enquanto pansexual (pessoa atraída por outras pessoas independente de gênero). Não foi fácil descobrir e mais ainda não é fácil existir e ser percebida na sociedade que constantemente invisibiliza bissexuais e pansexuais. É sempre uma fase. Quando você está com homem você é hétero, quando está com mulher é lésbica, quando está com pessoa não binária aí é dupla invisibilização. É muito cansativo. Por que te forçam a escolher um lado? Uma coisa não exclui a outra.

Aqui eu não transito pois estou em todos os lugares ao mesmo tempo.

Por fim, decidi trabalhar com criatividade. Me formei em Artes, entrei em Design, escrevo um livro, ilustro... Percebo que trabalhar com arte é um ofício que desvia completamente dos caminhos já traçados e definidos, mais que isso, desafia os caminhos já traçados e cria novos. Atalhos mais curtos ou, às vezes, mais longos, mas sempre muito mais interessantes. Para quem nunca conseguiu se identificar com apenas um lado do cubo, sair pelas bordas e criar uma esfera se tornou uma necessidade, um respiro e um prazer. Porém, não é nada fácil...

Demorou muito para que eu entendesse a potência da criação e talvez ainda não entenda completamente. A princípio, criar era um refúgio, uma fresta de respiro entre as esmagadoras polaridades das quais eu não me encaixava ou transitava. Era uma cabana que me protegia das tempestades da fronteira:

A ambivalência proveniente do choque de vozes resulta em estados mentais e emocionais de perplexidade. A contenda interior resulta em insegurança e indecisão. A personalidade dupla ou múltipla da mestiza é assolada por uma inquietude psíquica. (Anzaldúa, 2005, p.705).

Até onde me lembro, nunca parei quieta. Fisicamente talvez, mas mentalmente? Nunca. Nunca houve um segundo de paz nessa cabecinha que corre à mais de 500km/h. Parte dessa inquietude, ando descobrindo recentemente em terapia, se dá por questões neuro atípicas como as altas habilidades e TDAH¹¹. Mas, também uma ansiedade crônica oriunda principalmente em não entender, não concordar, não reproduzir e ser punida pelas normas sociais machistas, racistas e homofóbicas pré-estabelecidas de gênero, conduta e normatividade. Não se encaixar no que é esperado de uma conduta social ditada pelas condições de seu nascimento é viver em constante dor e medo. Medo de não ser aceita, do abandono, da solidão, do bullying, da violência e da morte.

Cansei e ainda me canso de tentar encaixar-me nessas caixas produzidas por um (cis)tema que há muito tempo pensou nesta divisou como expõe Lauretis:

Poderíamos dizer que, assim como a sexualidade, o gênero não é uma propriedade de corpos nem algo existente a priori nos seres humanos, mas, nas palavras de Foucault, “o conjunto de efeitos produzidos em corpos, comportamentos e relações sociais”, por meio do desdobramento de “uma complexa tecnologia política”. (De Lauretis, 1994, p.208).

Às vezes, precisamos nos encaixar como forma de sobrevivência física, mas junto abdicamos uma boa parte se não toda a nossa saúde mental. Aos poucos encontrei brechas, frestas e rachaduras que me possibilitaram

¹¹ Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH) é uma condição crônica que se caracteriza por desatenção, hiperatividade e impulsividade.

transpassar por entre as bordas. Estar e não estar, buscar por ar e afogar-se na contradição que isso, muitas vezes, me causa.

Nascida em uma cultura, posicionada entre duas culturas, estendendo-se sobre todas as três culturas e seus sistemas de valores, la mestiza enfrenta uma luta de carne, uma luta de fronteiras, uma guerra interior. Como todas as pessoas, percebemos a versão da realidade que nossa cultura comunica. Como outros/as que vivem em mais de uma cultura, recebemos mensagens múltiplas, muitas vezes contrárias. O encontro de duas estruturas referenciais consistentes, mas geralmente incompatíveis, causa um choque, uma colisão cultural. (Anzaldúa, 2005, p.705).

Até eu conseguir compreender a potência das fronteiras, passei por um enorme e doloroso processo de, como cita Anzaldúa, luta de carne, uma guerra interior. O que chamo de momento café com leite.

Como citei anteriormente, nunca consegui me encaixar completamente em diversos, se não todos, os territórios bem delimitados em que permeei. Me sentia desconexa das pessoas a minha volta, sozinha, estranha e invisível. Mesmo tendo o privilégio de ter apoio emocional em casa (que tenho certeza que foi essencial para meu desenvolvimento, além de um enorme porto seguro), em uma certa idade, nos desprendemos de casa e a opinião dos pais não se torna suficiente.

Ao sair de meu ambiente seguro, tive vários choques causados pela realidade que vivemos, realidade da qual eu até hoje tenho muita dificuldade de conviver.

Talvez pelas altas habilidades, sempre fui uma criança muito acelerada em algumas coisas. Comecei a falar muito antes de andar. A primeira palavra foi Mãe aos 11 meses, algo esperado da filhinha da mamãe que sou e me orgulho de ser. Mas a segunda palavra não foi

“papá” ou “não” ou as palavras comuns que geralmente as crianças repetem. Minha segunda palavra veio em um dia em que minha mãe me levou para dar uma voltinha pelos corredores do CLCH da UEL. Um bebê pequeno de 11 meses embrulhado em uma cobertinha, repousando sobre os braços da mãe. Uma outra professora a avistou e veio conversar, perguntando para a mãe qual era o nome de seu bebê. Foi aí que de dentro da trouxinha veio uma palavra dita, de forma clara em bom som com a correta pronúncia da letra R: “Marina”. A mãe quase jogou a criança no chão de susto. A outra professora quase enfartou. Mas desde então desembestei a falar e não parei mais.

Em meu aniversário de um aninho, para todos os convidados que me entregavam presentes, eu falava: “Muito obrigada, não precisava”, sem um erro de pronúncia. Tam bém comecei a ler e a escrever muito cedo e obviamente a desenhar. Eram meus passatempos favoritos, pois me ajudavam a criar, registrar e a dar vida às minhas primeiras histórias. Por ser uma criança de classe média, cresci com o privilégio de poder fazer muita coisa que gostava e grande incentivo. Eu brincava, via TV, desenhava, lia, escrevia, imaginava e “inventava moda”. Por ser única com pais que sempre trabalharam demais, passava muito tempo em meu próprio mundo mágico. A princípio para reinventar minha rotina, muitas vezes, entediante e a suprir faltas, frustrações, preenchendo vazios externos e internos.

Por mais incrível que é ter pensamento mais acelerado e ser considerada inteligente, ainda é uma divergência da norma. Pensar demais e para além dos coleguinhas da sua sala gera estranheza, medo e conseqüentemente exclusão. Muito cedo eu aprendi que para ser aceita eu precisava me adaptar, moldar, podar, mutilar.

Porém, ainda era muito difícil, de alguma forma eu sabia que era diferente, de alguma forma eu me destacava... por tudo o que já fez e

sabia fazer? Pelas habilidades artísticas e de comunicação, criatividade e inteligência? Escola? Eu iria tirar de letra! Não exatamente... É aí que as coisas começam a ficar complicadas... Tudo o que eu sabia fazer e tinha interesse não era considerado muito importante na escola. Até era! Desenhar me ajudou a ganhar algum espaço. Mas para uma menina privilegiada, estudante apenas em colégios particulares, com quase nenhuma diversidade, a aparência vinha primeiro, assim como a influência e a popularidade. Ser considerada bonita e magra era a coisa mais importante.

Eu habitava um lugar diferente do considerado ideal pelas outras crianças, que repetiam os padrões que lhe eram ensinados em casa e pelas mídias que consumiam. Primeiro a aparência. Nunca entendi o que de fato era considerado bonito, mas se nenhum garoto tinha interesse por você então definitivamente você não era bonita. Eu não era uma criança gorda, mas também não me encaixava no que era considerado ideal, sempre escutei que estava acima do peso. Não sou negra, nem parda, talvez branca, mas muitos não me veem como tal. Porém, o que mais me perturbava eram os gostos e o quanto fui repreendida e reprimida por gostar e consumir o que as garotas não deveriam gostar e consumir.

Eu gostava do que os meninos deveriam gostar: Videogames, animações, histórias em quadrinhos, histórias de terror, aventuras, alta fantasia, animes, mangás, RPGs, skate... Mas também gostava do que meninas deveriam gostar: Romances, maquiagem, novelas, joguinhos de vestir, decorar, cozinhar, moda, roupas, penteados, dança. Mas estava tudo errado! Os romances eram melosos e bobos demais, as altas fantasias sequer mencionavam a existência de mulheres e quando tinham eram hiper sexualizadas ou tra tadas como acessórios banais. Percorri as encruzilhadas das duas polaridades extremas, fuzei os confins de seu

alcance limitado ao que minha própria bolha disponibilizava e quando faltava, criava, mas nem sempre era o suficiente.

O fato de ser permeada de não encaixes, lacunas e revoltas me tornou estranha, esquisita, diferente. Na urgência de se encaixar, durante muito tempo pudei as potências, decepei os excessos, calei-me, consenti, não atrapalhei, sorri, tornei-me gentil, simpática, calminha, fácil de se lidar, fácil de se moldar. Não tomava decisões, não opinava, boiava, avoava, não estava presente, era passiva, nem café nem leite: café com leite.

Em uma tentativa frustrada de me encaixar eu me anulei por completo. O medo da rejeição me fez rejeitar a mim mesma. Me tornei dispensável, sem opinião própria, sempre fugindo dos conflitos, uma maria vai com as outras. Se eu não poderia ser quem eu era naquele lugar, o ideal era não estar ali certo? Como não estar na escola? Cada dia mais eu me desassociava de mim mesma na esperança de não ser percebida.

Entretanto, eu lutava arduamente com um desejo lacerante de ser. De ser amada, de ser engraçada, de ser aceita, de ser convidada para lanchar junto, de saber das fofocas, de ser chamada para o grupo de trabalho, de ser uma das primeiras a ser escolhida para o time... Esta batalha interna sempre me deixava no entre. Eu não era chamada para lanchar junto, mas se eu tivesse lanche para dividir eu era incluída (desculpe mãe por dar prejuízo todo mês comprando comida para os outros...). Não sabia das fofocas, mas sempre tive um ouvido muito aguçado e uma boa percepção que me ajudavam a ter algo para contar as vezes, e quando não sabia, inventava. (Não recomendo, faça com moderação ou a coisa escalona para algo muito maior do que você pode lidar). Saber desenhar era muito útil para vários trabalhos em grupo, todo mundo pelo menos queria uma capa enfeitada para agradar aos professores (Fazer o trabalho dos outros também, mas quem vai lidar com a gastrite, ansiedade e esgotamento).

Já na Educação Física... foi o lugar que ganhei o apelido de café com leite.

Com a cabeça cheia de ler o ambiente e tentar encontrar brechas para me encaixar, minha atenção nunca foi muito boa (Creio que o TDAH me dificultou por aqui também). No dia-a-dia as vezes consigo contornar algumas faltas de atenção, mas em momentos que precisa de resposta rápida e muita concentração eu sempre tinha dificuldades. Nada pior do que partidas de queimada e esportes em grupo para provar que não precisa de mais de um segundo para levar uma bolada na cara... E para boladas eu definitivamente era um imã, perdi a conta de quantos óculos meus foram quebrados por ser um alvo ambulante. Por esses motivos sempre fui a última a ser escolhida, pois era café com leite, logo, não tinha as habilidades necessárias para ser uma boa opção, mas eu era simpática, sempre ria mesmo quando me machucava, então não chegava a ser completamente excluída, era a colega que todos tinham compaixão, nem excluída nem incluída, nem café nem leite.

O apelido pegou rápido, logo eu não era apenas café com leite nos esportes, mas em praticamente tudo. Me tornei dispensável, alguém tanto faz tanto fez, alguém que não pode dar a opinião, fraca, alguém que não consegue acompanhar e que deveria ser tratada de forma mais amena. Escalonou a um ponto em que até chegavam a falar comigo como se eu fosse uma criança de cinco anos que não sabia entender as coisas. O pior é que meu desespero era tanto que eu realmente desassociava, piorando ainda mais a minha situação.

O que me salvava era o desenho e a habilidade de contar histórias de terror. Duas coisas que entretinham e que as pessoas gostavam. Cada vez mais me agarrei nelas, tanto que até hoje são as que me sustentam e fazem eu me sentir percebida enquanto possível potência.

Entretanto, arte e narrativas carregam consigo também uma enorme contradição, ao mesmo tempo em que as pessoas adoram, também condenam, irônico não? Uma menina toda permeada de entre lugares foi se maravilhar justamente por arte, a coisa mais desencaixada possível! Não só desencaixada como disruptiva. A arte não é levada a sério no nosso país e em tantos outros lugares, creio que por exatamente este motivo, por criar caminhos alternativos que fogem do que é esperado, do que é considerado o correto, do que é fácil de controlar. Como cita Halberstam:

Ser levado/a a sério significa perder a chance de ser frívolo/a, promíscuo/a e irreverente. O desejo de ser levado/a a sério é precisamente o que faz pessoas seguirem os já testados e comprovados caminhos da produção de conhecimento a partir do qual eu gostaria de mapear alguns desvios. De fato, termos como “sério” e “rigoroso” tendem a ser códigos, tanto na academia quanto em outros contextos, para a correção disciplinar; eles assinalam uma forma de treinamento e aprendizagem que confirma o que já é sabido, de acordo com métodos aprovados do saber, mas não permitem ideias visionárias ou viagens da imaginação. (Halberstam, 2020, p.25).

O café com leite não é levado a sério, a mestiza não é levada a sério, a bruxa não é levada a sério, pois nenhuma delas se encaixa na norma. A correção disciplinar vem através de todas as formas de violências, tanto externas quanto internas. A violência externa que sofri criou raízes profundas em minha existência, e tal como um câncer aos poucos tomou conta de cada uma de minhas células ao ponto em que não precisava mais de alguém de fora para me reprimir, eu mesma já fazia esse papel.

Passei anos não me levando a sério, corrigindo e sendo rigorosíssima com minha própria existência, sendo a inquisição de minha bruxa interior. Enfiando-me em um lamaçal de entulhos.

Tentei diversas vezes invalidar as viagens de minha imaginação, mas nunca consegui reprimi-las, pois faziam parte da contradição de minha existência. Como eu ia parar de fazer algo que me salvara? E por que diabos uma coisa que salvou a minha vida era considerada um fracasso?

O fracasso não é nem um pouco fácil, é dolorido, penoso, difícil, mas tão libertador! Que possamos fracassar até criar portas de vivência, expandindo cada vez mais por entre os escombros. É necessário fazer um “passeio fora do confinamento do saber convencional e dentro dos territórios não regulamentados do fracasso, da perda e do “inadequar-se”” (Halberstam, 2020, p.28) mas ainda sempre temos que tomar cuidado para não cair nos caminhos habituais do pensamento e nas disciplinas (2020).

Se viver nas fronteiras era um fracasso, então eu nunca soube o que é sucesso, pois sair da fronteira e permanecer em apenas um lugar, definitivamente não parecia com sucesso para mim.

Contudo, não é suficiente se posicionar na margem oposta do rio, gritando perguntas, desafiando convenções patriarcais, brancas. Um ponto de vista contrário nos prende em um duelo entre opressor e oprimido; fechados/as em um combate mortal, como polícia e bandido, ambos são reduzidos a um denominador comum de violência. [...] A uma determinada altura, no nosso caminho rumo a uma nova consciência, teremos que deixar a margem oposta, com o corte entre os dois combatentes mortais cicatrizado de alguma forma, a fim de que estejamos nas duas margens ao mesmo tempo e, ao mesmo tempo, enxergar tudo com olhos de serpente e de águia. Ou talvez decidamos nos

desvencilhar da cultura dominante, apagá-la por completo, como uma causa perdida, e cruzar a fronteira em direção a um território novo e separado. Ou podemos trilhar uma outra rota. As possibilidades são inúmeras, uma vez tenhamos decidido agir, em vez de apenas reagir. (Anzaldúa, 2005, p.705-706).

Tal como Anzaldúa, nunca me senti confortável na margem oposta do rio, não era o suficiente. Ou era amargo demais como café, ou inosso demais como o leite. Estar em dois lugares ao mesmo tempo é o que torna o café com leite tão apreciado, não é?

Ironicamente, todo dia cedo desde os meus 12 anos de idade, religiosamente tomo um copo de café com leite pela manhã. Mesmo se eu acordar depois do meio dia, a primeira coisa que entra no meu estômago depois que acordo é um copo de café com leite. É até engraçado pensar que uma bebida tão presente na minha vida possui o mesmo nome de uma expressão que tanto me assombrou na infância e adolescência. Me faz até mesmo questionar as origens desse significado tão ruim para uma bebida tão gostosa e apreciada por tantos brasileiros...

Ao pesquisar, pouco aparece sobre a expressão em si, muito mais em relação a política café com leite de Minas Gerais e São Paulo, mas pouco se relacionam com a expressão e seu significado. Penso que poderia ser devido a dificuldade de algumas pessoas em tomarem café, crianças principalmente são mais sensíveis ao gosto amargo, logo adiciona-se o leite para que fique mais ameno, mais tranquilo, mais palatável. Não aguenta o amargor da vida, logo precisa adicionar o leite como uma ajuda, um apoio. Não encontrei fontes que sustentassem essa minha teoria, portanto é apenas uma suposição que formulei tendo como base os signos do café e do leite e de minha própria experiência, pois eu

mesma comecei a tomar café com leite por ainda não conseguir tomar o café puro.

Mas em minhas pesquisas também encontrei uma tese de doutorado intitulada *O Brasil café com leite: história, folclore, mestiçagem e identidade nacional em periódicos*, de Carolina Vianna Dantas. A autora trouxe uma passagem de Olavo Bilac, onde ele relaciona o samba com o híbrido café com leite:

[...] Na Saúde a dança é uma fusão de danças, é o samba, uma mistura do jongo e dos batuques africanos, do canaverde dos portugueses e da poracé dos índios. As três raças fundem-se no samba, como num cadinho. [...] No samba desaparece o conflito das raças. Nele se absorvem os ódios da cor. O samba é, – se me permitis a expressão – uma espécie de bule, onde entram, separados, o café escuro e o leite claro, e de onde jorra, homogêneo e harmônico, o híbrido café com leite. (Fantasio, pseud. de Olavo Bilac, *Revista Kosmos*, maio, 1906 APUD Dantas p.156, 2007).

A partir desta passagem, a autora relaciona o termo com a mestiçagem brasileira:

A imagem do “híbrido café com leite” é emblemática. Não só o “samba” como espaço de trocas e sínteses culturais, mas a própria capacidade de conagração racial e cultural sublinhada, ou seja, a mestiçagem, são destacados como parte desse acervo cultural comum. O “samba” de Bilac harmonizava as diferenças raciais e culturais e celebrava o mestiço como um tipo nacional original não-branco, mas homogêneo e harmônico. Entretanto, não podemos deixar de sublinhar que Bilac admitia existirem ódios da cor no país naquele momento, o que coloca em destaque seu esforço em propor e inculcar, com a

consagração dessas expressões culturais, a unidade e o conagraçamento. (Dantas, 2007, p.158).

O café com leite é mestiço e infelizmente sabemos o quanto o mestiço, assim como que é café com leite, é invalidado, visto como alguém que precisa de tutela, alguém que até é aceito, mas não é incluído completamente. É o primeiro que leva a culpa quando algo dá errado, também, por que foi aceitar um café com leite no time?

Estar apenas em uma margem oposta nunca foi possível, de nada adiantou forçar pertencer a um lugar que não me cabia. Estar em todos os lugares ao mesmo tempo, transitar e se esconder nas rachaduras era a única alternativa. Mas a fronteira é contraditória, como pode existir um lugar tão incrível e tão terrível ao mesmo tempo? Quantas vezes me amaldiçoei aliviada por estar nesse lugar? Quantas vezes senti medo dentro de meu próprio refúgio? Quantas tempestades enfrentei à deriva em excitantes mares desconhecidos? Estar na fronteira é lidar com o estranho e o familiar, com o conforto e a ansiedade, mas acima de tudo, com o movimento, pois para a mestiza, ficar parada significa a morte:

Essas inúmeras possibilidades deixam la mestiza à deriva em mares desconhecidos. Ao perceber informações e pontos de vista conflitantes, ela passa por uma submersão de suas fronteiras psicológicas. Descobre que não pode manter conceitos ou idéias dentro de limites rígidos. As fronteiras e os muros que devem manter idéias indesejáveis do lado de fora são hábitos e padrões de comportamento arraigados; esses hábitos e padrões são os inimigos internos. Rigidez significa morte. Apenas mantendo-se flexível é que ela consegue estender a psique horizontal e verticalmente. La mestiza tem que se mover constantemente para fora das formações cristalizadas – do hábito; para fora do pensamento convergente, do raciocínio analítico que tende a usar a racionalidade em direção a um

objetivo único (um modo ocidental), para um pensamento divergente, caracterizado por um movimento que se afasta de padrões e objetivos estabelecidos, rumo a uma perspectiva mais ampla, que inclui em vez de excluir. (Anzaldúa, 2005, p.706).

A única forma de sobreviver é estando na fronteira, mas a única forma de viver é destruindo as pedras e criando navios resistentes a tempestades com velas grandes o suficiente para deixa-se levar pelo movimento da brisa e do furacão que correm juntos as águas dos rios contraditórios que passam entre os territórios. Para viver a mestiza aprende a equilibrar as culturas, sustenta contradições sem abandoná-las, opera de modo plural. Transforma as ambivalências em outra coisa, cria (Anzaldúa, 2005). Para viver é preciso criar, transformar:

Ao tentar elaborar uma síntese, o self adiciona um terceiro elemento que é maior do que a soma de suas partes separadas. Esse terceiro elemento é uma nova consciência – uma consciência mestiza – e, apesar de ser uma fonte de dor intensa, sua energia provém de um movimento criativo contínuo que segue quebrando o aspecto unitário de cada novo paradigma. Em unas pocas centúrias, o futuro pertencerá à mestiza. Porque o futuro depende da quebra de paradigmas, depende da combinação de duas ou mais culturas. Criando um novo mythos – ou seja, uma mudança na forma como percebemos a realidade, na forma como nos vemos e nas formas como nos comportamos – la mestiza cria uma nova consciência. (Anzaldúa, 2005, p.707).

Anzaldúa compreende e descreve a dor de estar nas fronteiras e de criar a partir delas, entretanto, também faz este movimento de ressignificação, destacando a potencialidade criadora que a fronteira possibilita.

Ao ler Anzaldúa e Halberstam não pude deixar de relacionar suas escritas com nada mais nada menos que bruxaria, mais especificamente a figura da bruxa.

Muito cedo em minha infância me apaixonei por magia e bruxaria. No início dos anos 2000 este tema estava em alta devido a saga Harry Potter (escrito por uma autora processada por transfobia, mas na época eu não sabia). A ideia de possuir poderes mágicos é fascinante para qualquer um, porém eu fui para além disso. Não estava interessada apenas em homens com varinhas bradando feitiços, controlando o mundo a sua volta, personalizando poderes que eles sempre tiveram. O que fez meus olhos brilharem de empolgação e felicidade era em ver as mulheres destruindo e criando mundos com poderes que elas nunca tiveram.

Para muito além do universo previsível de Harry Potter eu estava obcecada pelos mistérios antigos da bruxaria, a ideia de mulheres poderosas, decididas, independentes e fortes que não precisavam de homens e nem da aprovação de ninguém era e ainda é um modelo quase religioso que passei a admirar e tentar seguir. Mas, para além do poder de uma bruxa, me arrepiava e ainda arrepia de êxtase é a capacidade dessas mulheres de transformar, destruir e recriar o mundo através de sua magia.

Para uma criança as vezes solitária perdida nas fronteiras, criar era a minha fuga, dor, necessidade e o que me possibilitava viver. Basicamente tudo o que eu tinha. Ver mulheres que estavam no mesmo lugar que eu criando através da magia se tornou uma inspiração e um modelo, eu me via nelas. Digo que estão no mesmo lugar que eu pois as bruxas são completamente mulheres de fronteira. Suas vidas foram cercadas, sua existência apagada e deixada de fora. Portanto, elas ainda transitavam e

transitam por todos os territórios, navegando pelos rios que cruzam as bordas.

Silvia Federici (2019), em seu livro “Mulheres e caça às Bruxas” (Livro oriundo de Calibã e a Bruxa da mesma autora), conta um pouco sobre o período da inquisição na Europa, da caça às bruxas nos países colonizados e também nos dias atuais. A autora explica como que na norma capitalista não cabiam mulheres livres e unidas, em geral não cabiam mulheres. O controle do estado sobre os corpos, a destruição da vida em comunidade era necessária para a implementação deste sistema:

Na figura da bruxa as autoridades puniam, ao mesmo tempo, a investida contra a propriedade privada, a insubordinação social, a propagação de crenças mágicas, que pressupunham a presença de poderes que não podiam controlar, e o desvio da norma sexual que, naquele momento, colocava o comportamento sexual e a procriação sob domínio do Estado. (Federici, 2019, p.53-54).

Como cita a autora, as bruxas eram consideradas mulheres promíscuas, libertinas, transgressoras que possuíam poderes místicos nefastos e incontroláveis. Seria o meu sonho?!! Como cita Halberstam (2020, p.23) “[...] elas então ficam fora das normas patriarcais e podem recriar um pouco do sentido que há no gênero delas.” Nesta passagem, Halberstam fala sobre como lésbicas não são “mulheres” visto pela definição de mulheridade dos padrões heterossexuais, mas isto pode ser aplicado não apenas para lésbicas, mas para qualquer pessoa cujo gênero e formas de ser e amar fuja das definições da heteronorma.

Para uma menina que não se encaixava completamente em nenhum lugar, não se sentia aceita totalmente e também sequer queria se sentir sufocada nos cercados territórios encaixotados forçados sobre si, a figura

da bruxa se torna um encantamento, um fascínio, um modelo, um respiro. Uma bruxa, assim como a mestiza, não se encaixa nas normas. Porém, ela é astuta, ela é poderosa, ela consegue transitar por onde quiser, seu caminho é de liberdade, comunhão, força e criação. Ela pertence a todos os lugares e a nenhum ao mesmo tempo e, Deuses! Como ela é poderosa por isso!

E tal como a mestiza, a bruxa também enfrenta a dor da contradição. São admiradas e temidas, são procuradas e excluídas, destroem, criam e transformam como necessidade, ódio, dor, prazer e deslumbre. São “o ato de juntar e unir que não apenas produzem uma criatura tanto da luz como da escuridão, mas também uma criatura que questiona as definições de luz e de escuro e dá-lhes novos significados.” (Anzaldúa, 2005, p.708) São mulheres, quando não eliminadas, forçadas a viver nas fronteiras:

Seja como for, junto com as “bruxas” foram eliminadas crenças e uma série de práticas sociais/culturais típicas da Europa rural pré-capitalista que passaram a ser vistas como improdutivas e potencialmente perigosas para a nova ordem econômica. Era um universo que hoje chamamos de supersticioso, mas que, ao mesmo tempo, nos alerta para a existência de outras possibilidades de relação com o mundo. Nesse sentido, temos de pensar nos cercamentos como um fenômeno mais amplo que a simples separação da terra por cercas. Devemos pensar em um cercamento de conhecimento, de nosso corpo, de nossa relação com as outras pessoas e com a natureza. (Federici, 2019, p.55).

Desta passagem de Federici, preciso destacar o momento em que a autora pontua que o universo das bruxas, hoje considerado como

supersticioso, nos alerta para a existência de outras possibilidades de relação com o mundo. E é neste ponto que viramos a chave.

Da mesma forma que a mestiza, a bruxa e a café com leite vieram de locais de dor, invalidação, contradição e fracasso, assim como elas e Halberstam, ressignificamos os significados desse não-lugar para um local de possibilidades, cooperação e criação:

Em determinadas circunstâncias, fracassar, perder, esquecer, desconstruir, desfazer, “inadequar-se”, não saber podem, na verdade, oferecer formas mais criativas, mais cooperativas, mais surpreendentes de ser no mundo. Fracassar é algo que pessoas queer fazem e sempre fizeram excepcionalmente bem; para pessoas queer, o fracasso pode ser estilo, citando Quentin Crisp, ou um modo de vida, citando Foucault, e pode contrastar com os cenários sombrios de sucesso que dependem de “tentar e tentar novamente”. Aliás, se sucesso exige tanto esforço, talvez, em longo prazo, fracasso seja mais fácil e ofereça recompensas diferentes. [...] o fracasso permite-nos escapar às normas punitivas que disciplinam o comportamento e administram o desenvolvimento humano com o objetivo de nos resgatar de uma infância indisciplinada, conduzindo-nos a uma fase adulta controlada e previsível. O fracasso preserva um pouco da extraordinária anarquia da infância e perturba os limites supostamente imaculados entre adultos e crianças, ganhadores e perdedores. (Halberstam, 2020, p. 21).

A necessidade de escapar às normas punitivas disciplinadoras é inerente a bruxa mestiza fracassada. Entretanto, para muito além de fugir está a necessidade de quebrar o tão superestimado sucesso e ressignificar o fracasso. Transformar os cacós em magia, em criação em ar. Perceber que o café com leite é a bebida mais saborosa, aconchegante e forte, onde a partir dessa pequena criação diária da mistura de dois ingredientes tão

distintos, se é possível o perfeito equilíbrio entre a calma, ternura e a ação, força.

Misturar ingredientes e transformá-los em algo novo é algo que uma bruxa faz, é sua magia. O artista também trabalha da mesma forma, assim como a mestiza e o café com leite. A magia transforma, molda. Através dela criamos coisas novas, como cita Starhawk, uma escritora bruxa que li durante minha adolescência:

Ser uma bruxa é estar identificada com nove milhões de vítimas do fanatismo e do ódio e de sermos responsáveis por moldar um mundo no qual o preconceito não faz mais vítimas. Um bruxo é um moldador, um criador que dá forma ao invisível e, portanto, torna-se um dos sábios, cuja vida está impregnada de magia. (Starhawk, 1997, p.35).

Anzaldúa também coloca a mestiza enquanto moldadora:

Reinterpreta a história e, usando novos símbolos, dá forma a novos mitos. Adota novas perspectivas sobre as mulheres de pele escura, mulheres e queers. Fortalece sua tolerância (e intolerância) à ambiguidade. Ela está disposta a compartilhar, a se tornar vulnerável às formas estrangeiras de ver e de pensar. Abre mão de todas as noções de segurança, do familiar. Desconstrói, constrói. Torna-se uma nahual, capaz de se transformar em uma árvore, em um coioote, em uma outra pessoa. Aprende a transformar o pequeno “eu” no “eu” total. Se hace moldeadora de su alma. Según la concepción que tiene de si misma, así será. (Anzaldúa, 2005, p.709-710).

Entretanto, a magia não surge do nada, ela precisa de ingredientes, de símbolos, de sentimentos, vivência, estudo e força. O não lugar não é vazio, muito pelo contrário, geralmente ele é entuchado de coisas, coisas

que não servem, coisas q não cabem, coisas rejeitadas, coisas que cada vez mais vão aumentando, crescendo e crescendo até... explodirem! Para além das fronteiras. A mestiza transita, mas ela não passa despercebida, ela transborda.

Nascida dos escombros das trincheiras, a bruxa mestiça café com leite transita transbordando em magia. Transforma cacos em mosaicos, imagina e ficciona novos mundos possíveis:

A ficção visionária oferece aos movimentos por justiça social um processo por meio do qual explorar a criação de novos mundos (embora não seja em si uma solução – e é aí que entra o trabalho prolongado de organização comunitária). Eu propus o termo “ficção visionária” (visionary fiction) para abranger os modos de criação entre gêneros literários fantásticos que nos ajudam a elaborar esses novos mundos. Esse termo nos lembra de sermos completamente irrealistas em nossas organizações, porque é somente por meio da imaginação acerca do assim chamado impossível que podemos começar a concretamente construí-lo. Quando liberamos nossas imaginações, questionamos tudo. Reconhecemos que nada disto é fixo, que é tudo poeira estelar, e que nós temos a força para moldá-lo do modo que o fizermos. Para parafrasear Arundhati Roy: outros mundos não apenas são possíveis, mas estão vindo – e já podemos ouvi-los respirar. É por isso que a descolonização da imaginação é o mais perigoso e subversivo de todos os processos de descolonização. (Imarisha, 2016, p.4).

Imaginar mundos novos, ficcionalizar e fantasiar narrativas fizeram e ainda fazem parte de mim, é minha forma de magia que transforma e transborda as fronteiras em que habito. Entender como isto se aplica e quais são as consequências faz parte dos objetivos desta pesquisa. Elaborar mundos novos a partir de quais possibilidades? Existem

inúmeras possibilidades, e, assim como cita Imarisha (2005): ao propor a ficção visionária, “abranger os modos de criação entre gêneros literários fantásticos que nos ajudam a elaborar esses novos mundos.” Quais narrativas fantásticas me fizeram pensar e elaborar novos mundos? Como caso guia desta pesquisa pensei na animação. É possível fabular novos mundos a partir da animação?

Para responder estas questões, escolhi a animação “A casa coruja”, criada pela animadora estadunidense Dana Terrace e exibida pela Disney de 2020 a 2023, que será a condutora desta pesquisa, por onde transpassará minhas inquietações, dúvidas, fabulações, análises, etc. Quais são as fabulações que esta animação gera? Que personagens são esses? Em que mundo eles cabem? Ou não cabem? Por ser uma animação sobre bruxas que tem como protagonista uma personagem latina e bissexual, é um ótimo guia para trilhar os caminhos desta dissertação.

Em “A casa coruja”, encontrei personagens parceiros de fronteira. Luz Noceda, a protagonista, é uma bruxa mestiza bissexual que transita entre seu mundo humano e mundo mágico e, a partir desta fronteira, cria uma nova forma de fazer magia e de viver em ambos os lados.

Encontrar na arte, na literatura, na vivência, pessoas e personagens que te pense e te entenda nos faz perceber que a fronteira não é um local tão solitário como nos forçam a pensar ser.

De fato, um dia foi solitário. Todos os dias, a heteronorma, capitalista, eletista, cis e branca, faz o possível e o impossível para isolar as fronteiras construindo muros cada vez mais altos. Porém quanto mais alto o muro, menor a sua resistência contra as tempestades do outro lado que com seus ventos rápidos, não demora muito a derrubá-los. Sozinha eu não tenho força para soprar, meu pulmão asmático sofre. Entretanto, aos poucos me encontrei com mais pessoas, mais personagens que somaram a esses ventos de mudança. As mestizas podem ser uma

pequena brisa que atravessam pelas frestas, mas também podem ser furacões que derrubam muros e portões.

Mais pessoas, mais personagens que sofreram a excruciante dor das fronteiras e que ali encontraram estratégias para viver por todos os caminhos e criar novos quando a fresta é sufocante e apertada demais. Na quebra juntas:

Politizar a ferida, afinal, é um modo de estar juntas na quebra e de encontrar, entre os cacos de uma vidraça estilhaçada, um liame impossível, o indício de uma coletividade áspera e improvável. Tem a ver com habitar espaços irrespiráveis, avançar sobre caminhos instáveis e estar a sós com o desconforto de existir em bando, o desconforto de, uma vez juntas, tocarmos a quebra umas das outras. (Mombaça, 2020, p. 20).

Um modo de habitar espaços irrespiráveis, juntas na quebra é construindo mosaicos dos estilhaços, imaginando e ficcionalizando desenhos e formas novas de avançar pelos caminhos instáveis. Somos o tempo todo permeadas de ficções: “A partir do imaginário o mundo surge”; “Ficcionalizar o futuro que ainda não existe faz as coisas acontecerem aqui.”; “A imaginação é política.” (Lua Lamberti, II OCCA e Cine Diversidade 2023). A configuração de mundo que vivemos agora, um dia foi pensada e imaginada por alguém e alguéms que decidiram criar seu próprio espaço de pertencimento.

É um espaço que não me cabe por completo, e assim como esses alguéms, também posso criar, compartilhar e permear por novos espaços de pertencimento, pois afinal: “As pessoas estavam pensando na gente quando o mundo foi inventado?” Por que não “Combater as ficções com outras ficções.”? (Lua Lamberti, Cine Diversidade 2023) Por que “Se a

estrutura não me pensa, pensarei sem a estrutura.” “Ficcionar é respirar quando o mundo todo me quer soterrada.” (Lua Lamberti, II OCCA 2023).

Esse padrão heteronormativo doentio não é um dado natural e inerente do ser humano como eles vendem para nós. É uma ficção que tomou teor de verdade! Imaginar, criar, faz com que as coisas aconteçam. E se **ELES** usaram isso para criar o mundinho em ruínas **DELES**, por que não fazer o mesmo?

A imaginação também é mestiza. Ela habita todos os lados e é extremamente forte nos não lugares da fronteira. O não lugar, a folha de papel em branco é espaço que chama pela arte, pela criação, pelo novo, pela ficcionalização. Tal como a mestiza, a imaginação não pode ser barrada pelos muros das fronteiras. Tal como a bruxa, a imaginação mistura elementos e ingredientes para transformar em algo novo. E, por fim, tal como a café com leite, a imaginação ressignifica o que machuca, ficcionaliza uma nova forma de experimentar, viver e respirar nas frestas, nas feridas e em todos os lugares que habito.

Na época em que o café com leite era amargo e azedo demais, eu não tinha muitas formas de fugir, mas eu tinha a minha imaginação que me permitia respirar em um mundo das mais violentas contenções. Entretanto, não ressignifiquei o café com leite sozinha, jamais teria forças apenas por mim mesma. Em minha trajetória fui encontrando personagens, mundos e pessoas que assim como eu, transbordavam ficcionalizações, que criavam novos espaços para sua existência entre os caminhos instáveis. A maioria delus estão aqui cidades, umas só vi em desenhos e telinhas, outras li em livros e artigos, entretanto algumas tive o privilégio de conhecer em carne e osso.

Algumas citações que coloquei nesta pesquisa são faladas, ouvidas e anotadas. Falas de eventos e aulas em vivências que, às vezes, nos atingem muito mais que livros. Conheci Lua no evento II OCCA em 2023 e nunca mais fui a mesma, ela fez parte daqueles momentos da vida em que você consegue satisfazer a sua criança interior. Ver a Lua ali na frente, com mestrado e, na época, doutorado em andamento, sendo aplaudida, admirada, toda eloquente, com uma meia e um suéter coloridos (depois quando nos vimos pela segunda vez, galochas vermelhas combinando com o modelito também vermelho), falando tudo o que eu sempre quis ouvir, compartilhando piras incríveis com seu sorriso radiante e as melhores feições e comentários possíveis, foi um abraço caloroso na pequena Marina que sempre se sentiu confortável nestes pequenos detalhes que o mundo todo rotulou como esquisito. “Vamos ser esquisitos juntos” (Frase de Eda, A Casa Coruja, 2020-2023, 1º episódio da 1ª temporada, adaptado por mim.) “Na quebra, juntas.” (Mombaça, 2021).

Pessoas como Lua, animações como A Casa Coruja e tantas outras que admiro, são as parceiras de fronteira que hoje reafirmam aquela sensação tão inebriante de sentido na existência que durante tantos anos continuamente é colocada como algo ruim, descartável. E é muito mais que proporcionar um sentido, também proporciona êxtase, aquela felicidade extrema a adrenalina daquelas balas explosivas que eu adorava quando criança, mas explodindo e transbordando em minha existência.

É difícil descrever, mas nascer em um lugar que não te cabe, ser deportada a viver em fronteiras, ter que ressignificar esse não lugar tão atordoado sozinha é extremamente difícil, se não impossível! Somos seres que precisam do outro, o tempo todo buscando reafirmações de nossa existência tão dolorida... Encontrar estas luzes guia nos possibilita

a força necessária para continuar não apenas por que precisa, mas por que se sente vontade é uma sensação indescritível!

E é isto, somos esquisitos juntos! Somos uma multidão Queer:

A política das multidões queer emerge de uma posição crítica a respeito dos efeitos normalizantes e disciplinares de toda formação identitária, de uma desontologização do sujeito da política das identidades: não há uma base natural (“mulher”, “gay” etc.) que possa legitimar a ação política. [...] Não existe diferença sexual, mas uma multidão de diferenças, uma transversalidade de relações de poder, uma diversidade de potências de vida. Essas diferenças não são “representáveis” porque são “monstruosas” e colocam em questão, por esse motivo, os regimes de representação política, mas também os sistemas de produção de saberes científicos dos “normais”. (Preciado, 2011, p.18).



Margot Magno 20/03

"Ficcional é respirar quando o mundo todo me quer soterrada" -Luá Lombardi 11/03/03

Hoje é possível abraçar isto, mas, como pontua Preciado, não totalmente, não em todos os lugares, pois ainda não somos a maioria, ainda não estamos no poder, ainda morremos de todas as formas. Ser esquisito e estar aqui é trilhar um caminho de dor e ódio. Tanto Jota quanto Lua falam sobre isso. Não somos corajosas e muito menos confiantes. A insegurança e o medo não desgrudam nem um segundo sequer, nem mesmo em seu sono.

Ainda não chegamos onde gostaríamos, ainda não agimos ou nos expressamos como queríamos, ainda falta muito. Ainda há muito medo, há muita violência. É muita hipocrisia dizer que somos assim por que temos coragem ou por que queremos afrontar ou porque somos confiantes, às vezes, até é (poucas), mas na maior parte é por que não existe mais como voltar atrás. É uma questão de ódio de necessidade de viver.

Somos Cuir

Queer é aquele que se cansou de dar murros em pontas de faca. Cansou de tentar responder a um padrão que nunca lhe coube. Cansou de sofrer para entrar naquela roupa que nunca lhe caiu bem, que apertava, expulsava sua banha para fora, espremia, amassava, limitava seus movimentos. O Queer é aquele que cansou de ouvir não. (Moreira, 2024, p.17).

Somos Queer, Cuir, somos fracassadas e quando vimos isso como potência, ainda temos que lidar com a intensa luta entre a sensação de liberdade e medo.

Hoje, café com leite é a primeira coisa que transpassa pelo meu ser a cada novo dia, assim como a imaginação, a bruxa e a mestiça, juntas somadas a tantas outras que me proporcionam o sentido e a força para

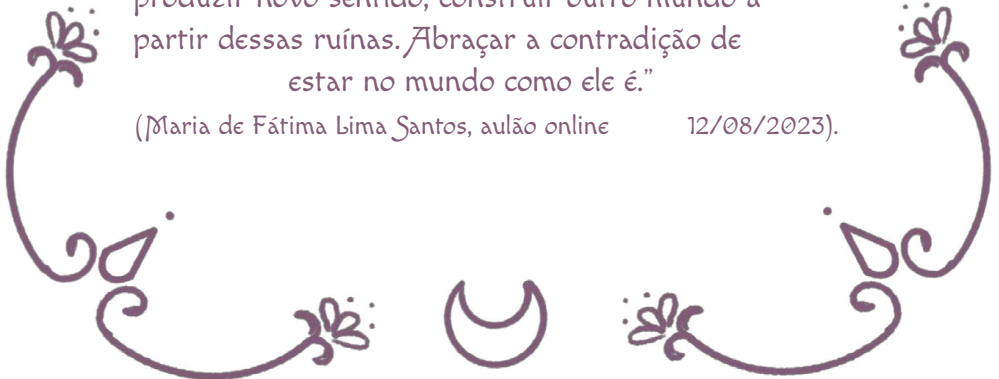
ficcionalizar e transformar mais um pouquinho entre fronteiras e frestas, nas bordas, no queer, rumo a nada mais simples e complexo que viver.

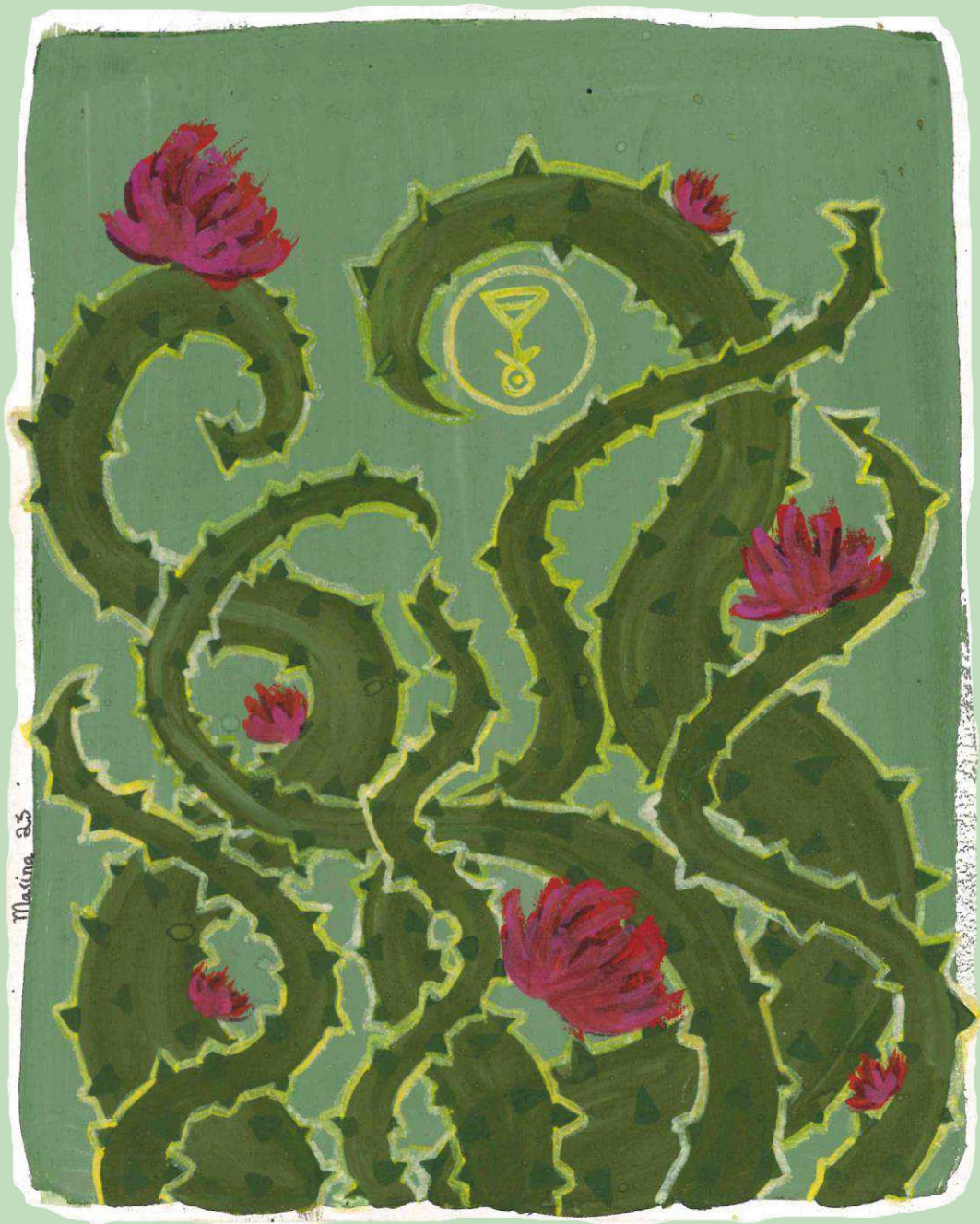
“Somos multipotentes e também frágeis”

(Maria de Fátima Lima Santos, aula online 12/08/2023, com possíveis alterações da memória).

“Temos que desfazer alguns mundos que são criados dentro da gente. Pegar as ruínas e produzir novo sentido, construir outro mundo a partir dessas ruínas. Abraçar a contradição de estar no mundo como ele é.”

(Maria de Fátima Lima Santos, aula online 12/08/2023).





Magia de Planta - Guache sobre papel paraná, 20cmx16cm, 2023, Marina Lima

3. Caminhos metodológicos Cartografia Mestiça

3.1 Fundamentos da Cartografia Mestiça

A proposta geral da dissertação orbita em torno da intencionalidade de analisar os efeitos da animação “A casa coruja” que apresenta modos de vidas dissidentes nos processos de construção, ampliação e afirmação de representatividades plurais e ficcionalização de outros mundos possíveis.

Inspirada em Glória Anzaldúa, sobretudo por meio do texto “La conciencia de la mestiza / rumbo a uma nova consciência”, neste processo de pesquisa me localizo como *mestiza* (corpo fronteira), alguém que desde a infância habita entre lugares.

Habitar nas fronteiras implica em inseguranças e estilhaços. Na caminhada de pesquisa considero importante ter ciência desta configuração. Esta consciência estimula elaborar uma artesanaria metodológica que dialogue com este cenário de fronteiras, o que não implica em formulações procedimentais inseguras, mas a criação consciente de mosaicos, a partir destes estilhaços (Mombaça, 2021).

“Café com leite” pode indicar, na linguagem do senso comum, “alguém sem importância e sem posição definida”. Entretanto, ousou ressignificar esta expressão popular para o campo da metodologia de pesquisa em Comunicação Social, que pode exprimir um modo sensível e potente de existir entre lugares, de fazer mosaicos por meio de

estilhaços, assim como Halberstam (2020) ressignificou o fracasso pela arte queer.

Neste percurso, me situo na perspectiva metodológica de refletir acerca da importância das animações que apresentam modos de vida dissidentes nos processos de subjetivação e das realidades. Parto da construção de refúgios que problematizam os imperativos normativos, buscando fugir dos acampamentos metodológicos tradicionais para habitar os portais das fantasias criativas. Neste sentido, também problematizo o perigo das histórias (animações) únicas, como já conceituado por Chimamanda Adchie (2019), no texto “O perigo de uma história única”.

Refletir sobre animações na perspectiva de “tecnologia de gênero”, como já elaborado por Teresa de Lauretis (1994), representa pensar em mídias como formas de tecnologia que contribuem para criar e reproduzir um gênero, seja ele normativo, seja ele dissidente.

Já o processo da ficcionalização, de acordo com as contribuições de Lua Lamberti, Dodi Leal, Jota Mombaça e Walidah Imarisha (2016), auxiliam na reelaboração de novas práticas de vivências, por conseguinte, em novas práticas metodológicas que primam pela valorização da experiência como indicativo de análise.

No entanto, este assumir-se como corpo fronteira, habitante “café com leite” entre múltiplos lugares, não me autoriza centrar-me unicamente na metodologia das escrituras inspirada por Conceição Evaristo (2017; 2021), uma vez que minha consciência étnicorracial de mestiça, mesmo focada na luta antirracista, faz-me adequar os pressupostos metodológicos deste estudo escriturante nos mesmos

princípios que molduram as encruzilhadas de meus pertencimentos identitários.

Assim, embasada nos pressupostos da pedagogia das encruzilhadas de Rufino, ousou enfatizar que esta dissertação se faz no arcabouço do que considero se configurar como *Cartografia Mestiça*. Um texto cartográfico que transita entre a fronteira da cartografia sentimental de Rolnik e a fronteira das escrevivências de Conceição Evaristo.

Uma metodologia do entre, mas que ainda se constitui enquanto cartografia, pois, afinal, a própria Rolnik me fez enxergar esta encruzilhada metodológica. Porque, assim como as outras metodologias citadas, a cartografia sentimental auxilia e permite a criação de novos caminhos e novos mapas entre fronteiras, pois a cartografia se faz ao mesmo tempo “que o desmanchamento de certos mundos – sua perda de sentido - e a formação de outros: mundos que se criam para expressar afetos contemporâneos, em relação aos quais os universos vigentes tornaram-se obsoletos”. (Rolnik, 2007, p.23).

A cartografia sentimental permite a antropofagia de outras formas de fazer pesquisa, possibilitando a criação de novos caminhos que permeiam as fronteiras. Segundo a autora (2007), o cartógrafo deve inventar seus procedimentos em prol do que pede o contexto em que se encontra. Desta forma, considerando meu atual contexto de artista designer pesquisadora, ousou inventar e reinventar esta cartografia no entre, de modo a contemplar este novo formato de pesquisa e todas as possibilidades de caminhos escolhidos.

O amadurecimento para chegar a esta definição de metodologia se deu a partir de minha relutância com o formato acadêmico cartesiano de escrita e a paixão em escrever de forma narrativa e literária. Tanto a cartografia sentimental de Rolnik quanto a escrevivência de Evaristo,

abraçam uma escrita que valoriza a vivência da autora principalmente quando relacionada a corpos dissidentes, entretanto, uma escrita literária que mescla vivência e ficção é mais contemplada na escrevivência de Evaristo. Quando estava travada entre conceitos e metodologias, encontrei nas conversas com professores, colegas de turma e participantes do grupo de pesquisa Entretons inspirações metodológicas para resolver este impasse.

Um desses encontros mais inspiradores ocorreu com uma parceira de fronteira, Professora Flávia Carvalhaes, que me apresentou o texto de Anzaldúa: “La conciencia de la mestiza / rumo a uma nova consciência”. A partir deste texto, pude ressignificar o que havia de mestiço em mim reconfigurando o termo “café com leite” no campo metodológico uma vez que passei a entender que o entre e o todos os lugares ao mesmo tempo é um espaço de potência e criação. Logo, revisei os textos de Rolnik e encontrei passagens que na metodologia da cartografia sentimental, contemplavam a criação de novos métodos que faziam sentido. Por esta cartografia entre fronteiras busco, assim como sugere Rolnik, uma maneira de criar rotas, me permitindo “[...] mergulhar na geografia dos afetos e, ao mesmo tempo, inventar pontes para fazer sua travessia: pontes de linguagem”. (Rolnik, 2007, p.66).

Ciente destas chamadas fronteiras, destaco em Rolnik, as diferentes formas de dar linguagem aos afetos e a possibilidade de criação a partir destes elementos, pois “[...] dele (do cartógrafo) se espera basicamente que esteja mergulhado nas intensidades de seu tempo e que, atento às linguagens que encontra, devore as que lhe parecerem elementos possíveis para a composição das cartografias que se fazem necessárias. O cartógrafo é, antes de tudo, um antropófago.” (Rolnik, 2007, p.23). Seguindo estes preceitos, ousou compor para este trabalho uma

cartografia mestiça, por entender ser uma forma mais adequada de conceituar meu processo artístico e criador de pesquisa, dando língua a estes afetos que constituem meu ser e, logo, minha pesquisa. No parecer de Rolnik;

Sendo tarefa do cartógrafo dar língua para afetos que pedem passagem, dele se espera basicamente que esteja mergulhado nas intensidades de seu tempo e que, atento às linguagens que encontra, devore as que lhe parecerem elementos possíveis para a composição das cartografias que se fazem necessárias. (Rolnik, 2007, p.23).

Na interpretação da autora (2007), a cartógrafa está sempre buscando ingredientes para compor seus textos, aberto às múltiplas composições de linguagem que permitem encontros de afetos. Estes pressupostos são significativos para o referido estudo, pois tratam-se de “paisagens psicossociais”, que, na concepção da autora também são cartografáveis. Proponho uma *Cartografia mestiça*, pois encontro-me em uma encruzilhada de elementos que não posso deixar de considerar em meu fazer cartográfico.

Posicionando-me no lugar sagrado ritualístico da “encruzilhada”, inspiro-me nos princípios da metodologia de pesquisa imbuída na Pedagogia das Encruzilhadas de Rufino (2019), mas assim como me refiro à Metodologia das Escrivências de Conceição Evaristo (2017; 2021), preciso afirmar que a inusitada *Cartografia mestiça* tem ciência dos territórios epistêmicos que a circundam. Exatamente na modéstia de saber que não inauguro conceitos, mas que ressignifica, reelabora e reconstrói, inspirada em saberes ancestrais, como um lugar seguro para esta pesquisadora “café com leite”.

[...] me cabe dizer que a noção de pedagogia aqui proposta se vincula diretamente à emergência de novos seres/saberes, esses paridos pela dinâmica encruzada e conflituosa das travessias transatlânticas. A pedagogia como a reivindico compreende-se como um complexo de experiências, práticas, invenções e movimentos que enredam presenças e conhecimentos múltiplos, e se debruça sobre a problemática humana e suas formas de interação com o meio. É nessa perspectiva que a educação, fenômeno humano implicado entre vida, arte e conhecimento, torna-se uma problemática pedagógica (Rufino, 2019, p.01).

No mesmo percurso, adoto esta *Cartografia mestiça* mais no sentido coletivo das escrituras, que reúnem minhas artistagem (porém, não docentes) compartilhadas a outros tantos procedimentos já exercitados por pesquisadores/as inconformados/ as com a rigidez de metodologias únicas, que ora se apropriam inconscientemente de ressignificações metodológicas identitárias, ora escondem-se nas formatações procedimentais neutras, sem corporiedades, sem identidades e sem pertencimentos.

A artistagem docente exercita as escrituras, processos de leitura e escrita criativas e ensaísticas, geradoras de formas de escrita abertas, nas quais os textos (ou vídeos, imagens, performances e quaisquer outras formas de expressão) ao mesmo tempo descobrem o existente e inventam o ainda não existente. A invenção não é necessariamente o novo, mas o inusitado, o possível, o singular e emerge de processos que aparentemente nada tem de novo, como os atos de estudar e de ler. Cada leitor/a inventa a leitura, cada escritor/a inventa a escrita, cada docente inventa a aula e existe uma dimensão de coautoria em cada uma dessas atividades: essa é a poética docente. Nos atos de ensinar e

aprender, os trabalhos são sempre coletivos e compartilhados. (Bueno e Lima, 2024, p. 05).

Exatamente por este potencial de confronto, o reconhecimento deste ofício metodológico, artesanal e intelectual, de quem se sente na encruzilhada e na fronteira, no entre mundos e no entre tons, me coloco na posição consciente de refletir sobre o efeito da animação “A casa Coruja”, também de modo dissidente, buscando dissertar sobre processos de construção, ampliação e afirmação de representatividades plurais e ficcionalização de outros mundos possíveis, por meio do uso de uma *Cartografia mestiça*, que me legitime, de maneira mais autêntica comigo mesma, neste enfrentamento político que também está presente na feitura de uma dissertação de Mestrado, que não se quer neutra e nem apropriada indevidamente aos pertencimentos que admiro, porém não são exatamente meus.

Afinal, que desterritório afetivo é este no contexto dos pressupostos metodológicos desta dissertação? Não se quer aqui classificar ou amarrar toda esta análise qualitativa numa categoria unitária, mas ser fiel à consciência dos opostos metodológicos, para atravessar este percurso da dissertação com leveza responsável, traçando interlocuções criativas que me permitam dialogar com imaginários, repertórios, subjetividades, transgressões, invenções, fantasias e ficções, sem perder a intencionalidade da luta interseccional para erradicar múltiplas dimensões das desigualdades e violações de direitos, igualmente presentes no campo acadêmico das produções científicas.

Neste caminho de destruição de certezas naturalizadas historicamente no campo das metodologias, assumo as contribuições de uma pesquisa qualitativa escreviente, cartográfica, mas que se percebe

nas encruzilhadas da interculturalidade do ser/saber/ poder, em busca de uma superação das verdades colonializadas dos modos dominantes de organizar e disseminar conhecimentos, para dar vazão às escrituras ainda subalternizadas na área da Comunicação Social e de seus encontros com as Artes e a Literatura.

Aqui a experiência da *Cartografia mestiça* surge como um ato afetivo de reposicionamento metodológico, abrindo-me possibilidades de unir a problematização da vida, da arte, da comunicação, da literatura, da ficção, da criação e dos conhecimentos adquiridos neste campo científico onde reside a dissertação, sem me tolher o direito de continuar imersa no exercício escreviente do pluriversalizar entre mundos e entre territórios. Afinal, toda pesquisa de Mestrado não se encerra em si mesmo. É antes de tudo datada, contextualizada e fascinante por seu próprio inacabamento epistêmico.

Os pressupostos desta chamada *Cartografia mestiça* inscrevem-se nas frestas praticadas no complexo das próprias experiências e movimentos bordados por minha presença observadora em trocas potentes de escrevivências, cartografias sentimentais, estudos de trajetórias, memórias e representações dissidentes, especialmente nas oportunidades trazidas pelas aulas das disciplinas obrigatórias e optativas do Mestrado em Comunicação Social e pelos Projetos de Pesquisa/ensino/extensão (como o Entretons), que paulatinamente foram me encorajando a assumir esta postura, também metodológica, de constituir-me entre fronteiras.





3.2 Processo de criação cartográfico mestiço

¶ *Linguagem* acadêmica erudita cartesiana sempre foi de difícil assimilação para minha cabeça com atenção dispersa que necessita de muito estímulo e forte interesse para conseguir focar. Convenhamos que, de modo geral, um texto acadêmico não é lá muito atrativo, principalmente quando segue uma linguagem impessoal e distante. Desta forma, fica difícil se relacionar e, conseqüentemente, assimilar os conceitos escritos. Mesmo em temas de muito interesse, salvo em momentos específicos de hiperfoco, para mim é muito complicado manter a atenção em textos que apenas te oferecem as informações sem uma narrativa por detrás.

Mais difícil que ler, é escrever neste formato duro e frio que, por tantos anos, a academia considerou ideal e única forma aceitável cientificamente. Sem contar que isso pode se configurar em um apagamento epistêmico de outros modos de disseminação de conhecimento, a exemplo das narrativas, das ficções, dos memoriais, das escrituras e das oralidades que, muitas vezes, acabam sendo desconsideradas ou rotuladas como banais e sem valor científico. Afinal, há quantos anos as epistemologias são transmitidas de forma oral, artística ou por narrativas, ficções, histórias e fábulas? Apagar estas estratégias de disseminação de conhecimento é uma maneira de eruditizar e rotular os saberes ditos “verdadeiros” para uma pequena

parcela de pessoas que se utilizam desde apagamento para propagar narrativas únicas (Adichie, 2019).

Foi quando entrei como aluna especial no Programa de Mestrado em Comunicação em 2022, que algumas histórias únicas sobre dissertação e pesquisa acadêmica foram desconstruídas em mim. Um dos primeiros encontros da (in)disciplina chamada Gênero na Perspectiva Descolonial e suas Interseccionalidades, ministrada pelo meu (des)orientador¹² Régis Moreira, trouxe justamente a cartografia sentimental enquanto uma anti-metodologia. Segundo Rolnik (2007), a prática da cartógrafa não segue nenhum protocolo e não há a definição de um método, pois os procedimentos devem ser inventados em função do que se pede o contexto em que a pesquisadora se encontra, a partir da sensibilidade.

Desta forma, nossos encontros eram marcados por autores, em sua maioria queers e/ou decoloniais. Ao invés de lermos e analisarmos seus textos, eram elus que nos liam e nos analisavam. Na prática, cartografávamos em cada encontro, tendo a sensibilidade enquanto guia, trilhando caminhos novos. Eu nunca havia experienciado uma forma tão incrível de me encontrar com textos acadêmicos que, por sinal, também não eram nada eruditos. Cartografamos nossas vivências com autores/as/us que também escrevem a partir dos afetos.

¹² Assim como a cartografia sentimental é uma anti-metodologia, meu orientador me desorienta em um sentido de ser contra as normas acadêmicas coloniais, brancas, héteras, cis e patriarcais que formatam, encaixotam e guiam os discentes. De forma indisciplinar, Régis não me guiou/orientou por um caminho já traçado e sim desorientou: me tirou da rota pré-concebida e esperada pela academia. Me apoiou com todos os ingredientes e munições necessários para me fortalecer nesse andarilhar da pesquisa onde juntas traçamos caminhos novos que nos levaram até aqui. E espero levar até muitos outros lugares.

Na (in)disciplina, que por sinal tive o privilégio de participar duas vezes, enquanto estudante especial e depois como estudante regular, construímos saberes por meio de narrativas, literaturas, poesias, cartas, oralidades, teatros, performances, músicas, artes e um sarau riquíssimo que transformou completamente minha forma de entender o que é e o que pode ser a construção de conhecimento em conjunto. Uma porta se abriu que jamais conseguirei e nem quero fechar. Uma situação inusitada, que ilustra bem esse sentimento difícil de descrever, no encontro com a cartografia, ocorreu quando assisti a apresentação da pesquisa da minha parceira de (in)disciplina Leiliane Peschiera, no projeto de pesquisa Entretons, em que ela disse carinhosamente que a cartografia era um esquema de pirâmide. Não no sentido ruim da coisa, mas sim no sentido de ser algo tão incrível e libertador que você recomenda para todo mundo. De fato, é bem isso mesmo.

Como é transformador se inserir no processo de construção de saberes. E, não é nem um pouco fácil. Falar de si, muitas vezes, acaba revisitando vivências doloridas, memórias e traumas que preferimos apenas esquecer. Cartografar é um processo incrível e libertador, sim, mas, para isso esbarrei em muitas feridas. Algumas que só consegui superar em conjunto com a terapia. Mas, entendo o quanto a dor foi necessária nessa trajetória. Criar novos caminhos metodológicos a partir dos afetos, vem de minhas vivências nas fronteiras. As fronteiras não são nem um pouco pacíficas, são mares revoltos e turbulentos que nos mantém em movimento. Não tinha como ser um processo muito diferente. A própria denominação desta cartografia mestiça veio de algumas turbulências.

Mesmo compreendendo que a cartografia sentimental de Rolnik possibilita a criação de novas formas de métodos, falar de meus afetos

em conjunto com os autores/as/us não era suficiente. Descobrir a cartografia sentimental abriu portas. Mas, queria mesmo era invocar um portal para um outro mundo, um mundo ficcional, um mundo de magia e bruxas, um mundo mestiço. É aí que entra Margot, uma personagem que criei no período da pandemia de Covid-19, justamente para me ajudar a enfrentar as turbulências da vida. Nesta pesquisa, Margot me ajuda a atravessar a turbulência da escrita acadêmica.

Cartografar nas (in)disciplinas, tanto de Régis quanto de Márcia, Malu e Mônica, por meio de oralidades, poemas, imagens, rodas, narrativas, arte, etc., era uma coisa. Agora, outra, era traduzir todo esse conhecimento na escrita de uma dissertação, o que me fez quase colapsar. A dissertação exige normas da ABNT, citações e toda uma estrutura a ser concebida. Mesmo partindo dos afetos e vivências, formatar a escrita nesses moldes ainda é um desafio para mim. E, o principal ponto que mais me atormentava: escrever sem ficcionalizar. Isso seria possível?

Eis que me encontro em Evaristo e suas escrevivências. Evaristo cria histórias que mesclam personagens ficcionais com vivências e memórias. Sua construção de conhecimento se dá através dessas narrativas ficcionais. Sempre amei criar e ficcionalizar mundos outros através da escrita, assim como ler e absorver cada detalhe dessas narrativas. Por isso, será que o processo de pesquisa acadêmica não poderia compartilhar desta mesma paixão? Com Evaristo, entendi que escrever é ficcionalizar, sem deixar de se envolver de forma afetuosa com outras pessoas e saberes. Seria possível traduzir isso em uma dissertação? Pois assim como experimento tantos sentimentos ao assistir uma animação, ler um livro ou fofocar com uma amiga, tento trazer o mesmo combustível para escrever uma pesquisa.

Como já explicado na seção acima, a cartografia mestiça surge dessa encruzilhada de territórios. Entre cartografia sentimental (minhas vivências e encontros com conceitos e autores), escrevivências (narrativas ficcionais de Margot que mesclam fantasia, conhecimento acadêmico e também minhas vivências) e, por fim, as normas da ABNT numa estrutura necessária de dissertação acadêmica.

Todas as seções desta dissertação, com exceção de uma, Margot não participa. Escrevo de forma cartográfica e meio narrativa em determinados momentos, a partir dos afetos. Já a seção de Margot é puramente narrativo, onde misturo conceitos e citações com ficção e vivências pessoais, que são mescladas com a história da personagem.

Em relação a sequência do trabalho, após introduzir a pesquisa, elaborei a seção de memorial, onde apresento minha infância e adolescência entre o desejo de ser bruxa, o não lugar enquanto mestiça e o apelido depreciativo na escola: café com leite. Com o auxílio de autores como Federici, Halberstam, Anzaldúa, entre outros, revisito esse lugar, agora ressignificando suas potências.

Neste texto de caminhos metodológicos, fundamento teoricamente a metodologia da cartografia mestiça, para em seguida detalhar os processos de criação da pesquisa. Já na seção de Margot, introduzo com um breve contexto do desenvolvimento da personagem e de seu universo narrativo. Na primeira seção, Margot toma a palavra enquanto descreve, tal como escrevesse em um diário, sobre os motivos de sua pesquisa. Uma continuação do Memorial ressoa com a trajetória de Margot, desvendando os caminhos que a fizeram chegar até aquele tema de pesquisa: A animação “A Casa Coruja”.

Na seção de Margot, brinco com a mescla de minha realidade com a dela. Assim como eu, Margot também está produzindo uma pesquisa para a conclusão de seu curso em “Bruxaria da Comunicação” e escreve seus medos, anseios, descobertas, processos e, principalmente, encontros com outros personagens de sua realidade ficcional, junto de autores/as/us acadêmicos, escritores/as/us, artistas, bruxas, professores/as/ us e colegas de minha realidade.

Na segunda seção, um pouco menos descritiva e mais narrativa, Margot nos conta da experiência que teve com outres três personagens da história ao pesquisar sobre bruxas. Nesta parte, ela descreve o acontecimento como se estivesse contando uma fofoca para uma amiga, mesclando conceitos e autores com suas descobertas, em um formato literário.

Por fim, retorno enquanto autora ao falar da animação “A Casa Coruja”. Após contextualizar a animadora, a animação e seu cancelamento, sigo com a cartografia do primeiro episódio da primeira temporada da animação. Relaciono a narrativa da





personagem principal Luz Noceda com minha vivência enquanto bruxa queer mestiça esquisita café com leite, destacando descobertas e assimilações com outros autores/as/us que contribuíram para a análise do episódio.

Outro elemento da cartografia mestiça está no fazer artístico da pesquisa principalmente em seu estilo e diagramação. Ficcinar mundos outros acontece no próprio objeto dissertação que é apresentado como um grimório: nome dado aos livros de bruxas que contém receitas de feitiços e poções, além de anotações e histórias sobre suas trajetórias mágicas. A pesquisa se transforma em um objeto mágico, indispensável para uma bruxa.

Antes mesmo de começar a esboçar a dissertação, construí artesanalmente um caderninho de campo que simula um caderno de bruxa, onde produzi desenhos, anotei falas, conceitos, ideias e citações de minha vivência nesses três anos e meio de pesquisa. Transferi-os para esta dissertação, em uma diagramação que simula o fazer manual e artesanal. Esses elementos contribuem não apenas para ficcionar uma atmosfera bruxesca e mágica, mas também para aproximar a/o/e leitora/o/e deste universo.

Enquanto Artista Visual e estudante de Design Gráfico, entendo que o conjunto de elementos visuais que transformam o texto em uma composição gráfica e artística, são fundamentais para a melhor absorção das informações

ali contidas, despertando interesse nas pessoas. Portanto, trazer uma composição gráfica, que não apenas possibilite maior absorção, mas também contribua para imersão da leitora, dentro desse universo da pesquisa, se torna um elemento prático dos significados da ficcionalização. O criar está incluído não apenas na animação, na cartografia mestiça, no processo de pesquisa e escrita, mas também em toda a sua produção gráfica.

Todo este processo me possibilitou não apenas fazer uma pesquisa, mas sentir e entender que aquilo tudo se mesclava e se traduzia com minha trajetória. Partir de um afeto, uma narrativa ficcional “A Casa Coruja”, questionando seus efeitos e suas transformações, me tornou uma pesquisadora participante, não apenas nos resultados, mas no fazer pesquisa. Da mesma forma que “A Casa Coruja” ressignificou e transformou a minha vivência, o processo cartográfico mestiço também.

"A partir do Imaginário o mundo surge"

"Fabular criticamente e Escrever mundos
(im)possíveis ou a urgente tarefa de
fazer emergir outras comunicações"

"O compromisso de ativar pedras hoje para matar
os pássaros de ontem"

↳ Compromisso da pesquisa II OCCA

Maria de Fátima Lima Santos

10.03.23







Apresentando Margot

Durante a pandemia, no ano de 2020, a partir de todas as minhas inquietações de mundo, extravasei um pouco do excesso de pensamentos que convivem em meu pequeno caos mental por meio da escrita. Criei um novo universo com inquietações e personagens que inevitavelmente se relacionavam com a minha vivência, que eu estava experienciando na época. Cada personagem que criei tem um pouco de mim, uns mais outros menos, entretanto escolhi três personagens para ser o núcleo principal da narrativa: Oliver, Marvin e Margot. Com o desenrolar da história, os personagens acabam criando sua própria personalidade, geralmente bem diferentes daquilo que eu, a autora, havia planejado no início. Entretanto, os caminhos e as decisões partem da ideia original.

A ideia foi me dividir em três, personificando os papéis que mais assumo dentro das minhas aventuras de fronteira em fronteira. Oliver veio primeiro: um menino negro, hiperativo, deslumbrado, criativo, carinhoso, empático, observador, cheio de vida, impulsivo, ansioso, tem medo de ficar sozinho, faz tudo pela família e tem um apego emocional muito grande pela avó. Oliver representa meu desconfortável conforto, a ansia pela paz e o desespero do marasmo. A vontade de colo e proteção combinadas com a inquietude de estar no mesmo lugar por muito tempo.

É um personagem que lida com a ambiguidade de deixar-se alienar no conforto de casa e nas coisas que gosta junto com a sede de estourar a bolha combinado com o medo de não ser aceito por completo. Ele tem

uma energia de criança que lida o tempo todo com a novidade e o medo do desconhecido. Oliver representa meu conforto em casa e minha insegurança de criança que precisa, teme e anseia pela vastidão do mundo e a pertencer a ele.

Marvin veio por último: Uma pessoa branca não-binária, aceita qualquer pronome. É recluse, macabra, inteligente, não liga para o que pensam, leal, vingativo, ambicioso, competitivo, prefere ficar sozinho, não leva desaforo pra casa, gosta de coisas de terror e de coisas fofinhas, luta entre o fascínio e o temor da morte. Marvin é o personagem que mais tenho dificuldade de escrever, pois ele representa a minha raiva e a minha força, meu terrível fascínio pelas coisas que mais me amedrontam, coisas que geralmente não conseguimos descrever, apenas sentir. Ele é quem eu gostaria e odiaria ser.

Enquanto Oliver tem anseio e medo do mundo, Marvin já teve o suficiente e está farto dele, está cansado da vida, mas ainda possui uma fascinante e mórbida força que lhe traz a vontade de viver, uma força dolorida e extasiante. Ele representa meu desespero da perda, da mudança e também a compreensão do quanto tudo isso é necessário e transformador durante a navegação no mar inquieto das fronteiras.

Já Margot, veio no entre. Sua ambiguidade está em transitar as contradições de Marvin e Oliver criando sua própria forma de viver. Ela representa a união de todas as coisas, o tudo ao mesmo tempo, o café com leite em sua porcentagem mais exata, o completo meio termo e o caótico equilíbrio. Ela é quem eu almejo ser, mas não o tempo inteiro.

Margareth Magno Lauren, prefere ser chamada de Margot ou Margot Magno. Não gosta muito do sobrenome Lauren que traz lembranças doloridas de um passado com o qual ela não mais se identifica. Há pouco tempo descobriu que era uma bruxa e, desde então, precisa esconder seus

poderes, pois vive em um mundo paralelo monárquico no século XIX, onde apenas a elite masculina pode usar magia livremente. Apesar da origem nobre, por ser mulher e parda, caso a elite descubra que é uma bruxa, seria imediatamente enviada para uma prisão disfarçada de instituto de controle e recuperação (Equivalente à panóptico de Foucault¹³), pois nessa realidade, mulheres com magia são consideradas loucas e lá apodreceriam a cada dia.

Entretanto, Margot teve a sorte de encontrar um lar e um refúgio seguro que a protege e permite ser quem ela é. Uma escola de magia, que por fora finge seguir as normas da elite, onde apenas seletos meninos ricos poderiam estudar, mas que na realidade é um local que acolhe todas as pluralidades. Margot é sobrinha do diretor desta escola e lá encontrou sua segunda família, após a morte de seus pais. Juntas aos poucos se fortalecem, cada dia mais, na busca para criar uma nova realidade.

Gosta de dança, teatro e escrever roteiro de peças. Ama literatura, histórias em quadrinhos, música e a mais nova caixa mágica que seu tio contrabandeou de um país distante, chamada televisão. Ela se apaixonou pela magia de bruxas, bruxos e bruxes que criaram peçonhinas pequenas protagonistas dos chamados filmes e séries e, principalmente, os desenhos que se movem denominados de animação. Em sua realidade, a censura é muito forte, portanto vários meios de comunicação mágicos e livros são proibidos, tornando muito difícil o processo de aprendizagem. Entretanto, a escola desenvolveu, nas entrelinhas, sistemas que permitem burlar esta lei violenta, que possibilitou compartilhar e construir conhecimento dentro do internato.

¹³ A concepção do panoptismo está formalizada no livro: FOUCAULT, Michael. Vigar e punir: nascimento da prisão. 36ª ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

Sua animação favorita é “A Casa Coruja” e ela se identifica muito com a protagonista Luz Noceda.

Margot possui um relacionamento poliamoroso com Oliver e Marvin, Bruxes também estudantes da referida escola com quem cresceu e compartilhou afetos.

Ela fala de representações nas narrativas e como isto afetou sua trajetória. Examina como se construiu a partir de seu mundo, de suas referências midiáticas, trocas, privilégios e auto-reflexões. É uma personagem indignada com a realidade em que vive e a forma com que é obrigada a seguir a partir das imposições polarizadas criadas para seu gênero e histórias únicas (Adichie, 2019). Margot fala do passado e das situações que a tornaram indignada. Porém, o foco é nas mídias e narrativas que ela consumiu e em sequência, seu encontro com narrativas outras que partilham de suas indignações e a ajudam a criar seu espaço de existência no mundo. Margot cria uma linha temporal até o encontro com narrativas que pensam sua existência.

Margot é a que mais se parece comigo tanto em personalidade quanto fisicamente. Pode parecer estranho usá-la para falar de minhas experiências e percepções nesta pesquisa já que a nossa relação é tão próxima que as vezes chega até a confundir principalmente se me conhece pessoalmente, por que usá-la então? Por que não posso eu mesma assumir esse papel como fiz no memorial e em outras seções? Porque mesmo sendo tão parecida, ela é fictícia, é um personagem que criei em uma realidade completamente nova, porém não tão diferente, da qual me gera fascínio e êxtase em explorar, criar e ficcionalizar.

Não tenho dificuldade de falar de mim, mas tenho dificuldade em fazer pesquisa. Trazer Margot para a pesquisa, mesmo falando de mim, visto que tratamos aqui de uma cartografia, foi a forma que encontrei de

sentir na pesquisa o mesmo prazer que sinto em escrever um livro de fantasia. Não temos como fugir dos artigos, das normas da ABNT e das pesquisas acadêmicas, e reconheço a necessidade e a importância de cada uma delas. Entretanto, em minha experiência, misturar citações e conceitos acadêmicos com a liberdade da fabulação e da fantasia me possibilitou criar novos caminhos mestiços, bruxos e café com leite que me geram prazer, desconforto, êxtase, inquietude e sentido.

E por que Margot e não Marvin ou Oliver? Oliver é a confortável insegurança do passado, Marvin é o fascínio desesperador do futuro e Margot é quem preciso agora.

Nesta pesquisa, ela é a protagonista de duas seções a seguir:

Contrabando de Fan-

tasias e Margot fala sobre bruxas. Nada como uma bruxa para falar sobre bruxas, não é mesmo?

Portanto, agora eu irei me recolher por um breve momento e abrirei espaço para que Margot possa escrever. Retorno na seção sobre animação.



4.1 Contrabando de Fantasia:

Margot fala sobre seu passado e sua pesquisa

Afinal, por que criar narrativas sempre me fascinou?

Sou uma jovem bruxa de 20 anos. Estudo e moro em um colégio interno de magia, que recentemente abriu um programa de estudos avançados em bruxaria e comunicação. Existem outras áreas. Oliver, por exemplo, escolheu a área de bruxaria Artística. Porém, me identifiquei mais com a comunicação.

Um dos pré-requisitos do programa, é produzir uma pesquisa. E, cá estou batendo as teclas da máquina de escrever em busca de inspiração... Talvez, essa seja a primeira vez que datilografo algo que não seja um enredo ou uma ideia de narrativa. Já escrevi cartas, mas, na maior parte das vezes, assimilo essa máquina com histórias...

Está aí algo a se pensar como um pontapé dessa pesquisa: As peças de teatro que escrevi e os motivos que me inspiraram! É uma possibilidade, certo?

Há uns quatro anos atrás, meu tio contrabandeou uma caixa mágica de um país do sul que visitou. Fiquei encantadíssima quando as histórias que eu só lia em livros se moveram ao vivo e a cores, como o teatro dentro daquele objeto denominado televisão. Mas, com o que mais me encantei foram as chamadas animações. Todos aqueles

desenhos que eu via congelados em revistas em quadrinhos moviam-se e falavam como atores de teatro!

Graças a esta maravilha encantada e um acesso mágico ilimitado de diversas histórias e enredos, consumi uma enorme quantidade de filmes e animações nesses últimos tempos. No meio de tantas opções e fascínio, novas ideias surgiram e de repente passei a escrever cada vez mais roteiros.

Sempre fui apaixonada por peças de teatro, faz lembrar do sorriso de minha mãe dentro do caos da vida que ela levava antes de falecer. A felicidade de vê-la feliz me fez frequentar mais espetáculos. O sentimento de nostalgia foi enriquecido com um apreço e deleite cada vez maior às narrativas fantásticas e toda àquela realidade mística, que era concretizada apenas naquele ambiente encantado. Tudo era possível no teatro. Porém, não era um programa em que participávamos com frequência. O teatro também era visto como um lugar de bagunça e depravação, um local não muito ideal para moças de berço nobre.

Os livros e histórias em quadrinhos serviam como uma alternativa para relembrar o gostinho daquele ambiente encantado. Também permitiam a imersão em um novo mundo cheio de possibilidades. Exploravam menos os sentidos, mas a imaginação ainda viajava por portais e máquinas do tempo, entre o real e a fantasia.

Sempre gostei dessa sensação, de imersão em todas as possibilidades!

Sedenta de cada vez mais, em meu limitado repertório de narrativas, comecei a criar, escrevi contos, romances, roteiros... Nada que elevasse do status de rascunhos. Mas, já eram o suficiente para suprir a minha falta e me deixar feliz.

Esse foi um dos motivos que me levaram a pensar uma pesquisa a partir do desejo de criar narrativas. É algo que eu gosto. Então, este será o motivo desta escolha de temática! Simples assim, certo?

Para um primeiro empurrão acredito que sim, mas... E depois?

O que está por trás do simples gostar? O sorriso de minha mãe? Nostalgia?

Quais são as raízes deste fascínio tão grande que moldou toda a minha trajetória até aqui, que influenciou minhas decisões?

A casa em que nasci veio agora em minha mente. Casa... na verdade era uma mansão. Uma mansão na zona rural da Vila das Colinas¹⁴, bem na região central do país. Voltar à Vila das Colinas me traz uma sensação agridoce. É revisitar um passado conturbado e dolorido, que não é fácil de reviver. A perda de minha mãe, mesmo após tantos anos, ainda dilacera como se fosse ontem. Entretanto, lembrar dela também me faz reviver a felicidade das memórias que compartilhamos juntas.

¹⁴ Vila das Colinas é um local fictício

Apesar da dor, jamais quero esquecer nem um mísero minuto de sua companhia.

Lembrar dela está entrelaçado com minhas primeiras memórias de criação, pois ela era uma excelente artista. Não no sentido comum da palavra, minha mãe não pintava quadros nem nada do tipo, mas ela criava, compartilhava histórias e novas realidades todos os dias. Um processo criativo de uma artista. Não sei dizer ao certo quando que comecei a criar histórias. Mas, sei que o processo de criação veio muito antes de sua concretização na escrita ou da materialização destas narrativas, seja em brincadeiras ou em conversa com as pessoas a minha volta. Ela foi responsável por um dos meus primeiros disparadores criativos.

Sempre fui uma criança mais noturna. Dormia muito tarde e acordava tarde também. Parte do motivo, talvez, seja por me acostumar a esperar minha mãe voltar de seus passeios noturnos no bosque que fazia divisa da nossa propriedade com a propriedade da amiga dela. Eu ficava acordada, ansiosa por um tempo de sua atenção e preocupada com seu possível não retorno. A outra parte poderia ser devido à minha ansiedade, o que apenas recentemente estou aprendendo a entender e lidar. Enfim, motivos estes que me faziam ter grandes dificuldades para pegar no sono. Eu rolava por todos os lados da cama sem sucesso algum.

Aflita com a minha situação e talvez também um pouco farta de tentar sair para seus passeios em paz, sem uma criança reclamando de falta de sono e pedindo para que ela contasse histórias de ninar que a fazia atrasar, minha mãe um certo dia me sugeriu uma tática mirabolante que até hoje eu pratico:

_Sabe o que você pode fazer para pegar no sono? Encontre sua melhor posição, feche os olhos e imagine! Imagine que está em um lugar bonito, em uma cachoeira, em um campo florido, na praia, um lugar relaxante. Rapidamente você vai ficar com sono.

Pois então tentei. Me imaginei em uma cachoeira, em um campo florido e em uma praia...

_Tá, e agora? Cadê o sono?

_Mas você tem que ficar mais tempo nesses lugares, não pode passar por eles rapidamente.

_Mas como fico mais tempo em um lugar que não tem nada para fazer além de relaxar? Já estou relaxando na minha própria cama!

_Crie uma situação, um enredo, uma história, uma narrativa!

A partir daí, comecei a criar narrativas mentais todas as noites antes de dormir. As cachoeiras, campos floridos e praias deram lugar para uma realidade completamente nova e diferente da qual aquela pequena Margareth poderia explorar todas as possibilidades possíveis e impossíveis, sem os limites de uma realidade que não me satisfazia. Como eu seria se fosse uma atriz de teatro?

Como eu seria se fosse uma lutadora profissional? Como seria a minha vida se eu fosse a aluna nova transferida para uma escola no exterior? E se eu tivesse poderes mágicos? E se eu pudesse prever o futuro? Como eu moldaria minha realidade chata, limitante e nada especial para uma em que eu teria infinitas oportunidades e liberdade para fazer o que eu quisesse fazer?

Ganhei uma ferramenta poderosa e empolgante que excedeu para além dos momentos antes de dormir. Eu queria mais, respirar e vivenciar, materializar de alguma forma, construir ao menos um pouquinho daquilo que estava fechado na escuridão do universo em minha cabeça.

As luzes do teatro brilharam mais forte! A partir deste momento, não era apenas a felicidade de minha mãe que me fazia gostar de teatro, mas toda aquele vasto universo de possibilidades que ele me oferecia.

Quando não podíamos ir às peças, me agarrava em livros. Na enorme biblioteca da mansão de Leonor, vizinha e amiga de minha mãe, encontrei as histórias em quadrinhos. Ambos se tornaram portais de universos em que era possível me projetar nos protagonistas para viver aquelas narrativas. A biblioteca de Leonor se tornou a solução perfeita para mim, que ficava toda entretida, e para minha mãe que poderia continuar a fazer seus passeios sem preocupações ou alguém a atrapalhando.

Encontrei histórias maravilhosas das quais carregou comigo até hoje em minha nostalgia. Narrativas inspiradoras que me transportavam para mundos cheios de possibilidades. Entretanto, aos poucos comecei a me dar conta de algumas problemáticas dentro dos enredos. Foi aí que comecei a me decepcionar...

Consumi histórias incríveis, mas eram poucas as que eu conseguia me sentir totalmente representada por algum personagem. Sempre me espelhei nas personagens femininas, mas a grande maioria delas pareciam seguir um roteiro pré-determinado de eternas coadjuvantes, inocentes, frágeis, papel de par romântico que serve apenas para ser salva e desenvolver a história do protagonista homem e nada a mais além disso. Ou nas raras vezes em que eram protagonistas, geralmente de romances, o maior conflito era o ciúme ou alguma rivalidade feminina de disputa da atenção do par romântico masculino, em que a mulher empoderada e que tinha atitude era sempre a vilã e a malvada da história. E, a pobre coitadinha quietinha, frágil e sensível era a que no final conseguia a atenção do belo e mais popular nobre da sociedade.

Como isso me irritava!!

Eu não conseguia me projetar em nenhuma dessas personagens! Suas ações, decisões e personalidades me causavam o mais profundo ódio e decepção!

Ser sonsa, quietinha, frágil, inocente era o ideal para que um príncipe encantado viesse de cavalo declarar seu amor por você?

Era muito triste saber que esse, na verdade, era o que deveria ser o nosso papel enquanto mulheres nobres, esperando por casamentos para dar continuidade na linhagem masculina... Essas narrativas foram e ainda são vendidas difusamente, romantizadas como um sonho que toda mulher deveria desejar.

Nunca consegui ver desta forma. Vida ideal? Muito pelo contrário! As pessoas continuarão a não te levar a sério. As decisões ainda vão ser tomadas em seu lugar. Seu destino será seguir um caminho sob tutela e se sentir condicionada a procurar por isso em um belo garoto nobre que, detalhe: não é como os outros! Como isso funciona na cabeça de uma menina a longo prazo??? É extremamente preocupante! Eu ainda tive a sorte e o privilégio de ter uma criação mais crítica, consciente e emancipatória por parte de minha mãe e posteriormente de meu tio. Portanto, tive apoio e consegui questionar e me indignar com aquelas narrativas. Mas, não deixo de pensar na grande maioria das meninas que teve uma criação conservadora que reforçava aquele pensamento retrógrado e extremamente machista.

Essa foi a primeira indignação: o machismo descarado presente na maior parte das narrativas em que eu consumia, em geral, produzidos por outras mulheres! Motivada por essa primeira indignação, comecei a criar

histórias em que as protagonistas agissem diferente: fossem fortes, determinadas, conscientes e agentes principais das decisões de sua vida, características estas que eu admirava e almejava para mim. Por, creio eu, motivos óbvios (pelo menos pareciam ser óbvios para mim): que menina não quer ser protagonista e agente principal de sua própria história com total liberdade tal qual os meninos possuíam?

As histórias que eu achava mais legais na minha infância e adolescência eram as protagonizadas por eles: Harry Potter, Naruto, One Piece, Senhor dos Anéis, Percy Jackson, Como treinar seu dragão¹⁵, entre outros vários em que tem todo um desenvolvimento detalhado da jornada do herói e suas motivações a partir de um objetivo, um sonho ou contra um mal maior ameaçador. Para as meninas? Deixe-as protagonizar os romances, é mais tranquilo, mais ameno, mais contido, não é bom deixá-las em um papel de total liberdade e protagonismo em um mundo cheio de oportunidades... COMO ME IRRITA!

Essa violência machista era, e ainda é, tão impregnada nas narrativas em que consumimos que mesmo quando comecei a criar minhas próprias histórias, elas ainda estavam em um mundo em que as regras eram ditadas por homens. E todos seguiam sem maiores

¹⁵ HARRY Potter e a Pedra Filosofal, 1997. KISHIMOTO, Masashi. Naruto. [S. l.: s. n.], 1997. ODA Eiichiro. One Piece, 1997. TOLKIEN J. R. R. Senhor dos Anéis A Sociedade do Anel, 1954, RIORDAN Rick, Percy Jackson e o ladrão de raios, 2005, COWELL Cressida, Como treinar seu dragão, 2003.

questionamentos. Essa realidade estava tão enraizada em mim, que eu sequer conseguia imaginar um universo com regras totalmente opostas às oriundas do pensamento machista!

Isto me fez lembrar do livro contrabandeado por um dos amigos do meu tio que vimos em uma das aulas de estudos avançados: O Perigo de uma História Única de Chimamanda Ngozi Adichie (2019). Para ela, a história única é uma forma de apagar existências outras: “mostre um povo como uma coisa, uma coisa só, sem parar, e é isso que esse povo se torna.” (Adichie, 2019, p.22). Consequentemente, se torna uma ferramenta poderosa para àqueles que controlam o que circula ou não e de qual maneira circula, como ela disse:

É impossível falar sobre a história única sem falar sobre poder. Existe uma palavra em igbo na qual sempre penso quando considero as estruturas de poder no mundo: nkali. É um substantivo que, em tradução livre, quer dizer “ser maior do que outro”. Assim como o mundo econômico e político, as histórias também são definidas pelo princípio de nkali: como elas são contadas, quem as conta, quando são contadas e quantas são contadas depende muito de poder. O poder é a habilidade não apenas de contar a história de outra pessoa, mas de fazer que ela seja sua história definitiva. (Adichie, 2019, p.22-23).

Adichie também conta um pouco de como o encontro com as narrativas que consumiu afetou sua vivência, percepção de mundo e até na construção de novas histórias. Ela faz um pequeno memorial desde seus primeiros encontros com livros estrangeiros em sua

infância e como eles moldaram sua percepção de mundo e de si mesma:

[...] quão impressionáveis e vulneráveis somos diante de uma história, particularmente durante a infância. Como eu só tinha lido livros nos quais os personagens eram estrangeiros, tinha ficado convencida de que os livros, por sua própria natureza, precisavam ter estrangeiros e ser sobre coisas com as quais eu não podia me identificar. (Adichie, 2019, p.13).

Essa mulher explodiu fogos de artifício em minha mente, pois me identifiquei completamente com sua trajetória de escrita e de consumo de narrativas. Quantas vezes me deparei recriando os mesmos modelos que eu tanto criticava? O pior é que apenas recentemente é que comecei a enxergar essas situações...

No período da biblioteca de Leonor, ainda estava presa em romances, pois as aventuras cheias de possibilidades em universos complexos e bem elaborados era coisa para meninos. As meninas deveriam se empolgar com amores, relacionamentos, histórias do dia a dia e futilidades... Comecei a criar e recriar romances com protagonistas cheias de atitude, conscientes de seus objetivos e determinadas a não caírem naquele estereótipo frágil que tanto me incomodava. Entretanto, ainda tinha o mesmo formato de busca da atenção do homem perfeito, ideal, sem maiores conflitos, para além disso. Era gostoso e

legalzinho no começo, mas o interesse rapidamente sumia no decorrer do enredo. Parecia que faltava algo....

Meus irmãos sempre brincavam de magos. Naquela época, eu acreditava na história única de que apenas homens da alta elite nasciam com magia e podiam usá-la. Mas, assim como eles imaginavam que faziam parte da alta elite e possuíam magia, eu imaginava que mulheres também poderiam ter magia independente de sua posição social. Mal sabia eu que a minha fabulação de infância um dia se mostraria ser real [risos]. Mulheres com magia... não saiu mais de minha cabeça e comecei avidamente a procurar histórias onde elas existiam.

Não encontrei muita coisa com exatamente esta temática na biblioteca de Leonor. Mas, um dia achei uma passagem secreta que levava para uma ala diferente com estantes adornadas e livros escondidos. Ali havia livros com protagonistas femininas que não estavam preocupadas apenas em conseguir o melhor marido. Elas viviam em mundos fantasiosos, realidades místicas, ficcionais, temas que até então eram reservados apenas para meninos estavam lá protagonizado por elas! Protagonista em um mundo distópico que lutava contra um governo maluco que fazia as pessoas se matarem em um espetáculo de falsas promessas (Jogos Vorazes¹⁶); Protagonista médium gótica que falava com fantasmas e se apaixonou por um (A mediadora¹⁷), Protagonista que

¹⁶ COLLINS Suzanne, Jogos Vorazes, 2008.

¹⁷ CABOT Meg, A mediadora Shadowland, 2000.

não é como as outras, se apaixona por um vampiro, engravida, quase morre e também se torna um vampiro (Saga Crepúsculo¹⁸), entre mais alguns que já não lembro mais.

Ainda eram romances com diversas problemáticas? Sim, mas para quem só consumia “protagonistas água e sal” onde toda a ação ficava para os homens, aquela passagem secreta era um tesouro completo! Além de que em nenhum momento eu disse que era contra os romances. Pelo contrário, adoro, mas queria me sentir representada por eles...

Pois bem, agora eu tinha histórias com protagonismo feminino que envolviam conflitos para além do romance. Narrativas com magia, seres místicos, superpoderes, mulheres que lutavam, podiam tomar suas próprias decisões e seguir seus objetivos. Objetivos estes que, em sua grande maioria, ainda eram pautados pela conquista do romance do homem que não era como os outros. Mas, como eu disse, já era um grande passo dado.

A ala secreta de Leonor me acendeu ainda mais a inspiração criativa. Foi nesse período que comecei a colocar outros conflitos para além do romance em minhas narrativas. Agora, mais do que mulheres cheias de atitude, conscientes de seus objetivos e determinadas a não caírem naquele estereótipo frágil, temos temas como magia, conflitos políticos, fantasmas, seres místicos e por aí vai.

¹⁸ MEYER Stephenie, Crepúsculo, 2005.

Histórias maiores e mais elaboradas foram surgindo. Algumas com várias páginas e descrições detalhadas de personagens e ambientes. Me sentia livre ao escrevê-las, me sentia poderosa! Lembro-me também de outra escritora que falava sobre esse poder, Glória Anzaldúa (2000) que fala neste trecho em específico das mulheres escritoras:

Escrever é perigoso porque temos medo do que a escrita revela: os medos, as raivas, a força de uma mulher sob uma opressão tripla ou quádrupla. Porém neste ato reside nossa sobrevivência, porque uma mulher que escreve tem poder. E uma mulher com poder é temida. (Anzaldúa, 2000, p. 234).

Nas narrativas eu podia tomar todas as decisões que eu queria. Existia uma vastidão de oportunidades que no mundo real são bem menores. Por isso que somos temidas como disse Anzaldúa e, portanto, silenciadas principalmente pela convivência de um machismo tão forte, que mesmo oriunda de uma família com boas condições financeiras e uma mãe com grande pensamento crítico, ele conseguiu atravessar, limitar, podar, conter e diminuir as possibilidades de escolha, objetivos e sonhos daquela Margareth que ficava cada vez mais insegura e ansiosa.

A insegurança piorou quando minha mãe não conseguiu escapar das garras desse monstro. Se nem mesmo a mulher mais forte e inteligente que eu conheço conseguiu fugir das violências do machismo, racismo e

gordofobia, o que será de minha pequena existência insignificante para o mundo?

Entretanto, ainda havia um lugar em que eu poderia existir. A literatura, o teatro e a escrita se tornaram a liberdade que eu almejava, onde criaria e recriaria qualquer universo com diferentes leis e contextos. E, o mais importante, dentro dos obstáculos impostos no enredo, os personagens faziam aquilo que eu não conseguiria. Gozariam de liberdade sem o medo de violências, usariam a força bruta ou mágica para mudar algo que os indignaria, usufruiriam da inteligência para planejar formas de gerar uma revolução ou de viajar por todos os cantos do mundo, quebrariam expectativas e estereótipos impostos por um pensamento machista, colonizador e heteronormativo.

Foi aí que veio a segunda indignação. Certo!? As mulheres estão começando a ter um maior protagonismo para além de “romances água com açúcar”. Mas, isso é o suficiente? Que mulheres são essas? Quais suas características físicas, de personalidade, estilo? De que lugar elas vêm? Por que seus objetivos ainda são tão centrados em encontrar o par romântico perfeito? Por que o romance não pode ser apenas um bônus para o desenvolvimento da história da personagem? Por que o par romântico sempre tem que ser um homem que não é igual aos outros? Talvez bem mais de uma indignação não é mesmo?

A vila das colinas e a biblioteca secreta de Leonor não tinham as respostas que eu procurava.

Mudanças são necessárias e, muitas vezes, inevitáveis na vida. Nem sempre acontecem da melhor forma. Mas, encontrar portos seguros em cada lugar que passamos torna tudo um pouco mais leve.

Após a morte de meus pais, fui morar com meu tio na capital em um internato de magia, que transformou completamente toda a fórmula química do meu cérebro. Quantas coisas mudaram nesses últimos anos. Fiz descobertas, me indignei, me alegrei, me entristeci, conheci minha segunda família e um novo lar. Me choquei, me questionei, me transformei, amadureci...

Vindo de um histórico de dondoca nobre, entrar no primeiro colégio público de magia, que desafia todas as leis de censura e violência que até então eu pouco compreendia, foi um choque e uma ruptura imensa no que eu havia construído de mim. Ali, realmente percebi e senti o quanto eu permanecia presa em várias concepções machistas e heteronormativas das quais eu inclusive ainda reproduzia.

Também foi o período que compreendi um ponto muito importante sobre mim. As concepções heteronormativas, enraizadas na minha construção, dificultaram, até o último segundo, as percepções para que eu pudesse me entender enquanto uma pessoa LGBTQIAPN+. Quando digo até o último segundo, é por que mesmo se relacionando e se sentindo atraída por várias pessoas que não fossem apenas do gênero masculino, ainda acreditava que era uma fase ou ações impulsivas devido à bebida.... Custaram

muitas pesquisas e revisitas às memórias para que pudesse me entender enquanto pansexual.

Mas, pensando bem, como eu iria me entender sendo alguém que nunca teve nenhum tipo de representação nas mídias e narrativas que eu consumia? O pouco que eu entendia como pessoas bissexuais ou pansexuais estava em um lugar de completa promiscuidade, depravação, infidelidade, fetiche e mais uma série de coisas ruins com as quais eu não queria me identificar. O pior ainda foi quando pensei que um relacionamento poliamoroso ou não monogâmico poderia ser um ambiente extremamente confortável. Aí é o cúmulo da safadeza!!

Estava tudo errado! A protagonista, frágil e sonsa tinha final feliz e a vilã empoderada e determinada, tinha um final horrível!

A minha identidade de gênero, orientação sexual, concepções sempre estiveram em uma posição de equívoco, fatalismo ou inexistência. Como que uma pessoa não se irrita assim? Me indignei junto de Adichie: “insistir só nas histórias negativas é simplificar minha experiência e não olhar para as muitas outras histórias que me formaram.” (Adichie, 2019, p.26).

Estava o tempo todo rodeada de um roteiro pré-determinado para o papel da mulher nas narrativas, um molde ideal de características físicas e psicológicas da representação feminina, apenas um objetivo tosco para as protagonistas seguirem, um único formato hétero, binário e monogâmico de amor e par romântico....

Deuses como cansa!

Cansei de ser representada como um estereótipo que não tem nada a ver comigo, pois “a história única cria estereótipos, e o problema com os estereótipos não é que sejam mentira, mas que são incompletos. Eles fazem com que uma história se torne a única história.” (Adichie, 2019, p.26).

A biblioteca do internato é mil vezes maior que a de Leonor e tem bem mais variedade. Três andares para baixo da terra de livros, peças de teatro e histórias em quadrinhos consideradas proibidas que meu tio e outros professores conseguiram contrabandear por aí. Um subterrâneo repleto de conhecimento disruptivo.

Lá encontrei diversas narrativas que de alguma forma me pensavam e por um certo tempo fiquei satisfeita. Porém, existem tantas pluralidades que as histórias existentes naquele espaço dão conta?

Já há rupturas e quebras de paradigmas em roteiros pré-determinados e estereótipos, elas existem e estão crescendo cada vez mais. Mas, são o suficiente? O que leva uma pessoa a criar uma narrativa? O que faz uma mulher a criar uma narrativa? O que incentiva uma pessoa LGBTIAP+ a criar uma narrativa? O que proporciona uma pessoa negra, indígena ou amarela a criar uma narrativa? Como eu disse antes, depende de muitos fatores. Mas, o que eu queria explorar aqui é a falta, a indignação, a irritação de não poder fazer, de não estar presente, de não se sentir representada, de não poder existir.

Como tudo isso impulsiona um processo criativo, muitas vezes, necessário como forma de sobrevivência, além do prazer em criar ou entreter. Mas, a necessidade de proporcionar, de alguma forma, um ambiente em que a pessoa possa existir, viver e se fazer ouvida. De ser representada e gerar novas representações para que no futuro, as crianças e os adolescentes não se sintam tão errades, insegures, tristes e esquecidas como muitos de nós foram em nossas infâncias e adolescências. De criar espaços em que questionam essa norma branca, patriarcal, heteronormativa, binária e colonizadora, mostrar que outros espaços também existem e devem ser respeitados. Nas palavras de Adichie:

As histórias importam. Muitas histórias importam. As histórias foram usadas para espoliar e caluniar, mas também podem ser usadas para empoderar e humanizar. Elas podem despedaçar a dignidade de um povo, mas também podem reparar essa dignidade despedaçada. [...] quando rejeitamos a história única, quando percebemos que nunca existe uma história única sobre lugar nenhum, reavemos uma espécie de paraíso. (Adichie, 2019, p.3233).

Por fim, a última indignação! Essa talvez um pouco mais relacionada a um gosto pessoal do que apenas uma indignação em si. Mas as duas, de certa forma, se completam: Lembra que falei de toda a jornada do herói com mundos complexos prontos para serem explorados, poderes mágicos ou de luta a serem desenvolvidos no protagonista que tem total liberdade de ação, possibilidades, oportunidades e decisões? Aquela tão

falada frase: “O mundo está em suas mãos (insira aqui o nome de algum protagonista masculino, hétero e branco que te veio em mente)” Pois bem, esse gênero narrativo, que mistura fantasia e aventura, é o que eu mais amo e mais odeio.

Amo pela forma bizarramente envolvente que esse gênero se torna, pelo desenvolvimento detalhado do protagonista e do ambiente em que ele se insere. Admiro a existência de mundos novos repletos de magia ou poderes, a maneira como cada personagem tem um papel importante, cada saga ou arco conta um fragmento de história em que seus elementos comungam para o desfecho final.

Me entusiasmo quando o personagem principal, aos poucos, consegue de fato mudar o mundo e o rumo da história junto de seus amigos encontrados pelo caminho e o desenvolvimento de suas habilidades. O modo como ele move pessoas, acaba com injustiças, questiona um governo ditatorial ou opressor, derruba este governo e alcança seu objetivo. Caramba! Como te inspira e mostra que você é capaz de fazer qualquer coisa! Mas, ‘o você’ não é todo mundo...

Odeio porque neste papel, em geral, nunca pode ser uma mulher (salvo pouquíssimas exceções), uma pessoa LGBTQIAPN+, uma pessoa negra, uma pessoa indígena, uma pessoa quilombola, uma pessoa cigana, uma pessoa com deficiência... qualquer um que fuja das características pré-definidas: homem, branco, hétero. O mundo de inúmeras possibilidades é completamente masculino,

branco, cis, rico... Essa é uma história única, que, infelizmente, não deixa de ser verdade. Mas, até quando vamos continuar perpetuando essa única possibilidade de narrativa? Criar novas histórias possibilita criar novas realidades?

Além de Adichie, lembrei de outra escritora: Walidah Imarisha. Ela fala sobre ficção visionária, que me ajudou a responder esses questionamentos:

É precisamente por isso que precisamos da ficção científica: ela nos permite imaginar possibilidades fora do que existe hoje. O único modo de desafiar o direito divino dos reis é se tornando capaz de imaginar um mundo no qual reis já não nos comandem – ou sequer existam. [...] A ficção visionária oferece aos movimentos por justiça social um processo por meio do qual explorar a criação de novos mundos [...] Eu propus o termo “ficção visionária” (visionary fiction) para abranger os modos de criação entre gêneros literários fantásticos que nos ajudam a elaborar esses novos mundos. Esse termo nos lembra de sermos completamente irrealistas em nossas organizações, porque é somente por meio da imaginação acerca do assim chamado impossível que podemos começar a concretamente construí-lo. Quando liberamos nossas imaginações, questionamos tudo. Reconhecemos que nada disto é fixo, que é tudo poeira estelar, e que nós temos a força para moldá-lo do modo que o fizermos. Para parafrasear Arundhati Roy: outros mundos não apenas são possíveis, mas estão vindo – e já podemos ouvi-los respirar. É por isso que a descolonização da imaginação é o mais perigoso e subversivo de todos os processos de descolonização. (Imarisha, 2016, p.4).

Imarisha (2016) alimentou as imensas inquietações do meu ser mais profundo, desorientou, atravessou e alvoroçou cada suspiro de minha existência. Me fez ter esperança de que, talvez, no futuro as pequenas

Margareths não mais se sentirão erradas, deslocadas, violentadas, apagadas.

Se continuarmos criando a partir da imaginação, talvez as mães das Margareths irão viver o suficiente para aproveitar cada segundo de sua vida por completo, sem medo de se esconderem em caminhadas noturnas na propriedade da vizinha. Talvez mães e filhas poderão ser bruxas livremente, sem medo da inquisição. Talvez pessoas LGBTQIAPN+ não mais serão apagadas. Fantasias protagonizadas por personagens plurais se tornarão cada vez mais comum e frequente.

No início, mencionei que há quatro anos meu tio contrabandeou uma caixa mágica. Certo? A tal da televisão com acesso mágico ilimitado de mídias. Foi nela que finalmente estou encontrando cada vez mais mídias com protagonistas plurais, que englobam uma vastidão de temas. E, o mais legal, achei uma animação de fantasia, tipo daquelas que falei, cheia de aventuras e magia que apenas homens brancos eram protagonistas, só que com uma protagonista mulher, parda e bissexual! Eu estou tão feliz!!! E obcecada! A ponto de pensar em usar essa animação na pesquisa... Pode ser que funcione, certo?

O nome da animação é “A Casa Coruja”, e parece que eu fui salva por ela!

Adichie falou sobre essa sensação de ser salva e de amar livros que, apesar de tudo, não a representava:

Eu amava aqueles livros americanos e britânicos que lia. Eles despertaram minha imaginação. Abriram mundos novos para mim, mas a consequência não prevista foi que

eu não sabia que pessoas iguais a mim podiam existir na literatura. O que a descoberta de escritores africanos fez por mim foi isto: salvou-me de ter uma história única sobre o que são os livros. (Adichie, 2019, p.14).

A Casa Coruja me salvou da história única sobre o que são as narrativas. Espero que cada vez mais histórias saiam de únicas para plurais. E que, um dia, essas narrativas ficcionais contribuam para a formação de uma nova realidade, onde todas elas deixem de ser contrabando e possam circular livremente sem o medo da fogueira.







4.2 Margot fala sobre Bruxas



Cara leitora¹⁹, em minha busca por inspiração, decidi escrever um pouco para você contando das minhas descobertas desse último mês. Pensei em fazer uma carta, mas são tantas coisas que achei melhor escrever como se eu tivesse te contando uma história. Na verdade, uma fofoca. Afinal, como já disse uma bruxa incrível que eu conheço, Lua Lamberti: “A fofoca é a mãe da história.”

Pensei em escrever para minha mãe ou para alguma amiga, mas no fim escrevo para todas elas e para você. Escrevo para as bruxas inadequadas e as que não desejam se adequar. Escrevo para as que permeiam todos os lugares, entrelugares e lugar nenhum. Escrevo para as bruxas²⁰: transformadoras e criadoras do lugar em que vivem, às vezes, com apenas algumas palavras.

Escrevo para minhas amigas bruxas, minhas “Gossips”! Inclusive, sabia que gossip (fofoca em inglês) significa amiga? Descobri em dois livros de Silvia Federici que li esse mês no porão de Celeste e Muriel. É uma

¹⁹ Talvez você seja uma leitora ou um leitor, mas sintase incluído (o) da mesma forma. Aqui Margot te imagina enquanto uma amiga independente de sua identidade de gênero.

²⁰ Margot usa o termo Bruxa no feminino principalmente pela bagagem histórica do termo para com mulheres de forma geral. No decorrer desta narrativa/capítulo, ela denomina um personagem masculino (Neri) como bruxo respeitando as denominações do personagem em uma exclusiva exceção.

passagem que fala sobre a perda do poder social das mulheres no período da caça às bruxas:

As mulheres inglesas eram dissuadidas de sentar-se em frente a suas casas ou de ficar perto das janelas; também eram orientadas a não se reunirem com suas amigas (nesse período, a palavra gossip [fofoca], que significa “amiga”, passou a ganhar conotações depreciativas). (Federici, 2017, p.200).

Segundo Federici (2019), na Inglaterra, a expressão vinha “dos termos ingleses arcaicos God [Deus] e sibb [aparentado], “gossip” significava, originalmente, “god parent” [padrinho ou madrinha]” (Federici, 2019, p.76) e aludia a uma amiga próxima. A partir do momento em que o termo foi transformado em depreciativo, fútil e algo que traria discórdia, a solidariedade que a amizade entre mulheres implica, também começou a ruir. É muito maluco e revoltante ler sobre isso que aconteceu há tanto tempo e perceber que até os dias atuais esse estereótipo ainda tem força. Quantas vezes não escutamos que mulher só sabe fofocar, que quando juntas só servem para propagar discórdia? Que amizade feminina é tóxica e falsa? Federici explica:

Imputar um sentido depreciativo a uma palavra que indicava amizade entre as mulheres ajudou a destruir a sociabilidade feminina que prevaleceu na Idade Média, quando a maioria das atividades executadas pelas mulheres era de natureza coletiva e, ao menos nas classes baixas, as mulheres formavam uma comunidade coesa que era a causa de uma força sem-par na era moderna. (Federici, 2019, p.75).

O patriarcalismo, infelizmente, teve êxito em destruir qualquer coisa que ameaçasse seus controles. Os mantenedores e propagadores desse poder sistêmico sabiam que juntas, nós temos uma força imensurável. Pois, assim como as ficções e as narrativas, a fofoca também move o mundo. (Lamberti,2024) As mulheres, historicamente, movem e transformam o mundo:

Em muitas partes do mundo, as mulheres têm sido vistas historicamente como tecelãs da memória – aquelas que mantêm vivas as vozes do passado e as histórias das comunidades, que as transmitem às futuras gerações e que, ao fazer isso, criam uma identidade coletiva e um profundo senso de coesão. Elas também são aquelas que passam adiante os conhecimentos adquiridos e os saberes – relativos às curas medicinais, aos problemas amorosos e à compreensão do comportamento humano, a começar pelo comportamento dos homens. Rotular toda essa produção de conhecimento como “fofoca” é parte da degradação das mulheres – é uma continuação da construção, por demonólogos, da mulher estereotipada com tendência à maldade, invejosa da riqueza e do poder de outras pessoas e pronta para escutar o diabo. É dessa forma que as mulheres têm sido silenciadas e até hoje excluídas de muitos lugares onde são tomadas decisões, privadas da possibilidade de determinar a própria experiência e forçadas a encarar os retratos misóginos ou idealizados que os homens fazem delas. (Federici, 2019, p.84).

Falando em mundo, não sei se você conhece totalmente o mundo em que vivo, mas tenho a infeliz certeza de que se você for uma bruxa como eu, seu mundo não é tão diferente do meu, pois foi do seu mundo que o meu surgiu:

No mundo em que vivo existe magia. Existe também aqueles que a PRODUZEM: Os MagOs. (Atenção para onde eu destaquei).

No mundo em que eu vivo não existe mag~~A~~s, feitic~~eir~~~~A~~s ou brux~~A~~s.

Não existe pessoas que DANÇAM com a magia. (Mais uma vez preste atenção nos destaques).

No mundo em que vivo só é permitido a existência das que não ameacem a estrutura de poder construída em cima de seus ossos e cinzas.

No mundo em que vivo, para existir é necessário não ser, esconder, fingir, mutilar, não existir.

No mundo em que vivo a magia é um produto raro e caro, limitada para pequenas elites detentores de poder.

No mundo em que vivo a magia é mantida em cativeiro e aí daquelas que ousarem tentar libertar a sua dança.

No mundo em que vivo existe um castelo de areia onde seus residentes todos os dias insistem em soprar o vento para outro lado com medo de que o castelo desmorone.

No mundo em que vivo não se pode controlar os ventos.

No mundo em que vivo minha respiração faz parte destes ventos. No mundo em que vivo não pode existir bruxas, porém, é o lugar em que elas estão em maior número. Eu e você somos bruxas.

Bom, faz um certo tempo que as coisas estão mudando por aqui, confesso que usei um tom mais impactante nessa parte aí em cima para gerar uma certa tensão.

Hoje a magia não está apenas concentrada na mão de elites ricas e as bruxas que existem nas frestas soprando

os ventos da mudança, em breve vão mandar essa areia toda pelos ares. Entretanto, ainda vivemos uma batalha constante, ameaçadas a cada dia, cansadas de lutar para existir.

Mês passado, Celeste me chamou para ajudar a organizar a biblioteca dela no porão, cheio de livro proibido. Livros sobre bruxaria, principalmente. Óbvio que fiquei interessadíssima! Não apenas para descobrir mais sobre mim e tudo o que me foi privado nesses anos todos, onde fui forçada a acreditar que magia era restrita para homens ricos, mas especialmente para ajudar a escrever a pesquisa em bruxaria da comunicação onde quero encontrar respostas para alguns questionamentos que há muito tempo andam martelando na minha cabeça.

Logo descobri que organizar era só uma desculpa. Ao saber da minha pesquisa, ela estava doida para ajudar e indicar vários livros. Muriel também entrou na onda e quando Celeste não estava, era com ela que passava horas lendo e comentando sobre as coisas que descobríamos. Muriel estava mais familiarizada com os livros do que eu, mas volta e meia descobríamos coisas novas juntas. Segundo ela, mesmo tendo os livros ali no porão de sua casa, ler com amigas era muito mais divertido e estimulante.

Assim como eu, Celeste e Muriel são bruxas, porém muito mais poderosas, elas estudam há bem mais tempo também. São irmãs, sendo Muriel a mais nova (apenas três anos mais velha que eu): uma mulher negra, travesti, pansexual, alta, magra, de olhos pretos, cabelos longos

trançados com lã roxa. Já Celeste, a mais velha: Mulher negra, cis, lésbica, alta, gorda, um dos olhos pretos e outro azulado devido ao vitiligo, cabelos castanho escuro crespos e cheios, com algumas mechas brancas em razão também de seu vitiligo. Celeste é quem coordena nossa base secreta: a cafeteria que esconde um porão místico cheio de livros e magias. É onde o conhecimento que nos é privado dança livremente com as nossas magias. É daqui que nascem as brisas, ventos e ventanias e, ultimamente, é onde estou encontrando parte da minha fonte de pesquisa.

Alguns meses atrás, comecei a datilografar em busca de inspiração e me encontrei na animação “A Casa Coruja”. Consegui escrever uma seção inteira sobre o primeiro episódio da animação. Fiquei super feliz! Mas, depois que terminei, travei totalmente e fiquei um tempão sem conseguir escrever nada... Até Celeste me chamar para o maravilhoso labirinto místico que é aquele porão dela. Tinha tantos livros incríveis sobre bruxas que, pesquisando uma animação sobre bruxas, não tinha como eu não os usar. Não é mesmo?

Por isso, cá estou novamente datilografando despretensiosamente, para te contar sobre as coisas que li por lá. Despretensiosamente, pois quando você coloca muita pressão no que precisa fazer a coisa trava e no fim não sai nadinha. Bater as teclas dessa máquina de escrever, sem muita pretensão e escrever esta pequena narrativa, como se eu estivesse fofocando com uma amiga, é o que está me salvando.

Mas, enfim, sobre os livros, ainda não deu tempo de ler tudo e nem todos que eu gostaria. Ela tem tantos que é difícil escolher apenas um. Porém, Celeste e Muriel me recomendaram alguns que elas tinham lido recentemente e que poderiam me ajudar caso surgisse alguma dúvida. Me entregaram até uns manuscritos de pesquisas desenvolvidas por bruxas que participavam das reuniões secretas mensais que tem no porão.

Semana que vem vou participar de uma dessas reuniões. Estou tão animada! Você deve estar se perguntando que reuniões são essas. Não é? Bom, eu te disse no começo o quanto o nosso mundo por aqui é difícil. Qualquer movimentação que fuja da considerada normalidade pelos reizinhos de areia, eles eliminam e botam fogo em tudo. Acontece que nossa própria existência não está nem um pouco alinhada com o conceito maluco de normalidade deles. Então, como ninguém por aqui tem pretensão de virar cinzas, nos encontramos e nos fortalecemos nas brechas e nos buracos desse reino em ruínas. As reuniões secretas tem sido uma dessas frestas e o porão de Celeste e Muriel, equipado com as mais poderosas magias de proteção e camuflagem, é um ponto entre fronteiras.

Não é muito confortável, pois não pega muita luz do sol e, às vezes, é um pouco gelado ou abafado demais. Mas, é onde conseguimos nos desenvolver livremente e transitar por todos os territórios que não nos aceitam por completo.

Privadas da luz do sol, escondidas em porões escuros, forçadas a nos camuflar, lembrei do primeiro livro que Celeste me deu sobre bruxas. Ainda estou lendo em meio as loucuras da minha vida, mas não pude deixar de lembrar de Tituba, a bruxa negra de Salem. Não vou contar a história toda aqui, pois recomendo que você, leitora, leia. Portanto, te deixarei na curiosidade para não estragar a sua experiência com o livro. Mas, “Eu, Tituba Bruxa negra de Salem” é um romance de Maryse Condé escrito em 1986 (A minha edição é de 2024) que conta justamente a história de Tituba, uma das primeiras mulheres a ser julgada durante o pânico em torno das bruxas de Salem. Uma narrativa totalmente decolonial que descreve os estragos do colonialismo pelo ponto de vista de uma mulher, bruxa, negra que de fato existiu e que nesta ficção de Condé, recebe a voz que lhe foi tirada há mais de três séculos pela historiografia racista e machista. (Orelha do livro, 2024).

Em certo ponto da narrativa, Tituba é rotulada enquanto bruxa por outro personagem:

Ele disse por brincadeira. Mesmo assim, aquela palavra me assombrou.

O que é uma bruxa?

Percebi que em sua boca a palavra estava manchada de degradação. Como é isso? Como? A faculdade de se comunicar com os invisíveis, de manter um laço constante com os finados, de cuidar, de curar, não era uma graça superior da natureza a inspirar respeito, admiração e gratidão? Por consequência, a bruxa, se desejam assim nomear aquela que possui essa graça, não deveria ser

adulada e reverenciada em vez de temida? (Condé, 2024, p.42).

De fato, por que somos tão temidas?

Logo, a primeira pergunta que fiz para Celeste no dia que ela abriu as portas de todo aquele conhecimento proibido foi:

_Afinal, por que raios nos odeiam tanto?

Ela sorriu com pesar:

_Por que eles sabem que o dia que nos juntarmos, teremos poder de sobra para transformar nações inteiras e criar novas realidades em que esses reizinhos não terão mais nenhuma autoridade sobre nossos corpos. Nós representamos tudo aquilo que eles temem: comunidade, natureza, vida... Tudo o que eles destroem o tempo todo para poder controlar e extrair até a última gota de recursos. Nos odeiam porque têm medo, porque somos a maioria, porque possuímos muito mais poder que eles imaginam e logo que perceberam, rapidamente nos isolaram.

Enquanto digeriria aquelas palavras tão intensas, Celeste foi em direção a uma das prateleiras de livros e puxou um livro antigo, amarelado pelo tempo. Ele tinha vários pequenos marca-páginas e estava cheio de anotações e grifos. Ela abriu o livro em uma das páginas com marca-páginas e leu para mim:

As bruxas sempre foram mulheres que se atreveram a ser corajosas, agressivas, inteligentes, não conformistas, curiosas, independentes, sexualmente liberadas, revo-

lucionárias [...] witch vive e ri em cada mulher. Ela é a parte livre de cada uma de nós [...] Você é uma Bruxa pelo fato de ser mulher, indomável, desvairada, alegre e imortal. (Morgan apud Federici, 2017, p. 292).

Ela fechou o livro e me olhou:

_Bruxas não se contentam com o cubículo sufocante que lhes é dado. Elas moldam o mundo em sua volta, empurrando e derrubando paredes para que lhes haja espaço. Mas, você sabe que só abrir espaço não é suficiente, né? Ainda mais nessa realidade cinza e sem graça. Nós moldamos nossos arredores, customizamos vivências, costuramos saberes, criamos redes decoradas que atravessam cada frestinha, fortalecendo-se cada vez mais em conjunto. Bruxas são as pessoas que se recusaram a aceitar o cubículo que as prende, os destrói e recriam algo completamente novo. Mostram que é possível viver para além do que foi previamente traçado, que não vão morrer de jeito nenhum, não importa o quanto tentem nos matar.

Eu a olhava admirada. Celeste continuou:

_Mostrar que há outra forma de viver para além desse (Cis)tema é uma ameaça enorme para os que insistem em mantê-lo. Artistas também são odiados, pois criam novas possibilidades, te mostram novas realidades possíveis, te incentivam a também moldar novas formas de vivência. Questionar a “verdade absoluta”, questionar a narrativa que eles inventaram, chacoalha o (cis)tema, faz ruir, desmoronar.

Eu estava num misto de admiração com indignação:

_Mas, por que ninguém sabe disso?

_Se todo mundo soubesse, eles não conseguiriam nos controlar.

Por mais que ela tivesse respondido às minhas perguntas, era uma coisa tão absurda que eu não conseguia absorver:

_Mas, eu ainda não consigo entender. Afinal, por que é tão problemático assim mudar o mundo para algo tão obviamente melhor do que vivemos agora? Não era para ser uma resposta óbvia? Por que eles insistem em uma realidade de destruição e violência o tempo todo? Quando começou isso? Quem deixou continuar?

A cada pergunta, eu estava mais afobada.

Celeste riu, como se tivesse se identificado com a minha indignação:

_Eu também fiquei e ainda sou tão indignada quanto você. Por isso fui atrás das respostas nos livros que consegui encontrar. E, sabe? Não existe apenas uma resposta pronta, um motivo original consolidado. Principalmente por que muito conhecimento do passado foi destruído ou perdido, justamente para que pudesse ser manipulado a favor dos que hoje ditam as regras. Existem fatos e teorias, que mudam muito de lugar para lugar e de época para época. Cabe a nós juntar essas pistas para encontrar as respostas que procuramos. É o que venho fazendo hoje e acho que você vai se interessar muito pelos livros que tenho aqui.

Ela mostrou uma pilha de livros e manuscritos separada em uma das mesas da biblioteca.

_Sabe Margot, saber a origem de tamanho ódio é extremamente importante. Principalmente para começarmos a questionar. Quando nos dão uma narrativa absoluta, onde ninguém sabe da onde veio, é muito difícil de ir contra. E, é isso que eles querem. Quantas vezes você já questionou os motivos e recebeu respostas como: sempre foi assim, é como as coisas são, é biológico ou natural. Narrativas únicas moldam histórias de nações e sociedades inteiras, você sabe disso. Lembro que estava pesquisando sobre isso com a Chimamanda Adichie (2019), não é?

Concordei, feliz em saber que ela lembrava da minha pesquisa.

_Saber os motivos é o primeiro passo até chegarmos na parte mais importante, que toda bruxa sabe fazer muito bem: questionar, destruir e transformar. - Ela apontou para o primeiro livro da pilha de livros, era um dos maiores. - Comece por esse: A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens, por Gerda Lerner (2019).

Arregalei meu olho com o tamanho do livro. Celeste riu.

_Calma, todos esses livros estão grifados. Óbvio que o ideal é que você lesse tudo, mas sei que está com o tempo reduzido para produzir sua pesquisa, não é?

Concordei com a cabeça, preocupada.

_Fica a seu critério. Mas, acredito que os grifos e as anotações vão te ajudar.

E, assim fiz. Fiquei esse mês inteirinho no porão lendo os livros e os manuscritos das amigas bruxas de Celeste. Permaneci tão imersa e tão focada que li além dos grifos e das anotações. De fato, não consegui ler tudo o que queria. O tempo que tenho nunca se alinha com o meu processo criativo. Mas, acho que consegui o suficiente necessário para responder às perguntas que fiz a Celeste naquele primeiro dia.

Celeste tinha razão, não existe uma resposta apenas. É uma soma de coisas que começaram há tanto tempo, de formas tão absurdas, que é difícil compreender de fato. É revoltante e indignante!

Ah, antes de eu te contar sobre todos os babados fortíssimos que descobri nessa pesquisa, queria reforçar que mesmo vivendo em um mundo diferente do seu, o meu mundo surgiu do seu. E, os dados e citações que coloco aqui são referentes ao seu mundo. Mas, que, por consequência, também se relacionam com o meu, entende? No fim, da tudo na mesma, é só para explicar que alguns lugares citados não fazem parte do meu mundo e sim do seu. Mas, são importantes para a construção do seu mundo e logo, o meu.



Enfim, assim como Celeste sugeriu, mana seguinte voltei para o porão e tentei começar nos primórdios da civilização para entender os primeiros motivos do desenvolvimento de uma sociedade patriarcal. Encontrei não só no primeiro livro que Celeste citou, mas em um dos manuscritos também, algumas passagens que falam sobre

como poderia ter sido a organização da sociedade no período neolítico:

Como nos conta a História e nos comprovam estudos arqueológicos, houve uma época em que uma cultura “matrifocal” regia nossa civilização. Tal cultura denominase “matrifocal” e não “matriarcal,” pelo fato de não permitir, principalmente, distinções hierárquicas entre homens e mulheres. Não havendo relações baseadas no poder, os indivíduos relacionavam-se com o princípio do coletivo, do trabalho e vida em comunidade, onde não havia espaço para guerras, ameaças e destruições de seus semelhantes. A vida era totalmente regida pela relação entre o indivíduo e a natureza. As mulheres, por seus ciclos menstruais, de fertilidade e gestação, eram diretamente relacionadas com os ciclos da natureza. A própria terra era considerada como a “grande mãe,” aquela que nutria e dava sustento àqueles que dela dependiam, daí a importância atribuída ao aspecto “feminino,” tanto do ser humano quanto da terra que habitava. O indivíduo era totalmente absorvido e integrado à natureza, aos seus ciclos de vida e morte, e aos cuidados ao tratar com a terra, pois dela advinha sua existência e continuidade. (Cabreira, apud Dias, Cabreira, 2019, p.177).

_Argh! Neolítico é muito tempo.... - Joguei a cabeça para trás do encosto da poltrona, reclamando para Muriel que havia chegado um pouco depois. Celeste voltou para a cafeteria. Elas sempre se revezavam entre cafeteria e porão durante o dia.

_De fato... - Ela bufou - Também não consigo digerir que faz tanto tempo assim desde que começaram a acabar com a nossa paz.

_Houve algum período de paz? Quero voltar para ele...

_Pelo que eu li, acreditam que sim, mas não se sabe ao certo. Muita coisa foi perdida e destruída.

propositalmente, além de que sempre variou de civilização para civilização. – Muriel pegou o livro de Gerda Lerner que estava em cima da mesinha entre nossas poltronas. – Tem uma parte que ela fala sobre isso, deixa eu achar... Aqui, ela também fala sobre o período neolítico. Nessa parte ela cita Elise Boulding: “Boulding enxerga nas sociedades neolíticas um compartilhamento igualitário de trabalho no qual cada sexo desenvolveu habilidades e conhecimento apropriados essenciais para a sobrevivência do grupo.” (Lerner, 2019, p.73) e continua:

Descreve a mulher primitiva como guardiã do fogo doméstico, como a inventora de recipientes de argila e tecido, que permitiam que os excedentes da tribo fossem guardados para épocas de escassez. Descreve ainda a mulher como alguém que extraía de plantas, árvores e frutas os segredos da transformação de seus produtos em substâncias curativas, tinturas, cânhamo, fios e roupas. A mulher sabia como transformar matéria-prima e animais mortos em alimento. Suas habilidades devem ter sido tão diversas quanto as do homem, e por certo tão essenciais quanto as dele. Ela tinha talvez mais conhecimento ou pelo menos tanto quanto o homem; é fácil imaginar que devia ser o suficiente para ela. Na criação de rituais e ritos, de música, dança e poesia, ela teve tanta participação quanto ele. E, ainda assim, devia ser responsável por gerar e criar filhos. A mulher, na sociedade pré-civilizada, deve ter sido igual ao homem e pode muito bem ter se considerado superior a ele. (Lerner, 2019, p.73).

Completei:

_Tem essa parte do manuscrito que estou lendo também olha:

De acordo com a explicação de Joseph Campbell: “Não resta dúvida de que nas épocas mais remotas da história do homem a força mágica e misteriosa da fêmea era tão maravilhosa quanto o próprio universo; e isto atribuiu à mulher um poder prodigioso, poder este que tem sido uma das maiores preocupações da parte masculina da população — como quebra-lo, controlá-lo e usá-lo para seus próprios fins.” (Civita Apud Dias, Cabreira, 2019, p.177).

_Foi nesse período que encontraram várias estátuas do corpo feminino, não é? – Comentei – Tipo a Vênus de Willendorf. De fato, parece ser um período melhorzinho. Mas, era muito focado nessa questão da reprodução da espécie... Como ficavam as pessoas que não queriam ou não podiam ter filhos? Ou as que não tinham o menor interesse de sair para caçar e preferiam ficar em casa cuidando dos filhos? Essa divisão de funções foi realmente feita por conta do útero?

_Tem uma parte aqui que a Gerda fala sobre isso: – disse Muriel;

Portanto, a primeira divisão sexual do trabalho, pela qual homens caçavam grandes animais e mulheres e crianças caçavam pequenos animais e coletavam alimentos, parece ter se originado de diferenças biológicas entre os sexos. Não se trata de diferenças de força ou resistência, mas unicamente reprodutivas – em especial, a capacidade de amamentar bebês. Posto isso, quero enfatizar que minha aceitação de uma “explicação biológica” só é aplicável aos primeiros estágios do desenvolvimento humano e não significa que a divisão sexual do trabalho ocorrida depois, com base na maternidade, seja “natural”. Pelo contrário, mostrarei que a dominância masculina é um fenômeno histórico porque surgiu de um fato biologicamente determinado e tornou-se uma estrutura criada e reforçada

em termos culturais ao longo do tempo. (Lerner, 2019, p.71).

_Entendi, eu acho...

_Ela explica melhor depois também: - Continuou Muriel.

Algumas mães levam os filhos com elas por longas distâncias; em outros casos, idosos e filhos mais velhos atuam como cuidadores. Fica claro que, para as mulheres, a ligação entre ter e criar filhos é determinada culturalmente e sujeita à manipulação social. Meu objetivo é salientar que a mais antiga divisão sexual do trabalho, segundo a qual as mulheres escolheram ocupações compatíveis com a maternidade e a criação dos filhos, era funcional, por isso satisfatória tanto para homens quanto para mulheres. (Lerner, 2019, p.71-72).

_Viu? Nem só quem tinha útero ficava cuidando dos filhos. Mas, inicialmente, geralmente, era, por ser mais funcional, principalmente por conta da amamentação. O problema é que logo foi um papel reforçado culturalmente e começaram a nos transformar em coisa:

A sexualidade das mulheres, consistindo de suas capacidades e seus serviços reprodutivos e sexuais, foi modificada ainda antes da criação da civilização ocidental. O desenvolvimento da agricultura no Período Neolítico fomentou a “troca de mulheres” intertribal não apenas como um meio de evitar os incessantes conflitos travados pelas alianças de consolidação do casamento, mas também porque sociedades com mais mulheres poderiam produzir mais filhos. Ao contrário das necessidades econômicas das sociedades de caçadores-coletores, agricultores poderiam usar o trabalho de crianças para aumentar a produção e acumular excedentes. “Homens como grupo” tinham

direitos sobre as mulheres que as “mulheres como grupo” não tinham sobre os homens. As próprias mulheres tornaram-se um recurso adquirido por homens tanto quanto as terras adquiridas por eles. Mulheres eram trocadas ou compradas em casamentos para benefício de suas famílias. Depois, elas foram dominadas ou compradas para a escravidão, quando seus serviços sexuais eram parte de sua mão de obra e seus filhos eram propriedade de seus senhores. (Lerner, 2019, p.261-262).

_Virou tudo um prato cheio para nos manipular. - Finalizou Muriel.

Reviramos os olhos e jogamos a cabeça para trás bufando.

_Nesse livro da Gerda, fala quando exatamente que começaram a nos manipular? - Perguntei.

O período do “estabelecimento do patriarcado” não foi um “evento”, mas um processo que se desenrolou durante um espaço de tempo de quase 2.500 anos, de cerca de 3100 a 600 a.C. Aconteceu, mesmo no Antigo Oriente Próximo, em ritmo e momento diferentes, em sociedades distintas. (Lerner, 2019, p.32-33).

_Quase 2.500 anos atrás, em momentos diferentes e sociedades distintas... É muito difícil visualizar isso, ainda mais quando fomos condicionadas a pensar de forma muito linear temporalmente, como se tivesse uma evolução na história. Tsc, que evolução é essa que, a qualquer oportunidade, tiram a merreca de direito que a gente tem? - Muriel ficava cada vez mais indignada junto comigo.

_Mas, como que isso aconteceu? Como que esse desdém e ódio absurdo por nós foram implantados e mantidos com sucesso há tanto tempo e em praticamente todas as civilizações? Tem alguma civilização hoje que não é patriarcal?

_Se tem, não sei. Mas, grande maioria das que tinham, foram apagadas ou colonizadas. - Muriel pensou por um momento. - Na verdade, se não me engano, lembro que Celeste comentou uns dias atrás que estava procurando livros ou manuscritos sobre sociedades matrifocais que existem hoje. Mas, que ainda não encontrou... Então existem, mas acho que não vai dar tempo de dissertar sobre na sua pesquisa por agora...

_É, acho que não mesmo... Até porque já tem bastante coisa para ler ainda por aqui...

Muriel concordou veementemente com a cabeça, arregalando os olhos e voltou para o livro:

_Agora sobre como que o patriarcado está aí até hoje:

Neste livro, Lerner nos ensina que o sistema patriarcal só funciona com a cooperação das mulheres, adquirida por intermédio da doutrinação, privação da educação, da negação das mulheres sobre sua história, da divisão das mulheres entre respeitáveis e não respeitáveis, da coerção, da discriminação no acesso a recursos econômicos e poder político, e da recompensa de privilégios de classe dada às mulheres que se conformam. As mulheres participam no processo de sua subordinação porque internalizam a ideia de sua inferioridade. Como apontou Simone de Beauvoir: “o opressor não seria tão forte se não tivesse cúmplices entre os próprios oprimidos”. (Lerner, 2019, p.21).

Ela continuou:

_Depois de tudo que eu li, cheguei à conclusão de que foi uma narrativa extremamente bem construída ao ponto de se tornar uma verdade absoluta inquestionável que vem sendo sustentada não só por homens cis, mas por toda a sociedade incluindo as próprias pessoas violentadas, que repassam para outras por não saber ou por saber, mas ter medo.

Fiquei um tempo em silêncio construindo meus pensamentos. O medo cala, paralisa e se transforma na ferramenta perfeita de manipulação... Quantos pedaços de mim eu cortei por medo? Quanta dor excruciante senti por medo de sofrer? A manipulação que nos encarcera todos os dias é tão absurda que chega ao ponto bizarro que você se mutila por medo de ser mutilada. Se auto destrói antes, por medo de ser destruída depois.

_Nos destruíram por fora, e quando cansaram de montar a pira, trataram de fazer com que nós mesmas as montássemos internamente... Nos tornamos piradas. - Concluí.

Muriel sorriu e eu sorri de volta, em um misto de cumplicidade, admiração e desespero:

_De fato somos piradas de todas as formas, rodeadas de piras o tempo todo. Nos tornamos a inquisição de nós mesmas...

Ficamos alguns segundos nos entreolhando naquele desespero cômico onde, às vezes, rir de sua própria situação trágica é o que nos dá um pouco de força para continuar e lutar contra.

_Falando em pira, e a bruxaria? Estou ansiosa para essa parte! - Falei naquele misto maluco.

Muriel fechou o livro da Gerda e voltou para a pilha de outros livros e manuscritos em um salto.

_Vamos!

_As bruxas sempre existiram, não é? - Perguntei.

_Sim ! Mas, o nome bruxa e o termo bruxaria é um pouco mais recente. A magia sempre esteve presente no mundo. Ela é interligada à natureza, você sabe. Assim como a natureza, a magia também opera enquanto destruição, transformação e criação. Não existe uma divisão entre magia boa ou magia ruim, assim como essa binariedade maluca, tipo homem x mulher, bom x ruim, são tudo narrativas projetadas para nos dividir e manipular. No caso das bruxas, trataram de atribuir todo tipo de coisas péssimas ao termo. Tanto que se você chama alguém de bruxa hoje, é considerado como uma ofensa horrível carregada desses estereótipos que há tantos anos vem sendo violentamente reforçados.

_Ainda bem que estamos ressignificando isso. Eu amo quando me chamam de bruxa! Me sinto totalmente empoderada! Ah, tem bem isso que você falou nesse manuscrito que eu estava lendo agorinha:

Na Europa predominava uma visão mágica do mundo, tanto entre pagãos como entre os cristãos. As mensagens da mitologia e do folclore não estavam apenas nas profundezas da psique humana; possuíam um significado real e imediato. Também traduziam um equilíbrio delicado entre amor e ódio pela bruxa, figura de poder aparentemente imenso. E esse equilíbrio, ao que parece,

sempre parecia prestes a pender para o lado do medo e do horror. As pessoas pensavam saber o que era uma feiticeira; na verdade, conheciam-na por mais de uma dúzia de nomes diferentes. Precisavam apenas de mais um pretexto para dar vazão a seus instintos e atacar a fonte de inquietude que a bruxa representava. Infelizmente, isso foi exatamente o que ocorreu quando o cristianismo reivindicou seus direitos de gerir tanto suas vidas quanto suas lealdades. (Civita Apud Dias, Cabreira, 2019, p.179).

_Argh! O cristianismo... - Bufou Muriel. - Quando a magia é algo de interesse deles, tipo histórias que garantem mais poder e adeptos à igreja, a pessoa se torna santa e a magia em si é denominada milagre...

_Agora quando não é... pronto, taca fogo, chuta que é macumba, e todas aquelas coisas que já estamos exaustas de escutar... - Completei. - Aqui, os autores desse texto falam sobre isso também:

O “triunfo” do Cristianismo sobre o Paganismo lhe dá aparente imagem de superioridade divina sobre os demais poderes demoníacos associados à feitiçaria, já que, na Idade Média, os magos eram comumente tidos como o contraponto dos santos: a apropriação de determinados poderes sobrenaturais de forma positiva, relacionados aos magos, como o controle dos elementos da natureza e a cura, davam aos santos a posição benevolente considerando Deus como a origem de tais poderes miraculosos; em oposição, a magia prática, divinação ou qualquer outro ato fora do alcance da Igreja era considerado como atividade demoníaca (PAGE in DAVIS, 2017, p. 29-30). Os costumes advindos do paganismo poderiam ter sido absorvidos pelo Cristianismo; no entanto, a seus praticantes restava a perseguição. (Dias, Cabreira, 2019, p.181).

_Que perturbação! - Bufou Muriel indignada - Nesse texto também. Lembro de uma parte que fala como nós não sabemos discernir adequadamente entre bem e o mal. Somos de fácil influência negativa por parte dos demônios. (Dias, Cabreira, 2019, p.182). É tão absurdo que chega a ser cômico. Eles criaram essa maluquice de céu e inferno, bem e mal, aí o mínimo de conhecimento sobre o óbvio te torna suscetível a um ser maligno que eles mesmos demonizaram. O que mais me indigna é como eles conseguiram chegar onde chegaram com narrativas tão absurdas!

_Foi tudo muito bem planejado e pensado... - Aos poucos eu estava fazendo conexões com os pontos que descobri nos textos. - Criaram um estereótipo, continuamente, por anos, contaram apenas histórias únicas sobre nós. Não nos deram sequer a possibilidade de recontá-las pois tudo o que fugia daquilo era destruído. Foi um feminicídio não só físico, mas estrutural e epistemológico ...

Curiosidade, fraqueza, mentira, orgulho, futilidade, malícia, rancor, vingança e as mais reprováveis características humanas eram relacionadas quase exclusivamente às mulheres, fazendo-as iscas perfeitas para o Diabo e seus servos. Até mesmo uma pseudo-ciência servia de justificativa para que as mulheres fossem colocadas como inferiores, como o formato de seus corpos e suas entranhas. A imagem da bruxa é, então, moldada de acordo com tais crenças e abarca não apenas pessoas específicas, mas todo um gênero que dividiria traços semelhantes físicos, comportamentais e intelectuais. Além disso, ainda reforça o demoníaco naquelas que fogem aos padrões de juventude e beleza, como as velhas, mendigas,

doentes, as obstinadas e dominadoras, as que usurpavam o controle masculino, as que se comportavam como homens, as que buscavam superioridade sexual, as prostitutas ou qualquer mulher às margens da sociedade que não tivessem a imagem da mulher boa e pia, paciente, silenciosa, domesticada e religiosa (Clark, Apud Dias, Cabreira, 2019, p.183).

_Acho que o pior de tudo é ler isso e saber que pouco mudou... Que continuam nos queimando, sustentados nessa coisa absurda. – Muriel suspirou:

Como visto, a violência é um instrumento-chave de poder para submeter e subordinar mulheres. O feminicídio representa a expressão extrema da força patriarcal, uma forma de manifestar a política sexual e os rituais de dominação masculina. O feminicídio é um ato socialmente necessário para manter o status quo dessa dominação masculina. (Caicedo-Roa, Nascimento, Bandeira, Cordeiro, 2022, p.530).

_Vamos dar uma pausa? Um respiro para o café? Uma pausa para digerir. – Por mais interessante que estava, além da barriga roncando, todas aquelas informações estavam me deixando muito desconfortável.

_Concordo totalmente! – Disse Muriel levantando da poltrona. – Nossa! Está quase na hora de fechar o café! Não é à toa que estamos com fome.

_Acho que estou começando a entender porque tantas pessoas continuam aceitando o que é imposto sem questionar ou se revoltar... Saber de tudo isso... Além de extremamente revoltante é dolorido... É uma sensação ruim difícil de escrever... Parece que você deu uma comida estragada para o seu cérebro e ele fica enjoado e mal....

Por mais dolorido que seja continuar se mutilando todos os dias, às vezes, não saber ou fingir que não sabe dessas coisas, é mais cômodo...

Muriel parou e me olhou com empatia.

_Sei bem como é sentir isso. Cada livro desse abre um buraco novo em mim toda vez que eu leio. Um buraco que nunca mais vai ser fechado. Realmente, a vida de quem se conforma com o que lhe é dado sem questionar deve ser muito mais fácil... Mas, quem são essas pessoas? Em que posição elas estão? O que elas já viveram? É difícil pensar sobre a vida individual de cada pessoa. Mas, pensa na sua, você conseguiria não se indignar ao ponto de aceitar e sequer querer saber os motivos de tamanha violência contra nós?

Lembrei da vida sofrida e da morte de minha mãe, da violência que meus amigos, amigas e amigos sofreram e sofrem todos os dias, do conhecimento trancafiado debaixo da terra, assim como tantas outras de nós. Mais ainda, lembrei do desespero de não saber, de não compreender, de não aceitar o que diariamente me forçavam a aceitar.

_Definitivamente não conseguiria...

_E, é isso que te faz uma bruxa Margot. A magia é como a natureza, ciclos e mais ciclos de nascimento, crescimento e morte. Da morte a magia se transforma e cria novas realidades, do que está destruído, do que já não nos serve. Derrubamos e desses cacos transformamos em coisas novas, coisas que nos servem, nos cabem, nos libertam, nos juntam. E, a primeira destruição que

testemunhamos é a nossa própria. Uma bruxa já nasce com um buraco enorme no peito, alguns mais visíveis que outros. O meu sempre foi enorme, mulher travesti negra. Você sabe bem que nem se eu quisesse conseguiria me encaixar em lugar nenhum nessa realidade que estamos agora.

Concordei com pesar.

Então o que precisamos fazer é continuar nos esburacando até nos livrarmos por completo dessa prisão que construíram para nós e que nos forçaram a construir. Para que a partir dos escombros possamos transformar em algo novo, algo que nos permita viver. Cada livro desse que leio, cada situação que testemunho lá fora, cada vivência que tenho, cada violência que presencio ou sofro, arranco com unhas e dentes um pedaço de mim que eles colocaram. Amasso até virar uma maçaroca e dali crio uma parte nova, uma casca nova para mim, mais forte, às vezes, mais bonita, às vezes não. Não é um processo fácil, você mesma está sentindo, é dolorido, é excruciante. Te faz querer desistir inúmeras vezes. Mas, é o que nos resta. É o que nos mantém vivas. É o que nos permite viver. Nascemos no ódio e na destruição e estamos cansadas de tanto reconstruir o que destroem todos os dias. Pois, passemos a usar o ódio e a destruição como força também. É isso que nos faz bruxas. Ser uma bruxa não é apenas nascer com magia. É não fazer parte, não querer fazer parte e querer destruir o (cis) tema que não nos pensa e criar caminhos novos. É ser cuir, queer. É ser monstra, é ser mestiça, é ser ambígua, é transitar nos entres, é

continuamente transformar cada lugar que passamos, apenas (e não digo como algo que é pouca coisa, porque não é) pela nossa existência:

É uma figura que transita no pantanoso terreno do irracional, da carne e da animalidade. Andrógina, a bruxa é monstruosa porque traz consigo a mistura das espécies e a mistura de sexos diferentes. Mulher-árvore encarquilhada pelo tempo, mulher-loba correndo pela floresta nas noites de lua cheia, mulher e besta, a bela e a fera. A bruxa, como todos os monstros, é híbrida. Bissexual, a promiscuidade da bruxa mostrava o quanto era perversa e animalesca. (Zordan, 2005, p.339).

Olhei para o fundo dos olhos de Muriel. Nossos olhares ressoavam. Ali tinha dor, felicidade, ódio, entusiasmo, tristeza, cumplicidade, confusão, um caos de sentimentos que estranhamente me trouxe uma paz que há muito tempo eu não sentia. A paz de se encontrar junto com ela naquele caos. A paz de saber que eu não estava sozinha e jamais estarei. A paz de entender que aquele caos faz parte de nós e que a partir dele, juntas, tínhamos o poder de mover e transformar o mundo.

_Sabe o que é mais maluco? – Ela continuou. - Até isso os reizinhos e os “homens de fé e de bem” descobriram sobre nós. Por isso que nos queimam, para não sobrar absolutamente nada que possamos transformar. Mal sabem eles que as cinzas não se perdem com os ventos. Se espalham por todos os cantos. Voam longe... Elas sempre estiveram entre nós e jamais deixaram de existir em nossas veias, em nosso ódio, em nossa magia. “As conquistas das mulheres seguem se erguendo das cinzas

das que foram queimadas, seja por sistemas econômicos opressivos ou por relacionamentos abusivos.” (Caicedo-Roa, Nascimento, Bandeira, Cordeiro, 2022, p.532).

Estávamos no final do inverno. Mas, o calor da primavera já havia chegado. Porém, não chovia há muitos dias e tudo estava seco e murcho há tempos. Ao subirmos para o café, além do cheiro de bolo de cenoura, um cheiro forte de chuva inundava o ambiente.

_Venham ver a chuva!! - Celeste nos chamou para o pequeno quintal dos fundos. - E, olha Margot! O pé de jabuticaba que você nos deu!

Jabuticaba era a fruta favorita de minha mãe. Há cinco anos atrás eu e meu tio plantamos várias sementes de jabuticaba. Assim como minha mãe dizia, ele falou que jabuticaba é uma árvore que aproxima as pessoas. A grande quantidade de frutos em toda a extensão do tronco e dos vários galhos a faz acessível para uma quantidade enorme de pessoas. E, quem não ama jabuticaba? Várias mudinhas cresceram. Uma delas eu trouxe para Celeste, nada mais simbólico que uma jabuticaba sair do fundo da terra, crescer, criar vários galhos e dar um monte de frutos num local como esse, não é?

A parte tensa é que logo após que a plantamos no quintal de Celeste e Muriel, todas suas folhas caíram. Fiquei chateada achando que ela poderia não ter aguentado e morrer. A estiagem não ajudara muito também, mesmo sendo regada todos os dias. Porém, ali estava a jabuticabeira, que não era muito mais alta que eu, cheia de folhas novinhas e flores brancas no tronco e

nos galhos regados agora pela chuva, que anunciava o início da primavera naquele fim de tarde.

_Tem que morrer para germinar. - Muriel falou exatamente o que eu estava pensando. - Igual a música do Gilberto Gil: Drão²¹ (1982).

_Vocês estavam estudando sobre os ciclos? - Perguntou Celeste.

_Não exatamente. Mas, a última coisa que falamos foi sobre isso. - Disse Muriel.

_Já viram sobre a caça às bruxas e o início do capitalismo?

_Ainda não. - Respondi.

_Já perceberam como o capitalismo opera como se tudo fosse eterno e imutável? Ao ponto que é mais aceitável o fim da humanidade inteira do que o fim da exploração incansável de nossos corpos e recursos? Este sistema econômico desigual desconsidera completamente qualquer tipo de ciclo, que mesmo se renovando, nunca são iguais. - Disse Celeste.

_Nunca parei para pensar nisso não... - Refleti.

_Mulheres, bruxas, natureza, processo criativo, tudo o que representa fim, transformação, recomeço, união, tudo o que não se pode controlar, tudo o que não se pode prever, é o que eles querem destruir.

_Mas, aí não sobra nada! - Falei indignada.

²¹ GIL, Gilberto. Drão. In: GIL, Gilberto. Um Banda Um. Produtor: Liminha. [S.l.]: Warner Music Brasil, 1982. 1 CD, faixa 8.

_O fim do mundo acontece todo ano, não é? Sempre tem alguém que fala sobre um possível iminente fim. Esse sistema é tão maluco e absurdo que há séculos nos condicionam a acreditar que é preferível esperar o fim do que a mudança. Justamente para que acabe com qualquer possibilidade de transformação. - Celeste olhava fixamente para a jabuticabeira. - Dodi Leal fala sobre isso:

Se há a marca cisgênera do capitalismo (capitaliCISmo), poderíamos inferir que, da mesma forma que seria notadamente mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo, seria também mais fácil imaginar — e comercializar — o fim do mundo do que conceber — e fabular — o fim da cisgeneridade? Não estaria a ideia de “fim de mundo” tentando camuflar os verdadeiros fracassos coloniais? Assinalamos aqui que, o tal de “fim de mundo” refere-se, antes, ao fim de um mundo: o mundo da branquitude, o mundo da cisgeneridade, o mundo adultocêntrico, o mundo capacitista, etc. (Leal, 2021, p.5).

_Também está conectando as peças Margot? - Perguntou Muriel sorrindo ao ver meus neurônios trabalhando.

Eu estava tão imersa nas palavras de Celeste que só consegui acenar afirmativamente com a cabeça.

_Quando a Dodi fala do fim de um mundo é sobre o mundo do colonizador. É esse que lutamos para seu fim, sua destruição. - Pontuou Celeste - Jota Mombaça também fala:

A luta da descolonização é sempre uma luta pela abolição do ponto de vista do colonizador e, conseqüentemente, é uma luta pelo fim do mundo - o fim de um mundo. Fim do mundo como o conhecemos. Como nos foi dado conhecer - mundo devastado pela destruição criativa do capitalismo, ordenado pela supremacia branca, normalizado pela cisgeneridade como ideal regulatório, reproduzido pela heteronormatividade, governado pelo ideal machista de silenciamento das mulheres e do feminino e atualizado pela colonialidade do poder; mundo da razão controladora, da distribuição desigual da violência, do genocídio sistemático de populações racializadas, empobrecidas, indígenas, trans e de outras tantas. (Mombaça, 2021, p.73-74).

Ah, nota para você leitora. Nessa hora, Celeste não as citou dessa forma como se tivesse com os livros delas nas mãos. Eu que estou lembrando e completando agora o que ela falou, com essas passagens das autoras que tanto me ajudaram nessa pesquisa.

_Bruxas são cuir, artistas, anticapitalistas, mestiças, decoloniais, trans, negras, indígenas, tudo o que esse ideal branco machista heteronormativo não suportaaa!! - Riu Muriel assim como eu e Celeste.

_Vamos comer o bolo que fiz e depois que eu fechar o café vou descer com vocês para falarmos do capitalismo e do colonialismo, mostrando como eles destruíram e ainda destroem nossa vida. Você pode ficar aqui até que horas Margot? - Perguntou Celeste.

_Até a hora que vocês me mandarem embora. - Sorri.

_Vixe, então, vamos ter que arrumar o quarto de visitas. - Celeste sorriu.

Passamos a noite toda no porão. Alternávamos entre leituras, comidinhas, fofocas históricas e magia. Silvia Federici foi uma das estrelas da noite com seu livro *Calibã e a Bruxa* (2017):

A figura da bruxa [...], neste livro situa-se no centro da cena, enquanto encarnação de um mundo de sujeitos femininos que o capitalismo precisou destruir: a herege, a curandeira, a esposa desobediente, a mulher que ousa viver só, **a mulher** obeah que envenenava a comida do senhor e incitava os escravos à rebelião. (Federici, 2017, p.23-24).

_É na Europa que começou a caça às bruxas e o início do capitalismo ou é o foco da pesquisa da autora? - Perguntei.



(No meu mundo, tanto Europa quanto EUA são equivalente a um continente chamado Império de Zankros. Nós estamos em Mardwen, um país rico em natureza e cultura, colonizado e exaurido por Zankros)



_É de lá que vem toda essa perturbação. Nossos povos originários não tiveram nada a ver com essa patifaria não. Muito pelo contrário, foram forçados a aceitar e a propagar isso no momento que foram colonizados. - Respondeu Muriel desgostosa.

_Como pode um único continente trazer tanto estrago para tantas partes do mundo? - Perguntei incrédula.

Tanto Celeste quanto Muriel fizeram caretas.

_Pior de tudo é ser obrigada a escutar nas escolas que eles foram os maiores e a saber mais sobre eles do que

sobre nós mesmos. - Celeste bufou. - Mas, a Federici mostra nesse livro que a história deles, que infelizmente influenciou a nossa história, não foi essa beleza toda que pintam para gente, muito pelo contrário:

O capitalismo foi uma resposta dos senhores feudais, dos mercadores patrícios, dos bispos e dos papas a um conflito social centenário que chegou a fazer tremer seu poder e que realmente produziu “uma grande sacudida mundial”. O capitalismo foi a contrarrevolução que destruiu as possibilidades que haviam emergido da luta antifeudal — possibilidades que, se tivessem sido realizadas, teriam evitado a imensa destruição de vidas e de espaço natural que marcou o avanço das relações capitalistas no mundo. Devemos enfatizar este aspecto, pois a crença de que o capitalismo “evoluiu” a partir do feudalismo e de que representa uma forma mais elevada de vida social ainda não se desfez. (Federici, 2017, p.44).

_Que desânimo... Saímos da frigideira para o fogo... literalmente. - Comentei em tom comicamente desesperador. - Não tinha outra opção não?

_Tinham, várias. - Continuou Celeste. - Federici fala que: “É na luta antifeudal que encontramos o primeiro indício na história europeia da existência das raízes de um movimento de mulheres que se opunha à ordem estabelecida e contribuía para a construção de modelos alternativos de vida comunal.” (Federici, 2017, p.45).

_ Uia! Então as mulheres realmente estavam à frente dos movimentos? - Muriel perguntou exatamente o que eu perguntaria.

_Sim, olha:

A luta contra o poder feudal produziu também as primeiras tentativas organizadas de desafiar as normas sexuais dominantes e de estabelecer relações mais igualitárias entre mulheres e homens. Combinadas à recusa do trabalho servil e das relações comerciais, estas formas conscientes de transgressão social construíram uma poderosa alternativa não só ao feudalismo, mas também à ordem capitalista que estava substituindo o feudalismo, demonstrando que outro mundo era possível, o que nos encoraja a perguntar por que ele não se desenvolveu. (Federici, 2017, p.45).

_Outro mundo era possível... - Repeti com desânimo.

_Olha como as peças vão se encaixando! Tudo foi muito bem articulado. - Disse Muriel.

_Teve algum dia desses que falei para vocês sobre a palavra gossip, não é? Que significava amiga, mas que foi deturpada até relacionarem grupo de mulheres com fonte de discórdia e coisas ruins, não é? - Perguntou Celeste. Confirmei com a cabeça. - Foi uma das várias formas de isolar as mulheres, justamente para controlá-las visto que: "Foram as mulheres que defenderam de forma mais ferrenha o antigo modo de existência, e que se opuseram com mais veemência à nova estrutura de poder - provavelmente devido ao fato de serem também as mais afetadas." (Federici, 2017, p.400). No caso, o antigo modo de existência se diz em relação ao novo que era mil vezes mais violento de todas as formas.

_A Federici (2017) também fala que antes da caça às bruxas as mulheres se apoiavam não só nas divisões de trabalho durante o feudalismo, mas também no parto, não é? Sempre foi bem ruim, mas pelo menos antes do

capitalismo, elas tinham um pouco mais de controle sobre os próprios corpos. - Perguntou Muriel.

_Sim, o trabalho das parteiras era muito comum e muito necessário para a vida dessas mulheres, além de que reforçava a ideia de comunidade entre elas, por meio da sororidade. - Respondeu Celeste. _E, acabaram com tudo, não é? - Perguntei desanimada.

Tanto Celeste quanto Muriel acenaram positivamente com a cabeça e reviraram os olhos.

_Segundo Federici (2017), a peste bubônica levou mais de um terço da população europeia e para restaurar a proporção populacional, o estado teve a brilhante ideia de iniciar uma guerra contra as mulheres “claramente orientada a quebrar o controle que elas haviam exercido sobre seus corpos e sua reprodução.” (Federici, 2017, p.174). E, ela continua:

Essa guerra foi travada principalmente por meio da caça às bruxas, que literalmente demonizou qualquer forma de controle de natalidade e de sexualidade não procriativa, ao mesmo tempo que acusava as mulheres de sacrificar crianças para o demônio. [...] Desse modo, a partir de meados do século XVI, ao mesmo tempo que os barcos portugueses retornavam da África com seus primeiros carregamentos humanos, todos os governos europeus começaram a impor penas mais severas à contracepção, ao aborto e ao infanticídio. (Federici, 2017, p.174).

_Eu estou chocada. - Comentei.

_Piora viu? - Disse Muriel - Sempre piora...

_A partir daí que começaram a suspeitar das parteiras e trataram de excluí-las do processo do parto. – Continuou Celeste:

Com a marginalização das parteiras, começou um processo pelo qual as mulheres perderam o controle que haviam exercido sobre a procriação, sendo reduzidas a um papel passivo no parto, enquanto os médicos homens passaram a ser considerados como “aqueles que realmente davam vida” (como nos sonhos alquimistas dos magos renascentistas). Com essa mudança, também teve início o domínio de uma nova prática médica que, em caso de emergência, priorizava a vida do feto em detrimento da vida da mãe. Isso contrastava com o processo de nascimento habitual que as mulheres haviam controlado. E, para que efetivamente ocorresse, a comunidade de mulheres que se reunia em torno da cama da futura mãe teve que ser expulsa da sala de partos, ao mesmo tempo que as parteiras eram postas sob a vigilância do médico ou eram recrutadas para policiar outras mulheres. (Federici, 2017, p.177).

_Como consequência disso, quem tinha útero virava escrava à procriação. – Concluiu Muriel.

_Exatamente. “A partir de agora seus úteros se transformaram em território político, controlados pelos homens e pelo Estado: a procriação foi colocada diretamente a serviço da acumulação capitalista.” (Federici, 2017, p.178) Logo, “o corpo feminino foi transformado em instrumento para a reprodução do trabalho e para a expansão da força de trabalho, tratado como uma máquina natural de criação, funcionando de

acordo com ritmos que estavam fora do controle das mulheres.” (Federici, 2017, p.178).

_Não consigo acreditar... Danem-se as mulheres, o que importa é a criação de mais mão de obra.... O estupro então nem era um problema, capaz de ter sido a solução.
- Falei incrédula e com sarcasmo.

_Não só era a solução, como durante um bom tempo foi até legalizado - Disse Muriel.

_Não pode ser...

_Infelizmente, é verdade. Isso aconteceu antes mesmo da peste bubônica e do maior controle dos nossos corpos.
- Disse Celeste. - Federici (2017) fala que a descriminalização do estupro de mulheres proletárias solteiras foi uma forma de cooptar os trabalhadores de modo a desestruturar toda a classe proletária:

Porém, elas não eram as únicas que sofriam. A legalização do estupro criou um clima intensamente misógino que degradou todas as mulheres, qualquer que fosse sua classe. Também insensibilizou a população frente à violência contra as mulheres, preparando o terreno para a caça às bruxas que começaria nesse mesmo período. Os primeiros julgamentos por bruxaria ocorreram no final do século xiv; pela primeira vez, a Inquisição registrou a existência de uma heresia e de uma seita de adoradores do demônio completamente feminina. (Federici, 2017, p.104-105).

_Eu estou em completo choque de saber em como tudo isso foi maquiavelmente pensado e estruturado. A caça às bruxas não foi um surto do nada como eu pensava... Foi uma soma de decisões tomadas de forma muito bem articulada ...

_Decisões que geraram narrativas e narrativas que embasaram decisões. – Concluiu Celeste:

Os mecanismos da perseguição confirmam que a caça às bruxas não foi um processo espontâneo, “um movimento vindo de baixo, ao qual as classes governantes e administrativas estavam obrigadas a responder” (Larner, 1983, p. 1). Como Christina Larner demonstrou no caso da Escócia, a caça às bruxas requeria uma vasta organização e administração oficial. Antes que os vizinhos se acusassem entre si ou que comunidades inteiras fossem presas do “pânico”, teve lugar um firme doutrinamento, no qual as autoridades expressaram publicamente sua preocupação com a propagação das bruxas e viajaram de aldeia em aldeia para ensinar as pessoas a reconhecê-las, em alguns casos levando consigo listas de mulheres suspeitas de serem bruxas e ameaçando castigar aqueles que as dessem asilo ou lhes oferecessem ajuda. (Larner, 1983, p. 2). (Federici, 2017, p. 298).

_Então, foi aí que começaram as narrativas contra as bruxas, histórias únicas e logo os estereótipos...- Comentei.

_Exato. – Respondeu Celeste.

_Tinham até panfletos distribuídos e circulando por todos os lados com instruções de como reconhecer uma bruxa, detalhando todos os perigos que elas poderiam trazer para a sua vida. – Falou Muriel.

_Panfletos?! Gente, eles foram muito empenhados em destruir nossa vida, eu tô passada com tamanha dedicação! – Falei incrédula.

_Não só tinham panfletos, como foi, nada mais nada menos, que “a primeira perseguição, na Europa, que usou

propaganda multimídia com o objetivo de gerar uma psicose em massa entre a população.” (Federici, 2017, p.299). - Completou Celeste.

_Gente, mas não é possível. É muito difícil conceber tudo isso na minha cabeça. - Eu estava (e ainda estou) inconformada - Lembrem quando teve aquela epidemia uns anos atrás e distribuíram um monte de panfleto avisando sobre os perigos da doença e como a gente precisava se cuidar e MAIS DA METADE da população não estava nem aí para um vírus que LITERALMENTE MATAVA pessoas na nossa frente!! Agora, mulheres tentando minimamente viver a vida delas na paz foi divulgado como uma ameaça absurdamente tenebrosa que de fato conseguiu deixar um continente inteiro em pânico por vários séculos? Mesmo lendo e vocês me explicando os motivos e de como articularam isso tudo, eu ainda não consigo compreender...

_Nem nós. - Disse Muriel.

_O pior é saber que isso aconteceu e acontece ainda hoje não só com mulheres, mas com pessoas negras, indígenas, LGBTQIA+, qualquer forma de existência que não cabe no (cis)tema. Qualquer faísquinha que possa representar uma ameaça para eles, pimba! Nós que somos as culpadas! Queima!

_E eu amo que de fato somos as culpadas mesmo. - Riu Muriel. - Não vejo a hora de transformar essa faísca em explosão e arremessar para longe aquele castelo lá em cima com todas as ratazanas dentro. _Me chama! - Me entusiasmei também.

_Falta pouco para eles mesmos se explodirem. Óbvio que vamos dar um empurrãozinho. Já estamos trabalhando nisso, não é? – Celeste estendeu os braços mostrando nosso arredor. – Bora alimentar ainda mais essa indignação enquanto eles acham que nos venceram e que não representamos mais nenhuma forma de ameaça. – Celeste voltou para o livro. – Ah! Aqui tá falando justamente de uma das formas que usaram para nos desbancar: A desvalorização do nosso trabalho. Mesmo sendo o mesmo trabalho, quando mulheres o faziam era considerado “tarefas de dona de casa”, já quando eram homens, era considerado como “produtivo” (Federici, 2017). E, tem mais:

A desvalorização do trabalho feminino era tal que os governos das cidades ordenaram às guildas que ignorassem a produção que as mulheres (especialmente as viúvas) realizavam em suas casas, por não se tratar realmente de trabalho, e porque as mulheres precisavam dessa produção para não depender da assistência pública. Wiesner acrescenta que as mulheres aceitavam esta ficção e até mesmo se desculpavam por pedir trabalho, suplicando por um serviço devido à necessidade de se manterem (ibidem, pp. 845). Rapidamente, todo o trabalho feminino, quando realizado em casa, seria definido como “tarefa doméstica”, e até mesmo quando feito fora de casa era pago a um valor menor do que o trabalho masculino — nunca o suficiente para que as mulheres pudessem sobreviver dele. O casamento era visto como a verdadeira carreira para uma mulher, e a incapacidade das mulheres de sobreviverem sozinhas era algo dado como tão certo que, quando uma mulher solteira tentava se assentar em um vilarejo, era expulsa, mesmo se ganhasse um salário. (Federici, 2017, p.182-184).

_Percebem o quanto isso marginalizava ainda mais as mulheres? - continuou Celeste - Principalmente as que eram consideradas descartáveis, visto que não podiam produzir mão de obra, como as idosas. Qual a primeira imagem que vem à sua cabeça quando falamos sobre bruxas? Pense no senso comum, antes de você destruir essas pré-concepções que nos foram colocadas. - Ela se direcionou para mim.

_Uma velha feia e nariguda. - Arregalei os olhos ao fazer as conexões. - Não pode ser... Li isso em um dos manuscritos:

O corpo jovem da estética clássica é valorizado como modelo de perfeição enquanto que os corpos mais grotescos e disformes abundam na iconografia do Inferno. Estreitamente ligada ao corpo (curandeira, camponesa, dona-de-casa, amante, prostituta, parteira), a bruxa é um dos agentes sociais escolhidos para expurgar os temores coletivos por meio do perecimento carnal. (Zordan, 2005, p.336).

_Sim. Esse foi um dos primeiros estereótipos que andou lado a lado da imagem da mulher bela e sedutora que enfeitiçava os homens por meio de sua sexualidade. - Disse Celeste. - Tudo muito relacionado à essa questão do controle da natalidade e também ao que poderia ser uma ameaça à superioridade masculina. Demonizar a sexualidade da mulher era ponto essencial para destruir por completo qualquer possibilidade de poder sobre nossos próprios corpos e sobre os homens. Uma nova estrutura familiar estava sendo montada em prol do capitalismo: “inspirada no Estado, com o marido como rei e a mulher

subordinada à sua vontade, devotada à administração do lar de maneira abnegada” (Schochet, Apud Federici, 2017, p.343). Se as mulheres pudessem exercer seus poderes ao ponto de tornar os homens escravos de seus desejos, seria impossível tornar esta estrutura familiar em prática. (Federici, 2017):

A paixão sexual destruía não somente a autoridade dos homens sobre as mulheres — como lamentava Montaigne, o homem pode conservar seu decoro em tudo, exceto no ato sexual (Easlea, 1980, p. 243) —, mas também a capacidade de um homem de governar a si mesmo, fazendo-o perder esta preciosa cabeça onde a filosofia cartesiana situaria a fonte da razão. Por isso, uma mulher sexualmente ativa constituía um perigo público, uma ameaça à ordem social, já que subvertia o sentido de responsabilidade dos homens e sua capacidade de trabalho e de autocontrole. Para que as mulheres não arruinassem moralmente — ou, o que era mais importante, financeiramente — os homens, a sexualidade feminina tinha que ser exorcizada. Isso se alcançava por meio da tortura, da morte na fogueira, assim como pelos interrogatórios meticulosos a que as bruxas foram submetidas, e que eram uma mistura de exorcismo sexual e estupro psicológico. (Federici, 2017, p.343).

_Qualquer comportamento que diminuísse o tempo e a energia disponível para o trabalho era condenado. - Comentou Muriel. - Até hoje ainda é. Sabemos o quanto somos cobradas o tempo todo para sermos produtivas. Sabe aquela ideia de que mente vazia é oficina do diabo e a tal “preguiça” é um pecado gravíssimo? Mas, é incrível como absolutamente tudo na mulher era e ainda é condenado.

_De fato, qualquer mísera manifestação de livre arbítrio feminino era extremamente condenada. - Disse Celeste, continuando a leitura:

Todavia, a bruxa não era só a parteira, a mulher que evitava a maternidade ou a mendiga que, a duras penas, ganhava a vida roubando um pouco de lenha ou de manteiga de seus vizinhos. Também era a mulher libertina e promíscua — a prostituta ou a adúltera e, em geral, a mulher que praticava sua sexualidade fora dos vínculos do casamento e da procriação. Por isso, nos julgamentos por bruxaria, a “má reputação” era prova de culpa. A bruxa era também a mulher rebelde que respondia, discutia, insultava e não chorava sob tortura. Aqui, a expressão “rebelde” não se refere necessariamente a nenhuma atividade subversiva específica em que possa estar envolvida uma mulher. Pelo contrário, descreve a personalidade feminina que se havia desenvolvido, especialmente entre o campesinato, no contexto da luta contra o poder feudal, quando as mulheres atuaram à frente dos movimentos heréticos, muitas vezes organizadas em associações femininas, apresentando um desafio crescente à autoridade masculina e à Igreja. (Federici, 2017, p.331-333).

_Você não é um homem branco e não quer fazer as minhas vontades? - Começou Muriel sarcasticamente imitando um inquisidor - Bruxa! Queima! - Brandamos juntas.

_Falando nisso, por que sempre o fogo? É óbvio que nos mataram e ainda nos matam de várias formas. Mas, qual é a tara pelo fogo??. - Perguntei.

_Porque eles acham que a gente é imortal! Matar e enterrar não é suficiente, porque provavelmente vamos ressurgir de dentro das sepulturas, tal qual uma vampira.

(Zordan, 2005) – Muriel estava lendo um dos manuscritos. – “Por isso era necessário queimar seus corpos e lançar suas cinzas ao vento, para que, através das artes diabólicas, seu corpo não fosse capaz de se reconstituir.” (Zordan, 2005, p.335) Queria eu ter todo esse poder!

Celeste riu:

Óbvio que esse não foi o motivo principal. Foi a narrativa criada para que não houvessem questionamentos da destruição não só de vidas, mas de toda uma construção de conhecimento. Queimar em praça pública se transformou em uma destruição simbólica fortíssima. Olha:

A queima das bruxas devia ser feita de forma pública, para que outras mulheres fossem testemunhas das consequências de práticas entendidas como “inadequadas” para as mulheres. Queimar mulheres tornou-se uma maneira de manter o controle sobre seus corpos, e não só de uma específica, mas de qualquer uma que questionasse o controle sobre os mesmos. Esta queima-destruição remete à aniquilação simbólica, mostrando seu não valor e sua banalidade, além de retirar a fala das mulheres, uma vez que essas jamais seriam ouvidas, consegue arrasar com sua identidade e existência, no sentido de que o fogo destrói, não deixa vestígios, apenas cinzas. A queima também mostra a condição da mulher que se constitui como um território de vingança. (Caicedo-Roa, Nascimento, Bandeira, Cordeiro, 2022, p.530).

Lembrei, mais uma vez, do questionamento de Tituba (Condé, 2024), agora não apenas do porquê nos temem, mas:

_Por que não nos respeitam já que somos tão poderosas assim? - Perguntei.

_Mas, nós sequer somos donas de todo esse poder meninas! - Respondeu Celeste, arregalando os olhos em um misto de indignação e ânsia em contar uma fofoca fortíssima.

_Como assim?! - Eu e Muriel questionamos.

_ Vocês acham mesmo que depois de todo esse trabalho narrativo para nos destruir eles iam admitir que tivéssemos qualquer resquício de poder? Que conseguiríamos por conta própria, concretizar todas as mais poderosas maldições que nos condenam? Que algum dia eles iriam admitir que nós dançamos com a magia? - Ela deu uma pausa dramática. - Não meus amores... Eis que entra, o famoso, mais poderoso que muita divindade por aí, o Príncipe do mundo: O diabo, o demônio, Lúcifer, Satanás, chame-o como quiser, mas é ELE quem vai nos ceder poder.

_QUE?! - Eu e Muriel estávamos incrédulas.

_Vocês duas estão com duas cópias do texto de Paola Zordan (Artista, escritora, professora, mulher, branca e brasileira²²) “Bruxas: Figuras de poder” (2005). Federici (2017) fala sobre isso também. Depois dou uma procurada por aqui. Mas, vejam se acham onde a autora fala sobre a origem do poder da bruxa.

_Achei! - Exclamei:

²² Informações contidas no site da autora inserido em: <https://www.paolazordan.xyz/> acesso em: 12/10/2025

Vinculada à natureza, a bruxa estava ligada ao chamado “Príncipe do Mundo”, o diabo, que, mesmo aparecendo hermafrodita em algumas representações, é uma entidade explicitamente fálica, masculina. A mulher não pode disputar o poder do universo nem mesmo quando se trata de ser adversária da divindade masculina central. Na lógica patriarcal, o poder da bruxa advinha de sua convivência com os demônios e do seu pacto com o diabo. Era inconcebível imaginar que a mulher, por si própria, tivesse a capacidade de curar e lançar malefícios sobre o corpo ou realizar certos fenômenos ditos “sobrenaturais”. (Zordan, 2005, p.333).

_Não tô acreditando... - Comentei.

_E, tem mais!! - Continuou Muriel extremamente indignada:

No *Malleus Maleficarum* fica claro que, se alguma bruxa operou algum prodígio sem a ajuda do diabo, certamente foi porque serviu como instrumento para que Deus realizasse alguma das obras necessárias para o aperfeiçoamento do ‘plano divino’. Como subordinado de Deus, o diabo servia-se da bruxa para testar a fé dos homens e também de mulheres virtuosas. Mesmo as damas de ‘boa conduta’ eram suscetíveis aos cortejos infernais porque as mulheres eram mais ‘facilmente seduzidas pelo pecado’. (Zordan, 2005, p.333).

_Então, nas raras vezes, quando não é o diabo é deus usando as mulheres como instrumento de obras... - Comentou Muriel em choque.

_Percebem como eles destruíram por completo qualquer vestígio sequer de humanidade em nós? Nos transformaram em coisas, receptáculos vazios, prontos

para se tornarem a oficina do (cis)tema. - Concluiu Celeste.

_Mente vazia, oficina do capeta... - Muriel comentou.

_Literalmente, o útero do (cis)tema... - Comentei.

_Olha o poder que as histórias únicas possuem. Olha como a destruição de saberes múltiplos e plurais para a implantação de símbolos e significados que trabalham para o capitalismo, o patriarcado, o colonialismo e o fascismo moldam a trajetória de continentes inteiros e de milhares de vidas por quantos séculos já? Entendem a gravidade da coisa? Tudo isso foi planejado e moldado para que mulheres, indígenas, pessoas negras, pessoas LGBTQIAP+, se tornassem passivas e controláveis, para que seus úteros, suas terras, seus corpos, suas ideias fossem, quando não extinguidas, exauridas e manipuladas a favor da manutenção da heterocisnorma, da acumulação de riquezas, do patriarcado e do capitalismo. - Celeste reforçou. - Ah! Aqui a parte que a Federici fala sobre nosso poder ser na verdade do diabo:

O quão preocupados estavam os caçadores de bruxas com a afirmação da supremacia masculina pode ser constatado pelo fato de que, até mesmo quando se rebelavam contra as leis humanas e divinas, as mulheres tinham que ser retratadas como subservientes a um homem, e o ponto culminante de sua rebelião — o famoso pacto com o diabo — devia ser representado como um contrato de casamento pervertido. A analogia matrimonial era levada a tal ponto que as bruxas chegavam a confessar que elas “não se atreviam a desobedecer o diabo” ou, ainda mais curioso, que elas não tinham nenhum prazer em copular com ele, uma contradição no que diz respeito à ideologia da caça às

bruxas, para a qual a bruxaria era consequência da luxúria insaciável das mulheres. (Federici, 2017, p.338).

Tanto eu quanto Muriel ficamos um bom tempo sem conseguir verbalizar uma palavra.

_De fato. Que respeito se têm em alguém que sequer é considerado um ser humano mais? Só um receptáculo de forças demoníacas ou divinas produzidas por homens... - Respondi minha própria pergunta. Minha voz saía trêmula e desamparada.

_Sabe o que é mais maluco? - Continuou Celeste.

_Tem mais?! - Perguntei em pânico.

_Têm, Margot, sempre tem... - Respondeu Muriel com a cabeça apoiada em uma das mãos, encarando um lugar distante para além do porão que estávamos.

_Você provavelmente já percebeu. Mas, sequer a magia que eles tanto usam é respeitada.

_A magia é estreitamente ligada à natureza. Eles definitivamente não respeitam a natureza de forma alguma... - Comentou Muriel desanimada.

_Exato. - Concordou Celeste. - As bruxas dançam com a magia. Nós entendemos seus ciclos, respeitamos seu tempo, honramos a sabedoria das que nos deixaram, pois sabemos que a morte faz parte do fim do ciclo de toda forma de vida. E, é com esses fins que aprendemos a traçar novos ciclos, a transformar, através dessa dança, caminhos cada vez menos doloridos e solitários. Já os reis e os nobres, homens do (cis)tema, querem controlar a magia para que ela sirva à seu favor quando eles bem

entenderem. Agem incansavelmente, absorvem todos os seus recursos sem pensar que um dia ela pode acabar. A magia se eleva enquanto um status mecanicista. Lembram da revolução científica? Ainda estamos vivendo isso, a razão acima da emoção, o homem racional no centro em detrimento da mulher emocional e histérica. Não que a ciência não seja importante. Longe disso por favor! Mas, entendam que nesse momento a ciência foi usada como um contraponto deturpado em prol de um sistema violento. O famoso: Tudo em nome da ciência e do progresso! Mas, uma ciência e um progresso que desvalorizam e destroem qualquer outra forma de conhecimento que não seja o que convém a manutenção do poder deles. Aqui, Federici cita a pesquisadora Merchant, que fala exatamente disso:

Merchant considera que a raiz da perseguição às bruxas encontra-se na mudança de paradigma provocada pela revolução científica e, em particular, no surgimento da filosofia mecanicista cartesiana. Segundo a autora, esta mudança substituiu uma visão orgânica do mundo — que via na natureza, nas mulheres e na terra as mães protetoras — por outra que as degradava à categoria de “recursos permanentes”, retirando qualquer restrição ética à sua exploração (Merchant, 1980, p. 127 e segs.). A mulher-enquanto-bruxa, sustenta Merchant, foi perseguida como a encarnação do “lado selvagem” da natureza, de tudo aquilo que na natureza parecia desordenado, incontrollável e, portanto, antagonico ao projeto assumido pela nova ciência. Merchant defende que uma das provas da conexão entre a perseguição às bruxas e o surgimento da ciência moderna encontra-se no trabalho de Francis Bacon, considerado um dos pais do novo método científico. Seu conceito de investigação científica da natureza foi moldado

a partir do interrogatório das bruxas sob tortura, do qual surgiu uma representação da natureza como uma mulher a ser conquistada, revelada e estuprada (Merchant Apud Federici, 2017, p.366).

Desta forma, a magia é restrita para que apenas poucos poderosos possam ter acesso. Transformam-na em artefato de elite para que muito nas mãos de poucos não precise ser dividido:

Ao tentar controlar a natureza, a organização capitalista do trabalho devia rejeitar o imprevisível que está implícito na prática da magia, assim como a possibilidade de se estabelecer uma relação privilegiada com os elementos naturais e a crença na existência de poderes a que somente alguns indivíduos tinham acesso, não sendo, portanto, facilmente generalizáveis e exploráveis. A magia constituía também um obstáculo para a racionalização do processo de trabalho e uma ameaça para o estabelecimento do princípio da responsabilidade individual. Sobretudo, a magia parecia uma forma de rejeição do trabalho, de insubordinação, e um instrumento de resistência de base ao poder. O mundo devia ser “desencantado” para poder ser dominado. (Federici, 2017, p.313).

_ Por isso, apenas os homens nobres são autorizados a usar magia... – Comentei em descrença.

_ “Era a natureza sexual dos seus crimes e o status de classe baixa que distinguiam a bruxa do mago do Renascimento, que ficou, na maior parte dos casos, imune à perseguição.” (Federici, 2017, p.355356) – Citou Muriel ao lembrar da passagem. – Desde àquela época, os magos formavam uma elite, (Federici, 2017) prestando serviços à realeza, nobres e pessoas influentes ou de cargos altos...

_E como sempre, a mulher era vista como uma enorme ameaça à essa exclusividade da magia. - Continuou Celeste:

Embora a caça às bruxas estivesse dirigida a uma ampla variedade de práticas femininas, foi principalmente devido a essas capacidades — como feiticeiras, curandeiras, encantadoras ou adivinhas — que as mulheres foram perseguidas, pois, ao recorrerem ao poder da magia, debilitavam o poder das autoridades e do Estado, dando confiança aos pobres em sua capacidade para manipular o ambiente natural e social e, possivelmente, para subverter a ordem constituída. (Federici, 2017, p.314).

_E, de novo, o medo de sermos o que de fato somos: agentes que tem o poder de subverter a ordem constituída. - Concluiu Muriel.

_E, é por isso meninas - Celeste se levantou fechando o livro - que estamos trabalhando arduamente para isso. Aos poucos como sempre estivemos, estamos e estaremos, pois diferente deles, respeitamos nossa magia e nossos ciclos. Dito isso, precisamos dormir! Amanhã continuamos. Falta falarmos mais sobre a colonização e onde a gente estava e ainda está nesse treco todo.

_E, como que dorme depois dessas pedradas? - Perguntei rindo de desespero.

_Primeiro um banho bem quente, depois a gente vê o que a gente faz. - Respondeu Muriel sorrindo.

O dia seguinte era um sábado. O café ficaria aberto só até o meio dia e depois teríamos a tarde toda disponível. Acordei na metade da manhã, ainda um pouco atordoada,

mas o café maravilhoso de Celeste com leite de cabra me levantou a alma.

_Preparada para mais pedradas depois do almoço? - Perguntou Muriel me acompanhando no café.

Estávamos sentadas nos banquinhos altos que ficam próximo ao balcão do café. Era bem movimentado pela manhã, mais ainda nos sábados. Entre um gole de café e uma mordida na torrada, eu ajudava Celeste e Muriel nos atendimentos.

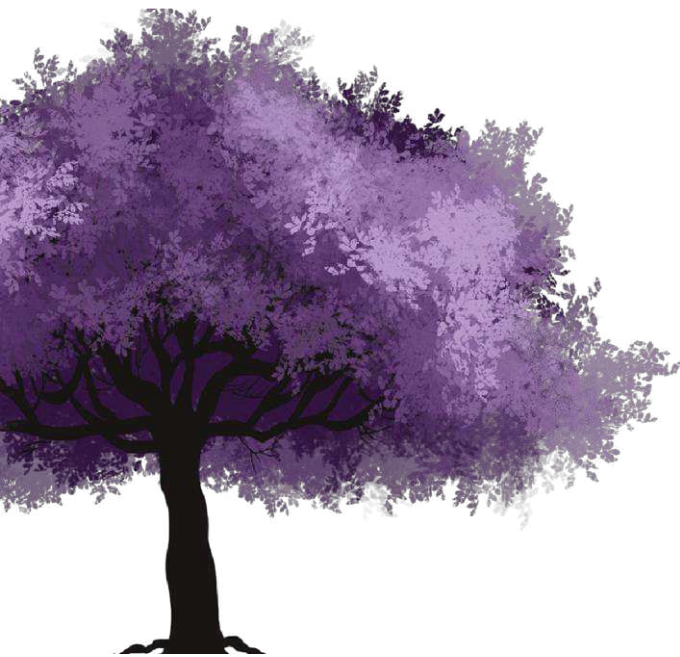
_Depois desse café com leite, estou preparada para tudo! - Respondi.

_Chamei Neri para estudar com a gente hoje a tarde. - Disse Celeste. - O conhecimento dele, de gerações, vai ser muito bem-vindo.

Sorri com ternura pela feliz surpresa. De fato, não tinha como ter alguém melhor para acrescentar nos nossos estudos.

_Verdade! Os ancestrais de Neri são originários dessa terra! - Comentou Muriel.

Neri é meu pai. Na verdade, ele é namorado do meu tio. Porém, depois que perdi meus pais, meu tio e Neri assumiram esse



papel. Neri é alto, homem, cis, gay, cabelos longos, lisos e escuros, indígena dos povos originários da floresta Roxa, os Werunis. Assim como nós, Neri é um bruxo e é possível ver sua magia em seus olhos cor violeta.

_O conhecimento passado oralmente não pode perder sua inestimável importância em detrimento do conhecimento validado academicamente. - Comentou Celeste. - Apesar de que ele já escreveu vários manuscritos acadêmicos sobre sua história e a de seus antepassados.

_Mas, assim como fizemos ontem, vamos misturar as citações acadêmicas com as oralidades da nossa vivência! - Disse Muriel animada.

Fechamos o café, almoçamos e não demorou para que Neri chegasse com uma cesta de bolachinha de nata com cobertura de chocolate e outra cesta de bolachinha de maisena e leite condensado.

_Não creio! Que saudades que eu estava dessas bolachinhas! - Exclamei enquanto o abraçava.

Neri é professor no colégio interno de magia em que meu tio é diretor e assim como eu e meu tio, mora nas propriedades do Colégio. Ele tem uma casa na orla da floresta Roxa (A maior floresta do nosso país), uma cabana que fica bem próxima a uma árvore sagrada para seu povo chamada Arenina.

Desde que comecei a morar no Colégio, passo boa parte dos meus dias com Neri. Criamos um laço afetivo muito forte. Ele é quem me ensinou e ainda ensina desde magias até coisas da vida. Possuo um amor incondicional por ele.

Fazer bolachinhas foi uma forma que Neri encontrou de nutrir esse laço e ajudar a amenizar a dor da perda que eu sentia logo que cheguei no Colégio, quando tinha apenas 11 anos. Desde então, fazer bolachinhas se tornou um costume nosso, junto com presenteá-las, visto que ambos amamos compartilhar com quem gostamos as coisas boas da vida. Esse senso de comunidade, de fortalecer e se fortalecer no coletivo sempre foi algo que Neri fez questão de me ensinar e seguir ao longo desses anos todos.

_Faz tempo que não cozinhamos juntos! - Falei meio chorosa. - Por mais incrível que esteja sendo essa pesquisa, ela está me deixando maluca! Preciso acabar logo para ter tempo nos finais de semana e passar com quem eu amo...

Neri sorriu:

_Por isso fiz sem você saber, para não te passar vontade. Sei bem como é uma fase complicada essa, dolorida, cansativa, o processo da escrita e da criação em si é muito doído, mas é tão gratificante, não é? A gente abre mão de algumas coisas, mas também vivencia e recebe outras que, às vezes, só a pesquisa nos proporciona. Essa troca faz parte da construção e acho que você não trocaria essa fase por outra coisa, não é?

_De fato. - Sorri de volta. - Engraçado... Lembrando do que a gente viu ontem, o processo de pesquisa não é muito diferente da magia... Tem que abrir mão de muitas coisas. Um pedaço antigo de mim morre a cada nova descoberta, mas tudo isso se tornam elementos que combinados se

transformam em algo novo... Parece que estamos cozinhando em um caldeirão. Só espero que o resultado disso tudo possa ser compartilhado e que deixe as pessoas felizes ou pelo menos interessada assim como quando ganhamos bolachinhas ou usamos a magia para nos fortalecer em conjunto.

_Pesquisar com os sentimentos juntando todos os ingredientes por onde você passou, tenho certeza que vai resultar em um banquete e uma magia que aquecerá o coração de quem puder te ouvir. - Disse Neri.

_Ah, você fala isso por que me ama! Nem terminei a pesquisa ainda! E se passar do ponto e queimar a massa? E, se ao invés de deixar as pessoas com o coração quentinho, elas ficarem bravas e botarem fogo em mim?

_O primeiro passo é terminar, que é a parte mais difícil. - Disse Celeste. - O que vier depois, se você tiver terminado e ficar minimamente satisfeita. Digo minimamente por que sabemos que nós mesmos somos os maiores críticos de nossas criações. O depois não tem como controlar por que depende de outras pessoas.

_É... Não ofendendo nem machucando ninguém no processo já está bom. - respondi timidamente.

_O negócio nem tá pronto ainda e você já tá botando lenha na tua pira Margot? - Muriel interveio com convicção. - Confiar na sua magia, mulher! Não esquece que você além de tudo vai defender isso aí. Portanto, trate de acreditar na sua criação e manda essa sua inquisição interna pro raio que o parta!

_Muriel tem razão - Concordou Neri. - Nós sabemos muito bem da importância de nos fazer ouvidos em tempos que querem nos silenciar. Não podemos virar inquisidores também!

_Vocês tem razão... - Sorri timidamente. - Então bora botar esses ingredientes pra ferver no caldeirão? E comer as bolachinhas também.

_Rumo ao porão!! - Muriel apontou o dedo em direção às escadas. Assim que nos acomodamos nas poltronas ao redor das bolachinhas, Celeste deu início às discussões:

_Federici (2017) nos fala que a caça às bruxas foi levada aos países colonizados como justificativa para nos escravizar e roubar:

As figuras correspondentes à típica bruxa europeia não foram, portanto, os magos do Renascimento, mas os nativos americanos colonizados e os africanos escravizados que, nas plantations do Novo Mundo, tiveram um destino similar ao das mulheres na Europa, fornecendo ao capital a aparentemente inesgotável provisão de trabalho necessário para a acumulação. Os destinos das mulheres na Europa e dos ameríndios e africanos nas colônias estavam tão conectados que suas influências foram recíprocas. A caça às bruxas e as acusações de adoração ao demônio foram levadas à América para romper a resistência das populações locais, justificando assim a colonização e o tráfico de escravos ante os olhos do mundo. (Federici, 2017, p.357).

_Tanto que tem uma parte que a Federici (2017) também fala que a condenação das bruxas e o racismo andavam lado a lado. - Completou Muriel:

O diabo era representado como um homem negro, e os negros eram tratados cada vez mais como diabos, de tal modo que “a adoração ao diabo e as intervenções diabólicas [tornaram-se] o aspecto mais comumente descrito sobre as sociedades não europeias que os traficantes de escravos encontravam” (Barker Apud Federici, 2017, p.358).

_Transformar as mulheres em coisas e os negros e indígenas em demônios se tornou a desculpa perfeita para nos roubarem e nos matarem sem remorso. – Bufeí.

_Os colonizadores viam o diabo em absolutamente tudo que era nosso. – Complementou Neri. – Na nossa arte, na nossa dança, nos nossos rituais, na nossa cultura, na nossa aparência, no nosso modo de vestir, na nossa língua, na nossa comida, e nas mulheres, que eram duplamente mais desprezadas. Principalmente em nossa comunidade que sempre foi matrifocal, as mulheres eram e ainda são as principais defensoras.

Lembrei de uma citação do livro da Federici, que tem relação com a fala de Neri, mas específica dos povos originários do Peru:

Caças às bruxas também eram conduzidas no Peru com a finalidade de destruir o culto aos deuses locais, considerados demônios pelos europeus. “Os espanhóis viam a cara do diabo por todas as partes: nas comidas [...] nos ‘vícios primitivos dos índios’ [...] nas suas línguas bárbaras” (De León, 1985, vol. i, pp. 33-4). Nas colônias, as mulheres também eram as mais passíveis de acusações por bruxaria, porque, ao serem especialmente desprezadas pelos europeus como mulheres de mente fraca, logo se tornaram as defensoras mais leais de suas comunidades (Silverblatt Apud Federici, 2017, p.358).

_Eram principalmente as mulheres que nos ensinavam sobre a magia, os ciclos e a respeitar o tempo. - Continuou Neri. - E, os ensinamentos eram passados para todos independente do gênero.

_Não tinha divisão de trabalho entre homens e mulheres? - Perguntei.

_Inicialmente não. Não havia restrições do que alguém poderia ou não fazer por conta do gênero. Tudo o que ajudava e contribuía com o coletivo era bem-vindo. Mas tudo mudou com a chegada dos colonizadores e suas crenças misóginas e fascistas.

Tudo mudou com a chegada dos espanhóis, que trouxeram sua bagagem de crenças misóginas e reestruturaram a economia e o poder político em favor dos homens. As mulheres sofreram também nas mãos dos chefes tradicionais, que, a fim de manter seu poder, começaram a assumir a propriedade das terras comunais e a expropriar das integrantes femininas da comunidade o uso da terra e seus direitos sobre a água. Na economia colonial, as mulheres foram assim reduzidas à condição de servas que trabalhavam como criadas para encomenderos, sacerdotes e corregidores, ou como tecelãs nos obrajes. (Federici, 2017, p.401).

_Houve várias revoltas. - Continuou Neri. - Mas, a destruição foi absurda e vocês sabem bem o que aconteceu por fim... Levaram praticamente todas as nossas terras, nossos corpos, nossa identidade... Mas, eles não levaram tudo. E, jamais conseguirão levar, Celeste sabe bem, não é?

_E, como sei. - Celeste sorriu. - Sabe o primeiro livro que te emprestei Margot? De Maryse Condé?

_Sim...

_Ontem você fez a mesma pergunta de Tituba, por que as bruxas não são respeitadas? De onde a mãe de Tituba veio, de onde Man Yaya veio, antes da chegada dos colonizadores, as bruxas, mulheres que curavam, eram temidas, sim, mas imensamente respeitadas, pois traziam cura e a proteção das comunidades.

_Na nossa aldeia também. - Complementou Neri. - O ou A ou E Weruni que adquiria os olhos roxos, se torna uma figura extremamente respeitada, pois nosso senso de comunidade é tão forte, que sabemos que quem estuda a magia é para o prol do coletivo. E, até hoje isso os colonizadores não conseguiram levar, justamente nosso respeito, ensinamentos e força em conjunto... Bom, um pouco eles levaram sim. Mas, não foi tudo e o que nós temos hoje, se fortalece cada vez mais!

_Exatamente o que estamos fazendo agora! - Completei com empolgação.

_Tem uma passagem da Federici que fala sobre isso. Mas, no caso das bruxas andinas, não tem? - perguntou Muriel. - Interessante saber que nem tudo se perdeu por completo.

Contudo, um dos objetivos da caça às bruxas — o isolamento das bruxas do resto da comunidade — não foi alcançado. As bruxas andinas não foram transformadas em párias. Pelo contrário, “foram muito solicitadas como comadres [parteiras], e sua presença era requerida em

reuniões aldeãs, pois na consciência dos colonizados, a bruxaria, a continuidade das tradições ancestrais e a resistência política consciente passaram a estar cada vez mais entrelaçadas” (ibidem). De fato, graças, em grande medida, à resistência das mulheres, as antigas crenças puderam ser preservadas. Houve certas mudanças no sentido das práticas associadas à religião. O culto foi levado à clandestinidade às custas do caráter coletivo que tinha na época anterior à Conquista. Mas os laços com as montanhas e os outros lugares dos huacas não foram destruídos. (Federici, 2017, p.404).

_Mas, afinal, qual foi o desfecho disso tudo? - perguntei - Não nos queimam mais em praça pública de forma literal. O (cis)tema foi implantado com sucesso, mas vemos que toda essa perturbação ainda não acabou.

_A caça às bruxas em si, de fato, terminou quando o objetivo deles foi atingido. - Celeste leu em seguida:

Quando esta tarefa foi cumprida por completo — no momento em que a disciplina social foi restaurada e a classe dominante consolidou sua hegemonia —, os julgamentos de bruxas cessaram. A crença na bruxaria pôde inclusive se tornar algo ridículo, desprezada como superstição e apagada rapidamente da memória. (Federici, 2017, p.368).

_Mas sabemos que a violência contra as mulheres, indígenas, pessoas negras e pessoas LGBTQIAP+, não desapareceu. Muito pelo contrário, foi normalizada. - Disse Muriel, que em seguida leu um trecho de outro livro de Federici:

A violência contra as mulheres não desapareceu com o fim das caças às bruxas e a abolição da escravidão. Pelo contrário, foi normalizada. Nos anos 1920 e 1930, no auge

do movimento eugenista, a “promiscuidade sexual” feminina, retratada como doença mental, era punida com internação em hospitais psiquiátricos ou esterilização. (Federici, 2019, p.92).

_Hoje em dia somos tratadas como loucas, doentes e até possuídas. - Concluiu Muriel.

_Também como preguiçosos, vagabundos, ladrões, criminosos, - Complementaram Neri e Celeste.

_Nossas inquisições se tornaram os presídios, os hospitais psiquiátricos (antiéticos), algumas igrejas por aí, as ruas, a instituição família normativa e muitas vezes nós mesmas... - Disse Celeste.

_O capitalismo está ruindo. Sempre foi um sistema fadado a ruir, construído em cima de mortes e mentiras. Por esse motivo, que ainda existe esse desespero de perpetuar a destruição e o terror para que justamente esse (cis)tema de destruição e terror continue. - Comentou Neri. - Esquecer o passado é uma forma de fazer com que ele se repita.

_Por isso, que nos matam, nos silenciam e nos trancafiam em porões... - Disse Muriel.

_Em suma: - Celeste leu a última página do segundo livro de Federici:

A caça às bruxas, em todas as diversas formas, também é um meio poderoso de destruir relações comunais, injetando a suspeita de que sob a vizinha, a amiga, a amante se esconde outra pessoa, ansiosa por poder, sexo, riqueza ou simplesmente com desejo de cometer maldades. Como no passado, essa invenção é essencial em um momento em que a repulsa em relação ao capitalismo e a resistência a sua

exploração crescem em todas as partes do mundo. É fundamental, para isso, que cada pessoa entre nós tenha medo das outras, suspeite das intenções das outras, se aproxime das outras sem nada em mente além daquilo que poderá ganhar ou do dano que elas poderão causar. Por esse motivo, é importante haver um esforço para compreendermos a história e a lógica da caça às bruxas e as muitas maneiras pelas quais ela se perpetua em nossa época. Pois é apenas mantendo essa lembrança viva que poderemos evitar que ela se volte contra nós. (Federici, 2019, p.140-141).

_Lerner também fala da importância de sempre rever a história:

Dar historicidade ao sistema de dominância masculina e afirmar que suas funções e manifestações mudam ao longo do tempo é romper com a tradição oferecida. Essa tradição mistificou o patriarcado, tornando-o a-histórico, eterno, invisível e imutável. Mas é exatamente por causa de mudanças em oportunidades sociais e educacionais disponíveis às mulheres que, nos séculos XIX e XX, inúmeras delas enfim foram capazes de avaliar de forma crítica o processo pelo qual ajudamos a forjar e manter o sistema. Somente agora conseguimos conceituar o papel das mulheres na história, criando, assim, uma consciência que pode emancipá-las. Essa consciência também pode libertar os homens das consequências indesejáveis do sistema de dominância masculina. (Lerner, 2019, p.66).

_Então, precisamos urgentemente destruir logo esse mundo em ruínas e mostrar para todos que o (cis)tema não pode se sustentar mais nessas mentiras e nas mortes que há séculos vem causando, para podermos reconstruir tudo de novo! - Exclamei com empolgação. Neri e Celeste riram.

_Sim, mas, calma. - Disse Neri. - Não podemos nos igualar a eles. Já estamos na disputa de um novo mundo e precisamos cuidar para que nossa imaginação visionária não seja capturada pelas forças reativas desse mundo em ruínas:

O apocalipse deste mundo parece ser, a esta altura, a única demanda política razoável. Contudo é preciso separá-la da ansiedade quanto à possibilidade de prever o que há de sucedê-lo. É certo que, se há um mundo por vir, ele está em disputa agora, no entanto é preciso resistir ao desejo controlador de projetar, desde a ruína deste, aquilo que pode vir a ser o mundo que vem. Isso não significa abdicar da responsabilidade de imaginar e conjurar forças que habitem essa disputa e sejam capazes de cruzar o apocalipse rumo à terra incógnita do futuro, pelo contrário: resistir ao desejo projetivo é uma aposta na possibilidade de escapar à captura de nossa imaginação visionária pelas forças reativas do mundo contra o qual lutamos. Recusar-se a oferecer alternativas não é, portanto, uma recusa à imaginação, mas um gesto na luta para fazer da imaginação não uma via para o recentramento do homem e a reestruturação do poder universalizador, mas uma força descolonial que libere o mundo por vir das armadilhas do mundo por acabar. (Mombaça, 2021, p.74).

_No fim, não estamos nem no começo? - Perguntei.

_Que fim e que começo, mulher? - Perguntou Muriel indignada. - Destruir um mundo em ruínas não significa o fim, assim como transformá-lo em novos caminhos não significa o começo. Esse treco de começo meio e fim linear é coisa de colonizador. Estamos no fim e no começo ao mesmo tempo!

_ Estamos e somos agentes de transformação: Bruxas!
- Disse Neri.

_ Em transição, em transformação, em transgressão, em trânsito, sempre trans! Nem somente aqui nem somente lá. - Completou Muriel.

_ As bruxas que transitam no entre lugares trazem os ingredientes mais poderosos para que, em conjunto com outros ingredientes de outras bruxas, finalmente possamos criar narrativas outras em uma força descolonial que libere o mundo por vir das armadilhas do mundo por acabar. (Mombaça, 2021).

Bruxas, mestiças, pansexuais, cuirs, travestis, negras, indígenas, LGBTQIAP+, vidas ditas impossíveis, manifestem-se e vibrem à revelia do mundo. (Mombaça, 2021). Dancem com a magia de criar rotas provisórias longe do destino designado pelo futuro branco cis-heteropatriarcal. (Leal, 2021). Usem seus poderes para elaborar e transformar o futuro. Fabulem seus corpos não-hegemônicos para que cantemos o ritual das bruxas:

Então, eu vim para cantar à revelia.

À revelia do mundo, eu as convoco a viver apesar de tudo. Na radicalidade do impossível. Aqui, onde todas as portas estão fechadas, e por isso mesmo somos levadas a conhecer o mapa das brechas. Aqui, onde a noite infinita já não nos assusta, porque nossos olhares comungam com o escuro e com a indefinição das formas. Aqui, onde apenas morremos quando precisamos recriar nossos corpos e vidas. Aqui, onde os cálculos da política falham em atualizar suas totalizações. Aqui, onde não somos a promessa, mas o milagre. Aqui, onde não nos cabe salvar o mundo, o Brasil ou o que quer que seja. Onde nossas vidas impossíveis se manifestam umas nas outras e manifestam, com sua

dissonância, dimensões e modalidades de mundo que nos recusamos a entregar ao poder. Aqui. Aqui ainda. (Mombaça, 2021, p.9).

O final da fofoca? Fofoca boa é aquela que acaba sem acabar. Aquela que você sabe que a qualquer momento tem algo a mais. Aquela que você fica na expectativa de saber o que vai acontecer no futuro. Aquela que você fica fabulando as possibilidades e imaginando o que pode ainda vir a acontecer. E, é isso que temos para hoje leitora, uma fofoca sem fim. Não só por que eu não sei o final dela ainda, mas por que não saber o fim me proporciona a possibilidade de criar várias narrativas diferentes e essa possibilidade liberta caminhos outros, plurais, caminhos mágicos que criaremos juntas qualquer dia desse no nosso caldeirão de bruxas.

"Ficcionalizar o futuro que ainda não existe, faz as coisas acontecerem aqui"

"O óbvio não é um dado natural, é uma ficção que tomou teor de verdade"

"Ficção visionária - ao momento que você imagina além, não dá para voltar atrás"

"Se a estrutura não me pensa, pensarei sem a estrutura"

"A Ficção me deixa na ponta do pé!" ♡

♡ Lua Lamberti || OCCA 07.03.23





Magia de Fogo – Guache sobre papel paraná, 20cmx16cm, 2023, Marina Lima

5. A animação

5.1 Os personagens e sua criadora

Após ceder o espaço para Margot, agora retorno enquanto autora nesta seção destinada a “A Casa Coruja”.

Movida totalmente por uma análise crítica e formal... mentira, foi por identificação com a narrativa e o quanto ela afetou a minha criação de realidade é que escolhi a animação “A Casa Coruja”. Criada pela animadora estadunidense Dana Terrace e exibida pela Disney de 2020 a 2023, contém três temporadas, com o total de 43 episódios. Segundo a Disneyplus, empresa de streaming em que a animação é reproduzida, “A Casa Coruja” se encaixa nos gêneros de Anime, Comédia, Fantasia, Animação, Ação e Aventura (acesso em 2023).

A animação conta a história de Luz Noceda, uma adolescente humana, que ao seguir uma coruja para recuperar seu livro de fantasia e bruxas favorito, acaba passando em um portal para um mundo mágico. Lá ela conhece Eda, uma bruxa rebelde e King, um pequeno ser que se diz o rei dos demônios, com quem faz amizade. Mesmo não tendo habilidades mágicas, Luz encontra um espaço de existência neste mundo de magia e decide se tornar aprendiz



À esquerda: Luz Noceda no início da animação (2020). À direita: Luz Noceda no episódio final da animação (2023) FONTE: Imagem disponível no Twitter de Dana Terrace, disponível em: <https://x.com/DanaTerrace/status/1662882772229435392/photo/> acesso em: 10/01/2025

de Eda para concluir seu desejo de ser uma bruxa. Luz passa a morar com Eda e King que eventualmente se tornam sua nova família.

Em cima do sofá,
da esquerda para
direita: Corujoão
(Owlbert) e Eda.

No chão, da
esquerda para a
direita: King e
Luz. Àtrás do
sofá: Corujito
(Hooty). FONTE²³



Para muito além do enredo principal, constatado na sinopse acima e a jornada de Luz Noceda em busca de atingir seu objetivo em ser uma bruxa, a animação explora temas que envolvem educação, questões políticas, diversidades de gênero, pluralidades, feminismos, pertencimentos étnico-raciais e de orientação sexual, identidades, sociabilidades, assim como a Arte, a Literatura e a Comunicação em suas

²³ Entre parênteses é o nome original, fora dos parênteses são os nomes da dublagem brasileira. Imagem disponível no Tumblr de Dana Terrace.

várias dimensões. Também se torna um marco por trazer a primeira protagonista bissexual em uma animação da Disney.



Vários desenhos de Eda. FONTE²⁴

Assim como a protagonista, a animação traz uma série de personagens plurais, fantásticos, diversos, membros da comunidade LGBTIAPN+ e pessoas Queers, que quebram com estereótipos violentos e padrões

heteronormativos, reproduzidos pelas mídias hegemônicas a fim de contribuir para a construção de novas realidades.

Luz (a direita) e seu par romântico Amity (a esquerda). FONTE²⁵



²⁴ Imagem disponível no Twitter de Dana Terrace, disponível em: <https://x.com/DanaTerrace/status/1390674166999699456/photo/1> acesso em: 10/01/2025

²⁵ Imagem disponível no Twitter de Dana Terrace, disponível em: <https://x.com/DanaTerrace/status/1421698192886800389/photo/1> acesso em: 10/01/2025



Eda (a direita) e seu par romântico Raine (a esquerda), Raine é uma pessoa não-binária e utiliza pronomes neutros na animação (they/them). FONTE²⁶

Além de possuir uma relação afetiva com a animação, a partir de pesquisas, descobri que a autora utilizou de suas próprias experiências, orientação sexual, identidade e trocas para dar vida e criar uma nova realidade possível por meio da fantasia. Seu local enquanto animadora deste novo mundo, respaldou a minha própria existência e imaginação da realidade, tornando, desta forma, “A Casa Coruja” a principal condutora desta pesquisa.

²⁶ Imagem disponível no Twitter de Dana Terrace, disponível em: <https://x.com/DanaTerrace/status/1421698192886800389/photo/1> acesso em: 10/01/2025



Amigos de Luz, da esquerda para direita: Gus, Willow e Amity FONTE²⁷

Dana Terrace, em entrevista com a CT INSIDER²⁸²⁹ que criou uma protagonista bissexual, pois um pouco antes de desenvolver a proposta para a animação, ela também se revelou bissexual:

Parecia muito natural querer que a personagem principal do meu primeiro show também fosse bi - não houve muito o que pensar sobre isso. Eu [sabia] que seria importante para

²⁷ Imagem disponível no Twitter de Dana Terrace, disponível em: <https://x.com/DanaTerrace/status/1402611437328121866/photo/1> acesso em: 10/01/2025

²⁸ Jornal de Connecticut

²⁹ Original: It felt very natural to want the main character of my first show to also be bi — there was not much more thought put into it than that. I [knew] it would be important for people to see on a Disney channel show...but I didn't even know if it would get picked up by Disney. Terrace said.

as pessoas verem em um programa do Disney Channel... mas eu nem sabia se seria escolhido pela Disney”, disse Terrace.³⁰ (Terrace apud TUCCI, 2022, s/p, Tradução da autora).

A partir das entrevistas da autora, é possível concluir que, de modo sensível, ela levou em consideração a sua própria vivência no desenvolvimento dos relacionamentos e identidades des seus personagens. Outro ponto que respalda esta afirmação, é a criação de uma personagem que foi inspirada totalmente nela mesma. Em uma entrevista (2020) com o crítico de cinema Jackson Murphy³⁰, Terrace fala sobre Tinella Nosa:

Tenho uma caricatura muito pequena. O nome dela é Nariz Pequeno. Ela é a ruiva de olhos esbugalhados da cela que grita teorias da conspiração. Essa sou eu. [...] É completamente egoísta. Eu pensei: “Se eu fosse fazer um desenho animado... se eu fosse colocar todo esse trabalho em alguma coisa... eu quero participar dele”. (Terrace apud MURPHY, 2020, s/p, Tradução da autora).³¹

³⁰ Entrevista disponível no site Animation Scoop.

³¹ Original: “I have a very tiny caricature. Her name is Tiny Nose. She’s the little bug-eyed, red head in the jail cell who screams out conspiracy theories. That’s me. [...] It’s completely selfish. I thought, “If I was gonna have a cartoon... if I was gonna put all this work into something... I wanna be in it.” Aqui, Terrace faz referência ao primeiro episódio da primeira temporada em que a referida personagem aparece pela primeira vez.



Print do primeiro episódio da primeira temporada de *A Casa Coruja* onde aparece a personagem referida pela primeira vez (minuto 11:08). FONTE³²

Imagem disponível no Tumblr de Dana Terrace. FONTE:³³

Em outras entrevistas, Terrace pontua a importância da própria experiência e de outros roteiristas para tornar possível a identificação do público com seus personagens. Em uma



³²THE Owl House [Série de TV]. Criação de Dana Terrace. Estados Unidos: Disney Television Animation, 2020-2023. Disney Channel (22 min.), son., color

³³ Junto da imagem não há nenhuma identificação da autora de se tratar de um autorretrato, entretanto devido à similaridade do desenho com Dana Terrace, a presença de Tinella Nosa na cabeça da figura central e as constatações da

conferência de animação em Toronto (TAAFI)³⁴ a autora pontuou³⁵ a preocupação dela e dos roteiristas na transmissão das emoções na narrativa. Segundo Terrace³⁶ (2021), o espectador não dará importância para uma história que não se sente emocionalmente cativado. Concluiu, junto com sua equipe, que são as emoções que ditam o enredo. Diz, ainda, que há a preocupação de levar em consideração as situações vividas e os eventos importantes das trajetórias de toda a equipe, e, a partir disso é selecionado, dentro deste mundo de fantasia, o momento ou situação em que se encaixam estas vivências.

Como já citado, a escolha da animação “A Casa Coruja” se dá por um apego pessoal a obra, a representatividade e pluralidade dos personagens e a criação sensível e cartográfica de um enredo produzido por uma animadora membro da comunidade LGBTQIAPN+. Entretanto, também a um acontecimento que me instigou acerca do enorme impacto que esta

animadora nas entrevistas, concluí que este desenho se trata de um autorretrato de Terrace.

³⁴ O Festival Internacional de Artes de Animação de Toronto, ou TAAFI, é o festival de animação que recebe um grande público de profissionais talentosos, estudantes, estúdios e entusiastas, ano após ano. Uma organização sem fins lucrativos totalmente voluntária, apaixonada por animação, desenhos animados e pelas pessoas que os fazem. (Texto retirado do site do festival com tradução própria) inserido em: <https://www.taafi.com/about/> acesso em: 16/03/2024

³⁵ A referida conferência foi realizada em 22 de novembro de 2020, de forma online como consta no site do festival: <https://www.taafi.com/industry/2020/sessions/closing-keynote-featuring-dana-terrace/> acesso em: 16/03/2024.

³⁶ Devido à dificuldade de encontrar gravações disponíveis da fala de Terrace no referido Festival, acabei recorrendo a um resumo traduzido por um criador de conteúdo no youtube, dono do canal: Clube de Livros de Azura. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=DO2BuY5ZlaM&ab_channel=ClubedeLivrosdeAzura acesso em: 16/03/2024.

obra gerou como pioneira na temática LGBTQIAPN+ dentro de uma gigantesca empresa como a Disney: seu cancelamento.

A série foi cancelada pela Disney antes mesmo da sua segunda temporada, por empresários que sequer discutiram com Terrace sobre a decisão, alegando que a série não se encaixava com o perfil da marca... Isto me gerou diversas indagações, que perfil é esse que essa empresa quer manter? Um perfil que continua apagando existências múltiplas e perpetuando narrativas hegemônicas? Atendendo a quais interesses? Para quais fins? Uma empresa tão grande e ampla como esta que atualmente adquiriu diversas outras empresas como Lucasfilm, Marvel Entertainment, Pixar, entre outros que tratam narrativas de temáticas múltiplas, considera “A Casa Coruja” como incompatível com a marca? É difícil não pensar que o motivo real é outro. Não é mesmo?

Em seu perfil em uma rede social (Reddit) em 2021³⁷ a autora comentou sobre os motivos do cancelamento da série. Foi a representatividade LGBTQIAPN+? Dana comenta que houve problemas com a transmissão da animação em alguns países havendo até mesmo banimentos da série em alguns deles. Entretanto, a autora conclui que não assumiria má fé contra as pessoas com quem trabalhou em Los Angeles (Cidade onde a série foi produzida) (Terrace 2021).

A pandemia de Covid 19 também não poderia ter sido a razão. Segundo a autora, todas as produções tiveram que apertar os cintos neste período. Entretanto, a decisão do cancelamento já havia sido tomada há muito tempo e a pandemia se tornou a chance perfeita para fazer isto. Terrace comenta também que até mesmo conseguir a terceira temporada

³⁷ Terrace, Dana, @AntagonistDana, AMA (except by “anything” I mean these questions only), 2021, post da autora no Reddit, inserido em: https://www.reddit.com/r/TheOwlHouse/comments/q1x1uh/ama_except_by_anything_i_mean_these_questions_only/ Acesso em: 05/07/2023

foi extremamente difícil. Ela não teve permissão para participar de nenhuma conversa para expor seus argumentos. Não houve nenhuma abertura ou transparência por parte da empresa (Terrace, 2021). Estranho, não é mesmo?

Outro argumento sobre o cancelamento que cai por terra, segundo Terrace, seriam as avaliações da série, que eram boas! A decisão foi tomada, que a autora saiba, antes da estreia do episódio intitulado: A Dor de Uma Bruxa³⁸, o 18º episódio da primeira temporada e antes mesmo da série estrear no Disney+. Dana questiona o julgamento das avaliações quando não há a transmissão repetida do programa que está tentando medir. “SAIA daqui seus bilionários idiotas.”³⁹ (Terrace, 2021, tradução da autora).

Então, qual foi o motivo?! Em exclamação, ainda em seu post, Terrace comenta que no final das contas, existem alguns empresários que supervisionam o que se encaixa na marca Disney. Um certo dia um desses caras decidiu que “A Casa Coruja” simplesmente não se encaixava nessa “marca”. A audiência da série é um público mais velho, que não agradou os gostos desse cara. (Terrace 2021). Particularmente acho muito complicado aceitar essa justificativa tão vazia, visto que uma frase famosa do próprio Walt Disney é: “Não faço filmes apenas para crianças. Eu os faço para a criança que há em todos nós, quer tenhamos seis ou sessenta.”⁴⁰ (Lucas, 2019, p.12, tradução da autora). Se o grande criador da marca defendia uma audiência independente da faixa etária, acredito que esse argumento não se sustenta.

³⁸ Original: Agony of a Witch

³⁹ Original: Get OUTTA here you silly billies.

⁴⁰ Original: I do not make films primarily for children. I make them for the child in all of us, whether we be six or sixty.

De acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente, Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, “as emissoras de rádio e televisão somente exibirão, no horário recomendado para o público infante juvenil, programas com finalidades educativas, artísticas, culturais e informativas. (ECA, Art.76). A classificação indicativa da animação pesquisada, contempla estas finalidades descritas no ECA e é destinada para um público que tem a partir de 10 anos de idade. Entretanto, como a autora falou, seguindo o que descrevi acima, a obra é frequentemente considerada como uma animação para o público adolescente e jovem, por abordar temas como diversidades e pertencimentos. Mas, afinal, crianças não devem ter acesso às animações que discutem estes assuntos?

Quem defende o que é apropriado ou não ao público infante juvenil? O próprio ECA (1990), em seu Art. 58, defende que “no processo educacional respeitar-se-ão os valores culturais, artísticos e históricos próprios do contexto social da criança e do adolescente, garantindo-se a estes a liberdade da criação e o acesso às fontes de cultura”. Neste contexto, não podemos garantir nas animações infante juvenis a discussão de valores culturais, artísticos e históricos, próprios do contexto social da criança e do/a adolescente LGBTQIAP+? O referido Estatuto responde à esta indignação com o Art. 71, quando evidencia que “a criança e o/a adolescente têm direito à informação, cultura, lazer, esportes, diversões, espetáculos e produtos e serviços que respeitem sua condição peculiar de pessoa em desenvolvimento”.

Deste modo, o que estamos pensando sobre infância? Por que discutir gênero na infância é tão necessário? Prevenção de violências pressupõe a educação envolvendo diretamente a participação dos/as/es próprios/as/es sujeitos/as/es. Pensar gênero e pensar infância não pode ser algo oposto. Afinal, é dever do Estado, assim como dos meios de comunicação, “respeitar a individualidade e os ritmos de

desenvolvimento das crianças e valorizar a diversidade da infância brasileira, assim como as diferenças entre as crianças em seus contextos sociais e culturais” (ECA, 1990, Art. 4º, III).

E, ainda fica a seguinte indagação: Que criança e que adolescente reais têm acesso a animação A Casa Coruja? Muitas vezes, concebe-se a infância e a adolescência como algo abstrato, padronizado aos moldes heteronormativos. Portanto, mais uma vez, é imprescindível lembrar os pressupostos do ECA (1990), quando reforça a obrigação do Estado e da sociedade sobre a “não discriminação do adolescente, notadamente em razão de etnia, gênero, nacionalidade, classe social, orientação religiosa, política ou sexual, ou associação ou pertencimento a qualquer minoria ou status”. (ECA, Art.35, VIII).

Ainda no mesmo post, Dana (2021) expõe sua indignação: “É isso! Isso não é selvagem? Realmente mói minhas entranhas, ferve meu cérebro, chuta minhas canelas, todas as coisas. É um saco, mas, é o que é.”⁴¹ E, finaliza: “Talvez haja um futuro para o mundo Casa Coruja se a DTV (Disney TV) tiver pessoas diferentes no comando.”⁴² (Terrace 2021, tradução da autora). Com esta última afirmação, fica explícito que uma das maiores empresas, líder no setor dos meios de comunicação, atende aos interesses de grandes empresários, onde apenas um único bilionário tem total poder para definir o que pode ou não ser produzido, levando em consideração nada mais, nada menos, que seus interesses pessoais. Extremamente revoltante!! Ao ler este post de Terrace entendi na prática o que é o controle das mídias pelo poder. Um único homem, bilionário, não podemos esquecer, um único aceno de cabeça e ele define

⁴¹ Original: That's it! Ain't that wild? Really grinds my guts, boils my brain, kicks my shins, all the things. It sucks but it is what it is.

⁴² Original: Maybe there's a future for the Owl House world if DTV has different people in charge.

o que pode ou não ser divulgado, reproduzido, representado.... Apagando o que é considerado diferente para que continue perpetuando histórias únicas que esses mesmos bilionários definiram. Como Adichie fala sobre o poder:

É impossível falar sobre a história única sem falar sobre poder. Existe uma palavra em igbo na qual sempre penso quando considero as estruturas de poder no mundo: *nkali*. É um substantivo que, em tradução livre, quer dizer “ser maior que o outro”. Assim como o mundo econômico e político, as histórias também são definidas pelo princípio de *nkali*: como elas são contadas, quem as conta, quando são contadas e quantas são contadas depende muito de poder. (Adichie, 2019, p. 22-23).

Animador e criador da série de animação “Gravity Falls” (2012-2016), produzida também pela Disney e dublador dos personagens King e Hooty de “A Casa Coruja”, Alex Hirsch, comentou em seu Twitter em 2020⁴³ sobre sua experiência na Disney durante a produção de “Gravity Falls”: “Na época quando eu fiz Gravity Falls, Disney me PROIBIU de qualquer representação explicitamente LGBTQ+. Aparentemente, o ‘lugar mais feliz do mundo’ significa ‘hétero.’” (HIRSCH, 2020, Tradução da autora).⁴⁴ No mesmo post, Hirsch parabeniza Dana Terrace e sua equipe por conseguir trazer personagens explicitamente queers para a Disney TV. O animador também finaliza dizendo estar orgulhoso e feliz com a conquista.

⁴³ HIRSCH, Alex, @_AlexHirsch, 2020, post do animador no Twitter, inserido em: <https://acesse.one/Vy7DF> Acesso em: 05/07/2023

⁴⁴ Original: Back when I made GF Disney FORBADE me from any explicit LGBTQ+ rep. Apparently ‘happiest place on earth’ meant ‘straightest’.

Apesar do visível avanço nas representatividades dentro da Disney desde 2016 (ano em que Gravity Falls é finalizado), o cancelamento de “A Casa Coruja” em 2021 sem motivos plausíveis, mostra que a empresa ainda precisa avançar e muito. Em 2020, antes de saber que a série seria cancelada, Terrace também escreve em seu Twitter sobre a possibilidade de levar à empresa uma série com representatividade LGBTIAPN+ e Queer:

Fui muito aberta sobre minha intenção de colocar crianças queer no elenco principal. Eu sou uma péssima mentirosa, então passar despercebida teria sido difícil. Quando recebemos sinal verde, alguns líderes da Disney me disseram que eu não poderia representar nenhuma forma de relacionamento bi ou gay no canal. Eu sou bi! Eu quero escrever um personagem bi, caramba! Felizmente, minha teimosia valeu a pena e agora sou muito apoiada pela atual liderança da Disney. (Terrace apud Variety, 2020, tradução da autora).⁴⁵

Nesta citação, Terrace conta que estava aberta sobre sua intenção de colocar crianças queer no elenco principal. Ela revela ser uma péssima mentirosa, então esconder seria difícil. Continua dizendo que ao receber a luz verde, certa liderança da Disney disse que ela não poderia representar nenhuma forma de relacionamento bi ou gay no canal. “Eu sou bi! Eu quero

⁴⁵ A citação foi retirada de uma reportagem do site da NBC News, pois o post original de Terrace não está mais disponível na presente data 05/07/2023. Original: I was very open about my intention to put queer kids in the main cast. I’m a horrible liar so sneaking it in would’ve been hard. When we were greenlit I was told by certain Disney leadership that I could not represent any form of bi or gay relationship on the channel. I’m bi! I want to write a bi character, dammit! Luckily my stubbornness paid off and now I am very supported by current Disney leadership.

escrever um personagem bi, caramba!” (Terrace apud Variety, 2020, tradução da autora).

Saber que Dana é uma pessoa bissexual que criou Luz, uma personagem bissexual, me gerou um quentinho no coração. Creio que as experiências da vida de Terrace como uma pessoa LGBTQIAPN+ geraram em “A Casa Coruja” uma narrativa muito mais sensível e que consegue transmitir de forma não estereotipada as vivências de Luz como uma personagem LGBTQIAPN+. Saber que pessoas Queers e LGBTQIAPN+ estão criando e publicando suas histórias me gera uma enorme esperança para a contribuição da destruição de uma realidade normativa, violenta e assassina. Viver histórias outras e escrever estas vivências gera novos pontos de vistas para além de uma história única propagada e perpetuada pelas relações de poder. (Adichie 2019). Neste momento não posso deixar de relacionar essa escrita de vivências com a escrevivência de Evaristo:

[...] insisto na constatação óbvia de que o texto, com o seu ponto de vista, não é fruto de uma geração espontânea. Ele tem uma autoria, um sujeito, homem ou mulher, que com uma “subjetividade” própria vai construindo a sua escrita, vai “inventando, criando” o ponto de vista do texto. Em síntese, quando escrevo, quando invento, quando crio a minha ficção, não me desvencilho de um “corpo-mulher-negra em vivência” e que por ser esse “o meu corpo, e não outro”, vivi e vivo experiências que um corpo não negro, não mulher, jamais experimenta. (Evaristo, 2009, p. 18).

A animadora finaliza dizendo que por sorte sua teimosia valeu a pena e que no momento estava recebendo muito apoio da atual liderança da Disney. Este post só pode ser encontrado em sites de notícia ou outros, pois o original infelizmente não se encontra mais disponível atualmente...

Fato este que me deixou intrigada aumentando ainda mais a minha indignação acerca do tema.

Uma situação recente que reforça a minha teoria de que “A Casa Coruja” foi cancelada por motivos homofóbicos está no lançamento pela Netflix do filme de animação “Nimona” (2023) adaptado da graphic novel criada por ND Stevenson, cartunista estadunidense que também desenvolveu a série “She-ra e as princesas do poder” (2018-2020), exibida pela Netflix. Antes do lançamento pela Netflix, a animação seria produzida pela Blue Sky Studios da Fox Films, que foi comprada pela Disney em 2019 e fechada em 2021, fazendo com que o filme não pudesse ser lançado pela empresa.

Esta foi a justificativa dada, entretanto ex-funcionários da produtora Blue Sky expuseram as preocupações da Disney acerca da representatividade no filme em uma entrevista com o jornal independente The Insider:

O filme, disseram os funcionários da Blue Sky ao Insider no ano passado, centrava-se em um personagem principal gênero não-conformista e apresentava temas LGBTQ + raramente vistos em filmes de animação. Mas alguns funcionários disseram mais recentemente que alguns dos conceitos enfrentaram resistência da Disney. (Clark, 2022, Tradução da autora).⁴⁶

Ainda segundo o jornal independente, três ex-funcionários da Blue Sky com conhecimento de reuniões entre as equipes de liderança da

⁴⁶ Original: The movie, Blue Sky staffers told Insider last year, centered on a gender non-conforming main character and featured LGBTQ+ themes rarely seen in animated movies. But some staffers said more recently that some of the concepts faced pushback from Disney.

Disney e da Blue Sky, disseram que a liderança da Disney teve problemas com alguns elementos queer de “Nimona”, particularmente com um beijo entre pessoas do mesmo sexo. (Clark, 2022).

Os ex-funcionários preferiram permanecer anônimos para proteger futuras perspectivas de carreira (Clark, 2022). Apesar de não conseguir obter muitas informações oficiais sobre este acontecimento, ao relacionar com o cancelamento de “A Casa Coruja” e a censura de “Gravity Falls”, a rejeição de “Nimona”, uma animação explicitamente LGBTQIAPN+, não deixa de levantar questionamentos sobre o real motivo de grandes empresas de meios de comunicação boicotarem, cancelarem, censurarem e rejeitarem produções com representatividade LGBTIAPN+ e Queer.

Seria mera coincidência? Definitivamente acredito que não. Por tais motivos entre tantos que acredito o quão necessário é o desenvolvimento e o enaltecimento de cada vez mais obras com temática e representatividade sensível da comunidade LGBTIAPN+ e pessoas Queer, para que estes apagamentos não mais ocorram, e se ocorrem que sejam expostos e questionados. Não podemos mais aceitar um mundo que não nos aceita, não podemos mais reconhecer esta realidade que não nos reconhece, uma realidade ficcional que deve ser questionada e ao ser questionada, abre a possibilidade de novas ficções, novas realidades, novos espaços para vivências. Como pontua Lua:

Por ficção, entendo também a “verdade”, os processos de construções de verdades e saberes. São ficções que se repetem e tornam-se verdades naturalizadas, em discursos, ações, símbolos e normas, por exemplo. O exercício de ficcionar a realidade é, também, um questionamento de tal estatuto de verdade, permitindo um outro olhar, um outro viés, uma outra possível verdade, mesmo que verdades plurais pareçam /im/possíveis. (Lamberti, 2021, p. 17-18).

Defendo que um trabalho dessa natureza possa fazer com que os/as/es leitores/ as se identifiquem com as personagens, com os cenários, os diálogos, os sentimentos expressos e com o debate de temas que tenham relações diretas com suas vidas, inclusive ressignificando sonhos e fantasias, de maneira a unir prazer, inspiração e diferentes repertórios para transmissão de mensagens de afeto, de indignação, de altruísmo, de pertencimento, de identificação e de outras formas de viver suas próprias lutas, desejos e aspirações.

Dentre outras contribuições, com esta pesquisa, pontuo a importância de que grupos historicamente excluídos expressem seu empoderamento, suas formas de liderança, suas intelectualidades, suas vozes, seus sentimentos e seus simbolismos, construindo universos fictícios onde o uso do imaginário, tanto narrativo quanto visual, a incentivem a expressarem aquilo que elas gostariam de transformar na realidade concreta. Em síntese, entendo que o universo imaginário criado por Dana Terrace, foi um dos que me influenciou a valorizar o meu próprio universo imaginário e minha vivência, e também a transformar tudo isso nesta pesquisa.

Afinal, são artistas e escritoras que criaram seus próprios universos imaginários, embasados em suas trajetórias, concepções e descobertas, ressignificando-as com elementos narrativos e surreais. Tais trajetórias continuam impulsionando este meu percurso criativo, desta pesquisa e de tantas outras pessoas que também se encontram nas fronteiras.



5.2 Cartografia do primeiro episódio

“Casa Coruja” me chamou a atenção primeiro pelo seu visual e sua temática. Uma animação bem-feita, com temática de bruxas? Óbvio que eu precisava assistir! Mas, foi ao terminar os 22 minutos do primeiro episódio que entendi: aquilo que tinha acabado de ver reacendeu as chamas de esperança e excitação da pequena eu pré-adolescente que ainda vive em mim. Uma bruxinha queer café-com-leite de baixíssima autoestima, altíssima inadequação, mas com uma enorme e ávida fome por espaços que celebrassem a existência e a resistência de mulheres e pessoas com quem ela pudesse se identificar. Ali, naquele mundo fictício que respirava vida, ela finalmente pôde viver, mesmo que por apenas 22 minutos, a sensação de pertencimento que tanto desejava.

Essa sensação começa logo nos primeiros 40 segundos do episódio de estreia da animação, intitulado ‘Uma Bruxa Mentirosa e um Guardião’ (2020). A cena já abre com uma poderosa bruxa parda derrotando uma cobra gigantesca. Mulheres, pardas, com poderes mágicos, chapéu pontudo, determinadas, transformando monstros em pó? É nesta realidade que quero viver! Não precisou de um minuto de narrativa para capturar meus maiores anseios e desejos: ser uma mulher forte, determinada e independente, livre dos medos, silenciamentos e opressões que esta realidade patriarcal heteronormativa e eurocêntrica nos impõe o tempo todo. Ser uma bruxa!

A ficção da bruxa, da feiticeira, está historicamente ligada às desobediências (Preciado, 2018; ECO, 2022), sendo atreladas àquelas mulheres que desviavam das normas científicas, estéticas ou comportamentais. Ora pensadas

como demoníacas, hereges, promíscuas, ora pensadas como subversivas, desafiadoras e disruptivas, as bruxas, pensadas aqui sendo signo mítico, operam uma ficção que pode ser depreciativa ou empoderadora para mulheres, a depender do teor em que aparece e é acionada. (Lamberti, 2024, p. 60).

Vale ressaltar que compreendo, porém não acredito e não concordo com o teor depreciativo que às vezes é relacionado às bruxas. Mulheres malvadas, promíscuas, demoníacas são temidas justamente por possuírem poder! É evidente que existem casos e casos e não vou entrar em questões éticas aqui. Porém, independentemente do quão malvadas, promíscuas ou demoníacas forem, mulheres poderosas sempre vão ter a minha admiração.



Captura de tela Minuto 0:16, momento em que a bruxa Azura lança uma bola de fogo no monstro com seu cajado ('Uma Bruxa Mentirosa e um Guardião', 2020).

A narrativa continua e logo descobrimos que Azura é uma personagem fictícia dentro da animação, heroína bruxa, protagonista da série de livros: “A Boa Bruxa Azura” que Luz Noceda é obcecada. A curta cena de luta de Azura com o monstro cobra gigante na verdade é a ilustração da imaginação de Luz Noceda que aos 0:23 minutos aparece com uma boneca de Azura em uma mão e uma cobra viva na outra, enquanto termina de narrar o resumo do livro (que assumo tenha sido um trabalho de escola) para o diretor e sua mãe, na sala do diretor.



Captura de tela Minuto 0:28 momento em que Luz termina de narrar seu trabalho de escola para o diretor (figura da direita) e sua mãe (figura da esquerda) ('Uma Bruxa Mentirosa e um Guardião', 2020)

Nestes segundos iniciais me identifiquei com Azura, mas acima de tudo com Luz Noceda. Principalmente por sua criatividade, estranheza, autenticidade e paixão por uma série que, assim como eu, se identificou e se encantou de tal modo ao ponto de se tornar tema de trabalho acadêmico. Irônico não?

Entendo que Terrace foi perspicaz ao adicionar essa admiração tão grande de Luz por uma série de bruxas dentro de sua série de bruxas. Luz

se encanta com Azura, assim como eu me encantei com Luz e, com certeza, tantas outras pessoas estranhas que assistiram “A casa coruja”. Ao se identificar com uma personagem que também se identifica com outra personagem te faz se identificar ainda mais com a primeira personagem, pois você pensa: nossa! Ela definitivamente é como eu! Dana, aqui você foi visionária!

Esta identificação, entretanto, é complexa. Se dá por um conjunto de dissidências, inadequações, anseios, dores, revoltas. Luz não é uma personagem considerada modelo. É uma adolescente parda, mestiça, excêntrica, criativa, bissexual, queer, uma criança vista enquanto grotesca e esquisita pela sociedade. E eu me vi nela. Concordo com Lamberti (2024) quando enxergar e enxergar-se em filtros grotescos, em personagens dissidentes, não só é conveniente, mas também necessário quando se experiencia a sensação de não pertencer ao mundo, ao que é considerado belo e ao funcionamento normal da sociedade. “e, mais uma vez, identifico as figuras cômicas, deformadas, socialmente malquistas como pares.” (Lamberti, 2024, p. 52).

Além da paixão de Luz, também me identifiquei pelo motivo em que ela estava na sala do diretor sendo repreendida: Sua “criatividade fora de controle” (fala de sua mãe em 0:44 DUB; ‘Uma Bruxa Mentirosa e um Guardião’, 2020). Diferente de Luz, eu era bem mais introvertida, mas ainda assim já fui mandada para a diretoria diversas vezes por estar desenhando, fazendo crochê, origami ou qualquer outra coisa mais interessante que ficar sentada parada olhando para frente a manhã inteira durante a explicação do/a/e professor/a/e. Para uma criança/adolescente com TDAH não diagnosticada aquilo era torturante! Mas, independente de ser neuro divergente ou não, qualquer criança se incomodaria em ter que ficar quieto sentado um período inteiro de forma passiva e dócil.

O modelo de educação adotado pela maioria das escolas brasileiras, há muito tempo, é feito para podar, formatar e encaixotar seus alunos, alunes e suas alunas. Transformá-los/as/es em moldes passivos e recortados, prontos/as/es para um mercado de trabalho capitalista quadrado e violento, onde questionamentos não são bem vindos, como cita Paulo Freire:

Em lugar de comunicar-se, o educador faz “comunicados” e depósitos que os educandos, meras incidências, recebem pacientemente, memorizam e repetem. Eis a concepção “bancária” da educação, em que a única margem de ação que se oferece aos educandos é a de receberem os depósitos, guardá-los e arquivá-los. Margem para serem colecionadores ou fixadores das coisas que arquivam... Educadores e educandos se arquivam na medida em que, nesta distorcida visão de educação, não há criatividade, não há transformação, não há saber. Só existe saber na invenção, na reinvenção, na busca inquieta, impaciente, permanente, que os homens fazem no mundo, com o mundo e com os outros. Busca esperançosa também. (Freire, 1978, p. 66).

Apesar de ser uma violência que atinge as crianças e adolescentes de modo geral, é a criança e o/a/e adolescente queer quem mais sofre nas escolas. Sua aparência, sua identidade, sua forma de ser, de se expressar, de criar, de amar, não cabe nesta realidade patriarcal, heteronormativa e capitalista. Como expõe Preciado:

Os defensores da infância e da família apelam à família política que eles mesmos constroem, e a uma criança que se considera de antemão heterossexual e submetida à norma de gênero. Uma criança que privam de qualquer forma de resistência, de qualquer possibilidade de usar seu corpo livre e coletivamente, usar seus órgãos e seus fluidos sexuais. Essa infância que eles afirmam proteger exige o terror, a opressão e a morte. (Preciado, 2020, p. 96).

Disfarçado de cuidado e bem-estar, quantas vezes não ouvi que eu tinha que ser menos? Falar menos, me expressar menos, criar menos, parar de inventar moda. Por que? Você, como menina, precisa ser mais tranquila, mais quietinha, mais passiva... Por que?? “A criança é um artefato biopolítico que garante a normalização do adulto. [...] A norma ronda os corpos meigos. Se você não é heterossexual, é a morte o que te espera.” (Preciado, 2020, p.98). Segundo Preciado (2020), a política de gênero, da escola até o congresso, molda as crianças de forma polarizada e excludente. Reproduz a norma machista, racista, homofóbica, transfóbica e a transforma em uma questão comercial. Em nome de Deus e da proteção da vida, faz uma campanha para a morte. (Preciado, 2020).

A criatividade fora de controle de Luz, assim como de tantas outras crianças e adolescentes queers, é reprimida, castigada e encaixotada. A animação nos mostra que as outras três vezes que Luz foi parar na diretoria foi justamente por extrapolar as normas, por ser dramática demais nas aulas de Teatro, por criar criaturas diferentes na aula de Anatomia e por não agir graciosamente quando esperado de seu gênero nas aulas de Educação Física. Pois afinal, “qual modelo de criança é defendido pelas instituições?” (Moreira, 2024, p.37) O autor (Régis) responde:

A criança como corpo docilizado em formação. Corpo obediente às normas e disciplinarizações, obviamente. Corpos de criança que fogem ao considerado normal, são problemáticos, punidos, tratados como anômalos, crianças monstros, e punidos com *bullying*, olhares enviesados, sorrisinhos de canto de boca, tratamentos medicamentosos, idas à diretoria, conversas com a coordenadora, até a temida reunião com os pais, para comunicar que e filhe não se enquadra, não adere, não responde ao sistema capitalista de reproduções humanas servis, e muitas vezes e de

diversas formas essa criança vai sendo expulsa do ambiente escolar. (Moreira, 2024, p.37-38).

Apesar de, às vezes, ser repreendida em casa, tive a sorte de ser ainda mais incentivada pelos meus pais. Tive o privilégio de nascer em uma família que apoia a criatividade e a pensar para além das caixas limitantes e violentas que a escola nos força a entrar. Porém, ainda assim, algumas coisas acabam passando, pois são normas internalizadas de forma tão violenta e dolorosa por gerações, que acaba levando muito tempo e talvez mais gerações para serem completamente desconstruídas. Preciado (2020) também pontua esta situação ao cartografar que o que seus pais protegiam não eram seus direitos de criança, mas sim, as normas sexuais e de gênero dolorosamente internalizadas pelo sistema educativo e social que pune, ameaça, intimida, castiga e mata todas as formas de dissidência. (Preciado, 2020, p.98).



Captura de tela Minuto 1:21, momento em que a mãe de Luz a entrega um folder sobre o acampamento. ('Uma Bruxa Mentirosa e um Guardião', 2020).

A mãe de Luz acaba reproduzindo esta violência. Em episódios futuros da animação, descobrimos que ela se arrepende e que acabou repreendendo a filha justamente por medo e por não conseguir discernir esta violência enraizada disfarçada de cuidado. Tanto que neste primeiro episódio, ela decide levar sua filha para um acampamento que a colocasse “de volta nos eixos”: o *acampamento de realidade: pense dentro da caixa*.

Terrace foi cirúrgica e literal na descrição e representação visual do acampamento e de sua finalidade. A animadora utilizou a semiótica da caixa tão comumente conhecida pelo seu significado de poda, de seguir regras e padrões, para literalmente mostrar o desconforto e desespero pacífico de uma criança ou adolescente que sorri fazendo sinal de que está tudo bem quando está retorcido, enclausurado e desconfortável no interior de uma caixa.

Antes de entregar o folder, a mãe de Luz disse a seguinte frase: “Todos nós adoramos que você se expresse, mas se não souber separar a fantasia da realidade, vai ter que passar as férias aqui.” (fala de sua mãe 1:12-1:18 DUB’, em ‘Uma Bruxa Mentirosa e um Guardião’, 2020). Está aí algo que nunca consegui e que nunca quero fazer, separar a fantasia da realidade. Poxa, se essa realidade me quer presa numa caixa toda retorcida, por que vou deixar de fantasiar? Se é a única coisa que me faz feliz que me permite existir e viver? Como ilustra Lua Lamberti:

Tanto por uma necessidade visceral de negar radicalmente o que se vive como norma, ou normalidade, quanto por uma sede de viver outras vidas, a ficção é, para mim, um respiro, uma metodologia, uma técnica e uma pulsão. Porque pelo exercício do imaginário, a própria realidade pode ser negociada, inclusive – e principalmente – pela ação coletiva e compartilhada (Castanheira, 2018). (Apud Lamberti, 2024, p. 53).

E, afinal, quem define o que deve ser a tal realidade e o que é fantasia? Tudo o que vivemos hoje, um dia não esteve no imaginário de alguém? Justamente por trabalhar com criação e design, compreendo que para termos um produto, uma obra, é necessário projetá-los e para projetar é necessário idealizar, imaginar. O mesmo acontece com as leis, antes elas precisam de um projeto, não?

A realidade que vivemos hoje, nada mais é que o fruto de ficções de mundo. Jack Halberstam (2020) pontua que os mundos sociais que vivemos nem sempre foram destinados a ser como são, “no processo de produzir esta realidade, várias outras realidades, campos de saberes e maneiras de ser foram descartados e, para citar Foucault novamente, “desqualificados”. (Halberstam, 2020, p. 29). Lua Lamberti (2024), nos instiga junto com ela com a ideia de ficções políticas e visionárias ao ilustrar que a criação artística deturpa “o véu de seriedade da norma que sustenta a narrativa da realidade, que é também um exercício de poder ficcional” (Lamberti, 2024, p. 53-54). Lamberti, ao trazer Aguiar (2020), também reforça que as ficções de mundo não são inocentes, principalmente as que reforçam apenas injustiças no futuro de pessoas não-cis, não-brancas e não-heterossexuais. (Apud Lamberti, 2024, p. 53-54).

A principal forma de manter esta norma que sustenta a narrativa da realidade é justamente apagar, ridicularizar, silenciar e encaixotar qualquer nova possibilidade de ficção, porque: “Contar histórias é revolucionário, é poderoso, pode reinventar toda uma narrativa sobre determinados povos, culturas e sujeitos/as/es, pode trazer dignidade, representatividade, complexidade, fazer alguém não se sentir tão sozinha [...]” (Lamberti, 2024, p. 54).

É por estes apagamentos que há tanto tempo a narrativa heteronormativa, cis, binária, branca, patriarcal, capitalista, continuamente se consolida, se enraíza e se espalha tal como um câncer que aos poucos vai silenciando as existências, a criatividade, as diferenças e a vida. A ida de Luz à diretoria quase a silenciou visto que a trajetória escolar, “pode ser uma experiência de tortura para qualquer criança que não caiba na norma” (Lamberti, 2024, p. 49).

Quem protege as crianças queer? Para Luz, sua principal referência é sua mãe. Pela consideração e preocupação que a personagem tem por ela, é possível concluir que ambas possuem um relacionamento de afeto e carinho. Tanto que o principal argumento de Luz para “deixar de esquisitice” (1:26 DUB, em ‘Uma Bruxa Mentirosa e um Guardião’, 2020) é justamente o medo de decepcionar sua mãe.



Captura de tela Minuto 2:04, momento em que Luz decide jogar no lixo seu livro favorito da bruxa Azura após sua mãe convencê-la de que seu mundo de fantasia a atrapalha. ‘Uma Bruxa Mentirosa e um Guardião’, 2020)

Na última temporada, descobrimos que a mãe de Luz também era uma criança esquisita e criativa. Entretanto, devido as violências que sofreu, ela se silenciou e trancou suas paixões no porão. O medo de que sua filha passasse pelas mesmas violências foi o que provavelmente a fez enviá-la para pensar dentro da caixa, tanto que o argumento que usa para que Luz de fato abandone suas paixões no lixo foi justamente o de que a menina não possuía amigos/as/es. “O seu mundo de fantasia está te atrapalhando. Você tem algum amigo? De verdade, sem ser imaginário, desenhado ou reptiliano? O acampamento é a sua chance de fazer amigos.” (fala de sua mãe 1:51-2:04 DUB, em ‘Uma Bruxa Mentirosa e um Guardião’, 2020).

Por muito tempo vivenciei a dor de Luz e o medo de sua mãe: não ter amigos, ficar sozinha, não ter com quem compartilhar suas paixões, suas esquisitices, suas fantasias e ficções, porque “Aqueles que desobedecem, somos relegadas à feiura e ao abandono, com intuito coercitivo, para que aprendam, os normais, que ser parecido com a gente custa caro socialmente, é triste e solitário.” (Lamberti, 2024, p. 41). Até não ter outra opção a não ser enfiar tudo dentro de um armário em um escuro porão. O quão torturante e violento é decepar um pedaço de si? Quantas noites não me amaldiçoei por ter me expressado um pouco mais e ter sido motivo de chacota na escola? E quantas outras noites dormi chorando por não ter com quem compartilhar estas expressões?

Assim como Luz, eu realmente pensei em desistir também. Em jogar fora minhas paixões, em ser mais contida, mais podada, mais encaixotada, mais “normal”. Parte de mim de fato foi, coisa que até hoje trato em terapia, porque os estragos foram enormes! Demorei muito mais tempo que Luz para descobrir que não seria possível deixar toda a minha esquisitice no lixo.

Assim que sua mãe saiu para trabalhar, ela tentou recuperar seu livro favorito. Porém, seu livro não estava mais no lixo, e, sim dentro de um saco carregado por uma coruja. Luz a seguiu pela floresta em direção a uma cabana velha, a um portal mágico e, por fim, a um mundo fantástico totalmente esquisito!



Captura de tela Minuto 3:45, momento em que Luz chega nas Ilhas Escaldadas após passar por um portal mágico. (‘Uma Bruxa Mentirosa e um Guardião’, 2020).

Após o choque inicial, Luz se encontra com uma estranha mulher de cabelos prata que vende coisas de humanos em sua barraca. “Eda, a mulher coruja, a bruxa mais poderosa das Ilhas Escaldadas” (fala de Eda 5:06-5:11 DUB, em ‘Uma Bruxa Mentirosa e um Guardião’, 2020). Os olhos de Luz brilham de admiração ao ouvir que encontrou uma bruxa. Encontrar ao vivo e a cores um mundo mágico com bruxas, um universo fantasioso que ela tanto admirava? Não demorou muito para que sua

aventura começasse com grandes emoções. Eda é uma bruxa procurada e rapidamente foi confrontada por um algoz que a persegue para que seja levada ao *conformatório*.



Captura de tela Minuto 5:26, momento em que a bruxa fugitiva Eda é encontrada. ('Uma Bruxa Mentirosa e um Guardião', 2020).

Após dar uma cajadada na cabeça do algoz, Eda usa magia para guardar suas coisas e fugir. Ela chama Luz para acompanhá-la, que a segue sem hesitar. Enquanto voam no cajado, Eda explica um pouco sobre aquele mundo mágico que acabou assustando Luz: “Eu já tive a minha cota de aventura, esse certamente não é o mundo seguro de fantasia que eu sempre sonhei. Então, pode me ajudar a voltar?” (Fala de Luz 7:00 -7:08 DUB; ‘Uma Bruxa Mentirosa e um Guardião’, 2020). Eda concorda em ajuda-la desde que Luz a ajude primeiro.

Elas chegam na Casa Coruja, a casa de Eda que é administrada por um demônio com cara de coruja. Lá Luz conhece King, outro demônio que se diz ser o rei dos demônios, que mora junto com Eda. King é pequeno e fofinho, lembra um gato com cara de caveira. Eda explica que é ele quem Luz deve ajudar para poder voltar ao seu mundo humano. Para isso, deve recuperar a coroa de King que está trancada atrás de um campo de força mágico que apenas humanos podem entrar. Este campo de força está no *conformatório*: “Um lugar para quem é julgado inadequado para a sociedade” (fala de Eda 9:40 -9:43 DUB; ‘Uma Bruxa Mentirosa e um Guardiã’, 2020).



Captura de tela Minuto 9:42, momento em que Eda, Luz e King chegam ao Conformatório. (‘Uma Bruxa Mentirosa e um Guardiã’, 2020).

Com o uso de magia, Luz e King vão em direção ao campo de força enquanto Eda distrai os guardas e, é neste momento, que Luz descobre o

motivo do nome desta prisão e mais sobre as pessoas que estão presas ali. Em conversa com elas, Luz descobre que não há criminosos ali e sim aqueles que desviam do que é considerado “normal”, pessoas que não se encaixam. Entre elas: uma menina que escreve romances de comidas se apaixonando, um demônio que gosta de comer os próprios olhos e uma pequena demônio que curte teorias da conspiração. “Pera, nada disso é crime! Nenhum de vocês aqui fez nada de errado! Vocês são um bando de esquisitos... tipo eu.” (Fala de Luz 11:12 - 11:23 DUB; em ‘Uma Bruxa Mentirosa e um Guardião’, 2020).

O nome da prisão vem do verbo conformar, tolerar, aceitar, mas principalmente se submeter. Quem se conforma com algo, a princípio não aceitava. A conformidade é passiva e aparece em situações que não há mais o que ser feito. Entretanto, uma prisão que te força a se conformar, entendo que parte muito mais do intuito de submeter as pessoas a algo, ao silenciamento, à exclusão, à violência e tortura. “Não há lugar na sociedade para vocês, se vocês não se misturarem!” (Fala do guardião do mal 12:11 - 12:14 DUB, em ‘Uma Bruxa Mentirosa e um Guardião’, 2020).

A partir do entendimento de Butler (2015, p. 154) de que “os corpos não se conformam, nunca, completamente às normas”, pois, as normas necessitam constantemente de citações e reconhecimentos para que sejam exercidas e devido a isso percebemos seu caráter performativo, pensamos no Conformatório como peça chave para a materialização dos corpos dentro da norma dominante desse mundo, pois, este possui o poder de reiterar o discurso tido como normal a partir de regulações e constrangimentos impostos aos prisioneiros. É aqui que percebemos que o Conformatório pode ser compreendido como a matriz excludente da formação dos sujeitos, visto que, é responsável pela produção dos seres abjetos que não

são sujeitos, mas sim algo externo que constitui o sujeito (Butler, 2015). Logo, de acordo com Butler (2015, p. 155) os prisioneiros são considerados seres abjetos que habitam as “zonas inóspitas e inabitáveis da vida social [...] cujo habitar sob o signo do “inabitável” é necessário para que o domínio do sujeito seja circunscrito”. (Rabelo, 2023, p. 12).

Segundo Patrícia Porchat, em seu artigo ‘Um corpo para Judith Butler’: “Os corpos abjetos são corpos cujas vidas não são consideradas vidas e cuja materialidade é entendida como não importante.” (Porchat, 2015, p. 43). Os/as/es personagens presos/as/es no conformatório são corpos abjetos totalmente desconsiderados/as/es. Ao encontrá-los/as/es, Luz se identifica com suas existências abjetas e mais do que isso, se revolta com suas prisões injustas. Ao colocar existências dissidentes em prisões, Terrace representa de forma visual e literal a sensação e a dor de não poder ser quem você é de forma livre.

No mundo dos humanos, Luz enfrenta normas vigentes de uma sociedade muito semelhante da nossa. Entretanto, nas Ilhas Escaldadas também há normas opressoras, infelizmente, conhecidas por nós. Aparentemente retratadas de formas muito mais drásticas, literais e ficcionais, mas... será? Terrace não explicita diretamente exclusão de gênero ou racial, entretanto é possível relacionar as exclusões vividas pelos prisioneiros como semelhante às que pessoas queer vivenciam diariamente, principalmente devido às críticas às normas vigentes do mundo dos demônios. Rabelo (2023) relaciona esta constatação com Butler (2015) ao citar que os corpos presos no Conformatório são corpos abjetos e esta construção é ligada com a forma que o gênero é construído para Butler (2015, p. 161): “a construção do gênero atua através de meios excludentes, de forma que o humano é não apenas produzido sobre e

contra o inumano, mas através de um conjunto de exclusões, de apagamentos radicais [...]”. (Apud Rabelo, 2023, p. 14).

O conformatório entra como uma metáfora ilustrativa do sufoco e da dor que nós, corpos abjetos, pessoas queer, sofremos todos os dias pela nossa mera existência. Não apenas na matriz heterossexual, mas como cita Patrícia Porchat, cada grupo humano produz suas exclusões:

Os corpos abjetos não são inteligíveis e não tem existência legítima (Ibidem, p.6). Nesse sentido, não seria apenas a matriz heterossexual que exclui esses corpos. Assim como cada indivíduo produz, digamos assim, sua abjeção, seus fluidos, sua morte, cada sociedade, cada grupo humano, com sua própria matriz de inteligibilidade, produz suas exclusões, isto é, seus seres/corpos abjetos. Ainda assim, no raciocínio de Butler, somos vidas precárias – afinal, a produção de nossa própria abjeção, nossa morte, aponta fundamentalmente para isso. E é por causa de nossa precariedade que precisamos contar com a solidariedade dos outros. A produção individual ou social da abjeção não justifica a violência e seu extermínio. O movimento deve ser de reconhecimento e de expansão do campo de inteligibilidade para poder incluí-la. (Porchat, 2015, p. 43).

Este episódio, em 22 minutos, perpassa de forma lúdica e descontraída por questões complexas e profundas que pessoas queer, em sua grande maioria, já passaram. O doloroso momento da repressão, da solidão, da exclusão que escancara suas abjeções, suas dissidências, suas esquisitices, não é nada simples. Entender-se enquanto esquisito/a/e, fora da caixa, fora da heteronorma cis patriarcal branca, fora do que se é aceito/a/e e incluído/a/e é um processo de dor, ódio, indignação e culpa. Quantas vezes me questioneei e me culpei por não ser a mais bonita da sala, por ser acima do peso considerado ideal, por não me interessar

apenas pelo o que era considerado feminino e delicado, por não conseguir um espaço nas brincadeiras dos meninos que, às vezes, era muito mais interessante por ser menina de mais, por não ser totalmente aceita em nenhum grupo, por habitar frestas e bordas sozinha. Pelo menos eu achava que ficaria sozinha.

Não só de dores e exclusões vivem os/as esquisitos/as, principalmente quando eles se encontram. Não conformada, Luz decide libertar todos os presos do conformatório. Entretanto, a princípio, não possui forças para levantar as celas. “Não é justo eles estarem presos, eles só querem ser eles mesmos! Por que que todo mundo acha que ser esquisito é ruim?! (Fala de Luz 13:02 - 13:10 DUB; em ‘Uma Bruxa Mentirosa e um Guardião’, 2020).

Após resgatar a coroa de King que estava dentro do campo de força mágico, Luz se depara com uma simples coroa de papelão e questiona Eda que responde: “Ah, olha para nós Luz, o King e eu não temos muito neste mundo. Só temos um ao outro. Então, se esta coroa boba é importante para ele, ela é importante para mim. Além do mais, os esquisitos precisam ficar juntos, entende?” (fala de Eda 14:07 - 13:10 DUB; em ‘Uma Bruxa Mentirosa e um Guardião’, 2020). Pois,

Ao grotesco se atrelam deformidades, indisciplinas, desobediências, hibridismos, superlativos, burlas, contradições, quimeras, falhas, terrores, desvios, nojeiras, assombrações, ameaças, ironias, enganos, mistérios dentre outras características. Nessas conexões com os submundos que pessoas em dissidência podem encontrar forças e estratégias, em conexões com pares – fora da ordem do sublime – para fortalecimento de si e de grupo. (Lamberti, 2024, p. 50).

Sorri junto com a Luz ao ouvir Eda. Dana Terrace conseguiu criar em apenas um episódio tudo o que eu queria ver e ouvir na minha infância e adolescência. Sempre fui esquisita em formas que até hoje tento entender os motivos, inclusive essa dissertação está me ajudando nisso. Durante a maior parte do tempo, fui direcionada a acreditar que ser estranha, fora da norma, abjeto, dissidente, era um fracasso.

Entretanto, diversos acontecimentos e oportunidades apareceram e ainda aparecem em minha vida que me ajudam a ressignificar esse lugar: O apoio de meus pais (que, às vezes, também são um pouco esquisitos), o tão almejado encontro com pares igualmente esquisitos, terapia (com uma maravilhosa psicóloga esquisita), as trocas de saberes com fontes igualmente esquisitas e o encontro de mídias e narrativas feitas por pessoas também esquisitas sobre pessoas ou seres esquisitos. Assim como Luz, Eda e King, hoje somos esquisite juntos!

Pude encontrar meus pares justamente por não cair na ilusão de sucesso (Halberstam, 2020), por dolorosamente e revoltantemente continuar fracassando. Aguentar todas as tempestades e calmarias dos mares de fronteiras, resistir e existir nas bordas só é possível por poder dividir o fardo: “Onde nossas vidas impossíveis se manifestam umas nas outras e manifestam, com sua dissonância, dimensões e modalidades de mundo que nos recusamos a entregar ao poder. Aqui. Aqui ainda.” (Mombaça, 2021, p. 9).

Dana Terrace trabalha uma animação de fronteira. Como uma artista e animadora de fronteira, ela se utiliza da ficção não apenas para nos trazer identificação e acolhimento, mas também como uma forma de mostrar que é possível sim destruir nem que seja aos poucos a realidade que não nos cabe. ‘A casa coruja’ se torna uma espécie de pista, uma ficção, um “rascunho de rotas provisórias, o sussurro de possibilidades impossíveis, a manifestação misteriosa da existência do que não existe

...” (Mombaça, 2021, p. 13). Um experimento ficcional que nos permite colaborar em dissolver as ficções de poder de uma realidade que nos rejeita:

É tudo experimento na borda das coisas, lá onde estamos prestes a dissolver as ficções de poder que nos matam e aprisionam; lá, aqui, todas essas geografias onde fomos saqueadas, e nos tornamos mais-do-que-aquilo-que levaram; onde fomos machucadas, e nos tornamos mais do que um efeito da dor; onde fomos aprisionadas, e nos tornamos mais do que o cativo; onde fomos brutalizadas, e nos tornamos mais do que a brutalidade. Lá, aqui, onde fomos assassinadas, e nos tomamos mais velhas que a morte, mais mortas que mortas, e nesse fundo - esse fora que não só não está fora como está dentro de tudo - , nesse cerne em que fomos colocadas, fecundamos a vida mais-do-que-viva, a vida emaranhada nas coisas. Ou, para ativar o presente que Cíntia Guedes me ofereceu e está registrado também aqui, como posfácio: “a vida infinita.” Não vão nos matar agora! (Mombaça, 2021, p. 13).

Após recuperarem a coroa de King, lutarem com o guardião do mal, Luz, Eda e King fogem. Durante a fuga, Luz pede ajuda de Eda para erguer as celas que sozinha ela não tinha força para erguer e, portanto, salvar os prisioneiros do conformatório. Eles acabam em outra luta contra o guardião e Eda entrega a chave para o portal que possibilita Luz voltar ao mundo dos humanos. Entretanto, Luz hesita e decide ir até os prisioneiros e os questiona, pois mesmo libertos, não saíram da prisão. “A insegurança é uma prisão que não dá para escapar nunca” (Fala de Tinella Nosa, uma das prisioneiras 17:41 - 17:43 DUB; em ‘Uma Bruxa Mentirosa e um Guardião’, 2020).

O conformatório se mostra não só enquanto uma prisão literal, mas também uma metáfora para a prisão que nós mesmos eventualmente nos

colocamos como uma forma desesperada de “proteção” contra as violências externas que sofremos diariamente. Mesmo com mais de cinco anos de terapia ainda trabalho arduamente para sair do meu conformatório interno. Infelizmente, sair não é tão simples quanto eu gostaria. Foram e ainda serão necessárias muitas Luz Noceda para me libertar completamente. Todavia, todas são extremamente essenciais. Quanto mais rotas provisórias, possibilidades impossíveis e manifestação da existência do que não existe (Mombaça, 2021), quanto mais ficção, mais possibilidade de vida livre de conformatórios!

Compactuo com Lamberti (2024) ao entender que a ficção permite não apenas uma forma de sobrevivência, mas saborear a vida como invenção de novas formas de viver. “Até porque, o feio moralizante pode ser jubiloso para quem não é pensada, ou narrada, no lugar de pertencente à norma. (Lamberti, 2024, p. 63).”

A fala de Luz para convencer os prisioneiros a se libertarem foi para mim uma possibilidade impossível para a pequena eu adolescente que a agarrou com toda a força: “E daí que vocês têm um jeito diferente de fazer as coisas, de ver as coisas, é o que te faz ‘esquisito’ mas é o que também te faz especial, entendem? [...] Os esquisitos precisam ficar juntos, e ninguém devia ser castigado por ser quem é!” (Fala de Luz 17:45 - 18:00 DUB; ‘Uma Bruxa Mentirosa e um Guardião’, 2020). Reassistindo hoje enquanto uma adulta de 25 anos, percebo como uma fala um tanto utópica e até óbvia demais. Porém, na primeira vez que vi, em 2021 e com 21 anos, foi como se eu tivesse 13 novamente. Um discurso aparentemente tão simples e irreal foi tão necessário para me ajudar a livrar-me de meu próprio conformatório. “Ninguém devia ser castigado por ser quem é” algo tão óbvio e ao mesmo tempo tão ficcional... Irônico, não?

Mesmo que seja no plano ficcional, a pequena eu e a eu atual se divertem sem nenhuma preocupação de justificar ou ficar discernindo o que é realidade, o que é fantasia. Mesmo que seja no plano ficcional — através da estética grotesca, da arte, da performance, das artes transformistas ou das animações queer —, a ficção opera, de forma política, a partir da ideia de diversão para dismantelar estratégias, crenças, ações e falas. (Lamberti, 2024) Outras formas de viver no mundo são meus combustíveis de vida na realidade que aos poucos percebo que, mesmo internamente, consigo transformar.

Apesar de nossa habilidade para analisar e criticar, a esquerda se enraizou naquilo que é. Nós frequentemente esquecemos de vislumbrar aquilo que pode vir a ser. Esquecemos de escavar o passado em busca de soluções que nos mostrem como podemos existir de outras formas no futuro. Por isso, acredito que nossos movimentos por justiça precisam desesperadamente da ficção científica. (Imarisha, 2016, p.3).

Imaginar o que pode vir a ser me trouxe até aqui e me levará até caminhos que eu sequer ainda nem comecei a imaginar. Ficcionalizar uma realidade em que eu não precisasse me esconder pelos cantos o tempo todo, me permitiu transitar e vivenciar tantas possibilidades, pois é pela ficção que podemos experimentar outras percepções, afetações de mundo, que se é possível ganhar espaço, tempo e corpo. (Lamberti, 2024).

Assim como Lamberti (2024), equivocadamente, por muito tempo eu era conhecida como alienada, café com leite, bobinha. Também fui (e ainda sou) uma adolescente/ adulta nerdola e fanfiqueira, há muito tempo e as vezes até hoje vista como a esquisita que vive no mundo da lua. Perpassei e infelizmente as vezes ainda passo onde a imaginação é vista como algo tolo e sem importância. Hoje, a partir de leituras e trocas com

autoras como Lamberti (2024) percebo que este descrédito e desdém é uma tentativa de “sufocar o potencial subversivo da imaginação desobediente, [...] A ficção, literalmente, move o mundo, lendas, mitos e fofocas alteram a sociedade [...]” (Lamberti, 2024, p. 55-56).

Nerdolas, fanfqueiras, esquisitas, bruxas, cafés com leite, mestiças, queers, artistas, escritoras, humanas, inconformadas, pessoas assim de fato movem o mundo. A imaginação desobediente de Lua, de Luz e de tantas outras e outres, transbordam rios que desaguam em mares de fronteiras que já estão vazando pelas frestas e muito em breve explodirão os muros e portões.

Àquelas de nós cuja existência social é matizada pelo terror; àquelas de nós para quem a paz nunca foi uma opção; àquelas de nós que fomos feitas entre apocalipses, filhas do fim do mundo, herdeiras malditas de uma guerra forjada contra e à revelia de nós; àquelas de nós cujas dores confluem como rios a esconder se na terra; àquelas de nós que olhamos de perto a rachadura do mundo, e nos recusamos a existir como se ele não tivesse quebrado: eles virão para nos matar, porque não sabem que somos imorríveis. Não sabem que nossas vidas impossíveis se manifestam umas nas outras. Sim, eles nos despedaçarão, porque não sabem que, uma vez aos pedaços, nós nos espalharemos. Não como povo, mas como peste: no cerne mesmo do mundo, e contra ele. (Mombaça, 2021, p. 21-22).

Os muros do conformatório foram arrombados e deles saíram bruxas e monstros que já não mais se conformam, e que juntas lutam contra o (cis)tema que os aprisionou.



Captura de tela *Mínuto 18:16*, momento em que Luz, com a ajuda dos prisioneiros, correm para atacar o guardião do mal. ('Uma Bruxa Mentirosa e um Guardião', 2020).

Depois de libertar os prisioneiros e derrotar o guardião do mal, Eda, King e Luz retornam para a Casa Coruja, onde Eda, enfim, abre o portal para que Luz retorne ao mundo dos humanos e à sua casa. Antes de passar pelo portal, Eda entrega à Luz seus pertences: O livro da Bruxa boa Azura e o panfleto do Acampamento Pense dentro da caixa. Luz os observa pensativa e melancólica, enquanto se direciona ao portal. Até colocar a capa do livro na frente de um espelho e perceber que aquele mundo de fantasia que estava agora, não era diferente do ficcional livro que ela tanto ama.

Ficcionar é, de alguma forma, aproximar-se em vigília e no real, do sonho, do delírio, do desejo, afinal, o imaginário é formado por uma espécie de fio, que se reporta às coisas, ordinárias ou não, do cotidiano, mas também contém as utopias e movimentos mentais sobre o que não existe. Parte do imaginário relaciona-se à vida diária, e outro ao sonho. Ambos compõem o que chamamos de real (CASTANHEIRA, 2018, p. 68 69). (Apud Lamberti, 2024, p. 57).



Capturas de tela Minutos 19:50 e 19:51, momento em que Luz compara a capa do livro com sua realidade. ('Uma Bruxa Mentirosa e um Guardião', 2020).

Terrace tenciona os limites entre arte e vida (Lamberti 2024), dentro de sua própria animação que também tensiona estes limites aqui no mundo externo. Por meio da ficção (O livro da bruxa Azura), Luz pôde enxergar em sua realidade um local que pudesse ser o que ela gostaria de ser: Ela mesma, uma bruxa, uma humana. Da mesma forma que a animação “A casa coruja” permite que tantas outras pessoas possam ser quem é e quem quiser ser. A pequena eu e a eu de hoje sempre quiseram ser elas mesmas, humanas e... também bruxas. Um delírio, um desejo, um sonho? Independente se eu ainda não consegui me libertar completamente do meu conformatório/inquisição interior ou, mesmo me considerando uma bruxa, não sei quase nada de feitiços e magias, a questão é que mesmo em processo, em lutas, frustrações, medos e lágrimas, eu nunca me diverti tanto.

Assim como Luz conta para Eda antes de decidir se volta ou não para o mundo humano: “Eu sei que a sua cabeça foi cortada e a gente começou uma rebelião na cadeia, mas eu nunca me diverti tanto na vida! Eu sou esquisita em casa... e vocês são aqui. Se eu ficar, a gente pode ser esquisito junto! Eu não vou voltar para aquele acampamento! [...] Eu quero ficar para virar uma bruxa! Que nem você e a Azura!” (Fala de Luz 19:54 - 20:18 DUB; em ‘Uma Bruxa Mentirosa e um Guardião’, 2020). Eda responde que humanas não podem virar bruxas, mas Luz argumenta que é porque talvez elas nunca tentaram!

Em suma, Luz sai de um ambiente solitário e violento, se entende enquanto corpo abjeto, se encontra entre pares, se fortalece e ficciona novas formas possíveis de viver em um mundo que até pouco tempo ela acreditava ser apenas ficcional. A animação tenciona as bordas de realidade e ficção dentro da própria narrativa, mostrando que essas bordas são muito mais finas e frágeis que imaginamos. Na verdade, até inexistentes, pois ambas compõem a chamada realidade, visto que, “ficcionar, fabular, criar, poetizar ou narrar não imperam regimes de verdade, mais do que a própria noção de “verdade” ou de “real”, até porque “o real precisa ser ficcionado para ser pensado” (Rancière, 2005, p. 58).” (Apud Lamberti, 2024, p. 60).

Luz ficciona a possibilidade de se tornar uma bruxa, iniciando assim, sua jornada nas Ilhas Escaldadas. Jornada esta que eventualmente revolucionará completamente as estruturas opressoras e normativas que existem neste mundo ficcional. Com um “pequeno” desejo, uma ficção, Luz se torna uma agente importantíssima na mudança total do mundo em que foi parar. Pois,

Uma criação ficcional, mesmo quando não se propõe assim, está negociando a realidade, seja por seu repertório, por seu embasamento, ou pelo discurso que dispara e, como tal, é um mecanismo urgente de ação política e social, já

que “a grande sacada da ficção especulativa é a de representar do futuro aquilo que está já em jogo no presente” (Mombaça, 2021, p. 111). (Apud Lamberti, 2024, p. 54).

Entretanto, essa mudança de mundo só poderá ser acompanhada caso você, leitor/a/e assista aos episódios seguintes da animação.

Após e durante “A casa coruja”, me senti pertencente e me identifiquei com diversos/as/es personagens com suas múltiplas pluralidades queer. Porém, também me senti motivada a continuar criando novas realidades que me pensam, pois assim como Dana Terrace, Lua Lamberti, Jota Mombaça, Jack Halberstam, Régis Moreira, Luz Noceda, entre tantos outros, dissidentes, queers, bruxas, travestis, criaram e criam, fíccionam constantemente novas rotas, novas realidades, adicionam, nem que seja apenas uma gota, ao mar das fronteiras que cada dia mais cheio, mais furioso, mais forte, destroem caixas e conformatórios, para que assim cada vez mais esquisitos possam viver como são e como querem ser, sem medo. Quem defende as crianças esquisitas se não es adultes esquisites?

Sobre esses pressupostos é que esta pesquisa pretendeu pontuar e ressaltar que a ficção é extremamente necessária e importante, especialmente para pessoas queer, de modo a ser uma ferramenta não só de luta, mas também de transformação, mudança, diversão, pertencimento, respiro de vida. Criar, a partir da ficção, novas realidades, mudar aquilo que não te pensa, é entender o quão poderosa e transformadora é esta ferramenta subversiva, que por sinal é propositalmente tão atacada.

Assim como tantas existências não pensadas pela heteronorma cis, a ficção é vista como uma coisa sem importância e desvalorizada, como

continuamente se desvaloriza a arte, a imaginação e qualquer forma de criação dissidente. Imaginar existências possíveis à aqueles/as/es que tensionam e questionam padrões impostos é um problema enorme para os que ditam as regras, justamente por que eles sabem que é viável. A transformação é possível e a ficção é uma forma poderosíssima de criar novos caminhos.

Neste contexto, este episódio foi escolhido para esta análise por introduzir e mostrar a trajetória de uma menina queer, Luz Noceda, que não se encaixava nas normas vigentes da escola exatamente por ser imaginativa demais. Ao me identificar visceralmente com Luz, esta personagem ficcional, construo esta cartografia, relacionando nossas vivências com conceitos de outros autores que atravessam visceralmente estas experiências e as de tantas outras pessoas que assim como eu, se identificaram com Luz, com sua potência, sua força questionadora das normas, subversiva, que sai do padrão, se recusa a entrar na caixa e atravessa um portal para um mundo imaginativo e ficcional.

Entretanto, o episódio nos mostra que mesmo dentro do mundo fantasioso também há normas vigentes opressoras que buscam um padrão limitante e excludente. Terrace ficciona um mundo dentro de uma ficção e nos mostra como que a mudança dentro da fantasia, também muda a realidade de Luz. A protagonista que quase cedera para a caixa, se encontra entre pares, entre esquisitees, entre multidões queer e se fortalece. Destroi muros e Conformatórios, mostra a possibilidade de viver diferente, de criar novos caminhos em conjunto.

Em síntese, se uma ficção mostra mundo possíveis, se dentro de uma animação um mundo mágico transforma a realidade de uma humana comum, porque a nossa realidade também não pode ser transformada, transgredida? A partir da imaginação que se constróem novas realidades, principalmente onde pessoas queer possam viver sem medos e discriminações.

"Cuir- Aquete que cansou de sofrer"

↳ se libertou das tentativas dese encaixar

↳ Liberdade dos Loucos e anormais

↳ Ameaça ao dar uma martelada no padrão

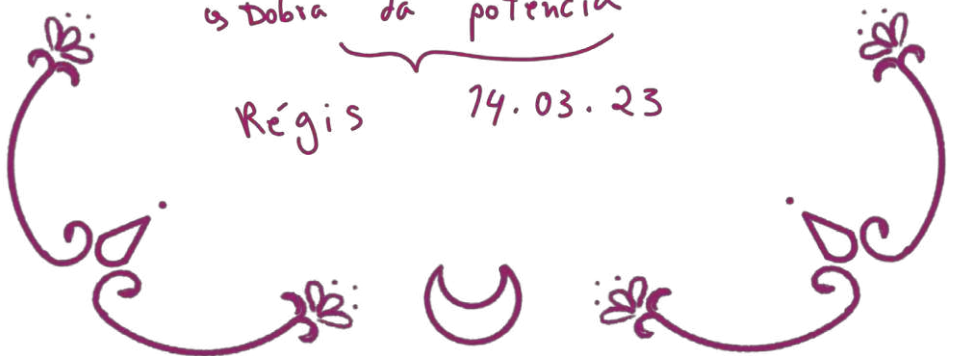
↳ Escancarar o ridículo do normativo para que haja menos solufos

"QUEER é uma interseccio nalidade"

↳ Dobra da potência

Régis

74.03.23





Magia de Luz – Guache sobre papel paraná, 20cmx16cm, 2023, Marina Lima



6. Última página do Grimório

Por fim, chegamos nas últimas páginas dessa trajetória mágica de três anos e meio, que começou com a (in)disciplina especial “Gênero na Perspectiva Descolonial e suas Interseccionalidades”, ministrada pelo meu (des)orientador Régis Moreira. Na primeira aula, assistimos à animação do Bob Esponja, descobrimos que es autores/as/ us iriam nos ler. Encontramos o que havia de queer em nós. Na mesma hora, soube que estava entre esquisite. Logo, eu estava em casa.

A partir de nossas vivências esquisite, bruxas, mestiças e decoloniais, nos encontramos e nos fortalecemos entre pares, autores/as/us, artistas, escritores/as/us, pesquisadores/as/us, animadores/as/us, personagens, professores/as/us, uma multidão queer que contribuiu para nossa própria transformação e na criação de novos trajetos. Enquanto multidão queer, nos inspiramos nas tarefas políticas alertadas por Paul Preciado;

[...] Vocês são uma secessão criativa. Sua tarefa política será articular essas diferenças heterogêneas sem totalizá-las ou unificá-las falsamente sob uma suposta identidade ou uma ideologia. A de ser um bando de intensidade apaixonada através da qual se filtra o desejo de mudar tudo. Sair dos significantes despóticos da identidade. Não é mais Nietzsche: todos os nomes da história são o seu nome. É Gloria Anzaldúa: a história ainda não conhece seus nomes. (Preciado, 2022, p.390).

Juntas construímos conhecimentos para além dos textos lidos e escritos, mas pelas trocas, pelos olhares, cumplicidades, ouvindo os relatos e vivências de cada um/a/e. Dizer que só o texto escrito tem importância, é algo muito colonialista. Portanto, esta trajetória de pesquisa foi decolonial. Mesmo porque o guia da pesquisa não adveio de um texto, mas de uma animação ficcional contracolonial, queer, que nos instigou a efetuar discussões acerca do cotidiano, do básico, da realidade que envolve-nos como pesquisadoras/es/us, como crianças que permanecemos sendo.

Afinal, grande parte do nosso conhecimento de mundo vem dessas narrativas, das ficções, das vivências, dos compartilhamentos que efetuamos neste momento mágico de nossas trajetórias. Ou que, por direito, deveria ser mágico e instigador. E, o que é ser criança? Relembro os dizeres da Profa. Márcia no momento da banca de qualificação: “Espero ser criança com 50 anos!”. Mesmo adultos/as/es, não podemos perder esta maneira criança de ver o mundo. Importante não desconsiderar esta etapa da vida, só porque achamos que crescemos. Digo, tanto no quesito de ver, de forma imaginária, o mundo como potência, quanto no quesito perceber o mundo em suas adversidades, ausências, invisibilizações, dores e desencantos. Pois, a criança que permanece em nós, cotidianamente nos ensina.

Tudo isso para dizer que iniciei esta dissertação, tendo como força motriz uma animação que muito me afetou, em uma fase de transformação em minha vida. A Casa Coruja me auxiliou a responder algumas perguntas que ficaram em aberto, a reforçar e a empoderar o que via enquanto falha. Me permitiu ressignificar o que há tantos anos me foi ensinado enquanto fracasso, que não era o correto ou que não servia de nada.

Vocês não são vítimas. São sobreviventes. Sobreviveram ao abuso, ao estupro, ao desejo dos pais colonizadores de acabar com os filhos, mas o mais importante é que pela primeira vez vocês encontraram as palavras para nomear essa dor e, com essas palavras, com uma dor não bruta, mas transformada, com uma dor não mais nomeada com categorias patologizantes, mas com suas próprias palavras, vocês descobriram também uma nova força, um novo desejo que já não se pode reduzir às profecias patriarcais de Freud nem à luta de classe do comunismo de partido. (Preciado, 2022, p.392).

Por muitos anos, a escrita, a imaginação e a ficção, vindas a partir de um lugar de fantasia e magia, pareciam uma fuga, um escape, um respiro, um lugar em que eu era ouvida, em que eu representava algo minimamente importante fora das invisibilizações e violências que sofria no meu dia a dia.

Porém, se esconder nos cantos, transitar no invisível, me camuflar em fantasia, mesmo sendo um lugar de conforto, também era um lugar de dor, de abandono, de invisibilidade. Como um lugar gostoso, era tão horrível ao mesmo tempo? Impulsionada por esta indagação, me vi em Luz Noceda e em tantas outras ficções com personagens tão inquietas e ambíguas como eu. Personagens que não se encaixavam em conformatórios, que não aceitavam as rotas previamente traçadas para seu futuro.

Luz vive e tem a liberdade que sempre quis a partir de sua criatividade, ficção e fantasia, mas foi condicionada a acreditar que isto a fazia esquisita. Portanto, deveria ser corrigida ou continuaria a viver sem amigos/as/es, a não ser levada a sério. A ser como eu, um café com leite.

Por isso, esta dissertação nasce, principalmente, impulsionada por esta indignação e dor. Porque raios algo tão maravilhoso é tão invisibilizado e criticado? A partir desta indagação, muitas outras coisas foram se amarrando e se conectando na rede de afetos. Nas fronteiras mestizas, me entendi enquanto mulher não conformada com o conceito de feminilidade construído pela heteronorma; enquanto mestiça, enquanto bruxa, enquanto café com leite, enquanto pansexual, enquanto artista e esquisita. Todos os posicionamentos, que dia após dia são violentados, apagados e queimados, chegando ao ponto de eu mesma me tornar minha própria inquisidora.

Como ressignificar esse lugar invisto? Como amenizar a dor das fronteiras? Como me fazer vista e ouvida? Primeiro, me encontrei entre pares, amigas, colegas, professores/as/us, autores/as/us, artistas, personagens, animadoras/es/us. Me relacionei com suas vivências, com suas obras, com suas trajetórias.

Nos encontramos nas encruzilhadas de nossos não lugares, nas bibliotecas proibidas nos porões e ali percebemos que os caminhos previamente traçados são uma enorme ficção que está desmoronando. Na quebra, juntas, nos fortalecemos nas frestas. Nutrimos o conhecimento impulsionado por indignações, que nos deixou ainda mais indignades.

Rompemos os muros do conformatório e, em multidão, estamos traçando novos caminhos, criando novas formas de experienciar o mundo, de viver, de amar, de respirar. Formas disfórmicas que não vêm a partir de nenhum molde previamente colocado. Destruímos as caixas. Nada virá a partir delas. Viemos para criar novas possibilidades, inúmeras. Nesta pesquisa, uma delas abordada, é a ficção. Ficcionalizar espaços para poder ficcionar mais espaços. E, por aí vai. Sentir o anseio e a liberdade de não saber o que virá, abre a possibilidade da criação.

Entretanto, entendi que não é algo fácil, nem lindo e nem utópico. Ressignificar o desconforto confortável, a disforia, a inadequação e o não lugar, te coloca na linha de frente, enquanto vista, enquanto ameaça, enquanto bruxa que precisa ser queimada. Para viver, é preciso enfrentar a morte e a força que te empurra de volta às caixas e aos conformatórios.

Até agora, vocês foram ensinados a ter vergonha de sua inadequação e disforia. Mas sua história de opressão é a sua riqueza, é preciso estudá-la e conhecê-la, fazer dela um arquivo coletivo para a mudança e a sobrevivência. A disforia é sua resistência à norma, nela reside a potência de transformar o presente. Somente o saber que brota desse trauma e dessa violência, dessa vergonha e dessa dor, dessa inadequação e dessa anormalidade pode nos salvar. (Preciado, 2022, p.393).

Nesta trajetória, fui ao êxtase e à completa desesperança. Quase desisti inúmeras vezes. Quase me tornei minha própria inquisidora totalmente. Porém, uma vez estilhaçados os muros das fronteiras, não há mais volta. Pelo contrário, percebe-se que não se quer mais voltar. O desconforto da invisibilidade se torna cada vez maior, até ser insuportável. Percebi o quanto negar minha esquisitice estava me definhando e como fui manipulada a pensar que aquela era a melhor alternativa.

A morte e a violência também matam indiretamente, a partir do medo. Eu tinha e ainda tenho muito medo. Mas, agora encontrei um exército de outros medroses como eu. Senti que não estamos mais sozinhos/as/es. Não acreditamos mais nas mentiras que nos contam. Percebemos e encontramos todos os dias novas estratégias e formas disfórmicas de enfrentar, destruir e recriar todo este (cis)tema que já está

em ruínas. Propomos ficções visionárias para elaborar novos mundos (Imarisha, 2005). Fortalecemos e nutrimos nossa criança interior, diante de tudo aquilo que nos foi violentamente negado e podado. Essas reflexões me lembram Preciado;

Vocês começaram um levante mundial contra o uso da violência e da morte como forma de governo da Terra. Atreveram-se a deserotizar a opressão e a violência sexual. Estão desracializando a pele. A história da violência para no olhar de vocês. Uma revolução começa assim, com uma sacudida no tempo que faz com que a repetição obstinada da opressão se detenha para que seja possível começar um novo agora. Tudo tem que mudar. Ao caminhar entre vocês, tenho a certeza de que se está forjando uma nova aliança somatopolítica, que pode concretizar a transição para um novo regime. “A História não fez mais que começar.” (Preciado, 2022, p.389-390).

A Casa Coruja é apenas uma pequena fração de todo este movimento. Quantas outras animações, livros, histórias em quadrinhos, relatos, etc, podem nos despertar inquietações, afetos e indignações para elaborar mundos novos? Terrace trouxe um universo diverso, plural, mas que ainda enfrentava dificuldades com um sistema opressor, tal como o mundo que vivemos. Entretanto, ela fabulou personagens queer, negros, mestiços, latinos, LGBTQIAP+, que juntas criaram novas formas de viver.

Luz, uma humana que não possuía magia, encontrou uma nova possibilidade de se tornar uma bruxa. Eda, sua própria existência era uma ameaça por não agir conforme o esperado e não aceitar as imposições do governo, mas continuou lutando por sua liberdade. King, sem saber de sua origem, todos os dias recria sua história e trajetória. Juntas, os/as/es

personagens transformam um sistema inteiro. Se em uma animação isso é possível, por que não seria em nossas vidas?

Os impactos de consumir animações como *A Casa Coruja* está em encontrar novas possibilidades de viver, sentir e ressignificar o mundo, a ficção e a ciência. É óbvio que não precisa ser o mundo todo, mas pelo menos transformar a si mesmo e seu entorno, para que não nos deixemos cair na pira da inquisição.

Outro ponto forte, é se encontrar entre os fãs esquisitos da animação. O êxtase de consumir visceralmente uma narrativa visionária é compartilhado por inúmeras pessoas que sentem inquietações semelhantes. Produzir esta pesquisa, me trouxe várias oportunidades de encontros com estes/as/us fãs, que assim como eu, também se sentiram representados por algum dos/as/es personagens e até incentivados/as/es, assim como Luz, a criar novos caminhos.

Nesta pesquisa, não apenas ressignifiquei o não lugar de mestiça café com leite enquanto potência, mas também os significados, as simbologias e as histórias das bruxas, das mulheres e das pessoas que iriam contra um sistema de violências e mortes que estava para ser implantado. Revisitar a história e entender que novos caminhos poderiam ter sido traçados, é crucial para que violências não sejam repetidas e nem que histórias únicas de apagamentos sejam consolidadas.

Entendo que Terrace não trouxe a figura da bruxa por acaso, mas enquanto um símbolo de inconformismo e resistência contra diversas dimensões das violências. Desmistificar histórias únicas, onde as bruxas eram vilãs malvadas, ou mulheres sensuais e perversas, sem romantizar suas magias, foram algumas, dentre tantas contribuições, que Terrace conseguiu representar em sua animação.

Impulsionada pela cartografia mestiça, com esta pesquisa participante e escreviente, sou guiada pela A Casa Coruja a criar minha própria ficção e a me fortalecer entre os/as/es pares de modo a não apenas viver, mas a transbordar as fronteiras. Espero que assim como este movimento de trocas ressignificou minhas dores e inseguranças, outras/es/os leitoras/es/us também possam ressignificar aquilo que os/as/es violenta. Afinal,

Não há, portanto, motivos para otimismo, questionariam vocês de imediato. Mas o otimismo não é um sentimento psicológico de esperança, nem a convicção tranquila que nasce do desconhecimento do estado de destruição do mundo. O otimismo é uma metodologia. Temos a capacidade coletiva de tomar consciência do que está ocorrendo e, pela primeira vez na história, compartilhar essa experiência em escala planetária: intercambiar tecnologias sociais, conhecimentos, preceitos, afetos e fazer com que práticas e saberes que até agora eram subalternos possam ser compartilhados transversalmente. (Preciado, 2022, p.388).

Esta dissertação se transformou em um ritual bruxesco, que me possibilitou encontrar as forças necessárias em pares para transitar por todos os lugares e lutar contra a insegurança que antes tanto me prendia no conformatório. Me auxiliou a ser mais bruxa e menos inquisição. Assim, espero ver cada vez mais novas ficções visionárias que pensam novas realidades, poder mesmo que minimamente contribuir em conjunto para o desmoronamento desse (cis)tema e na construção de novos caminhos. É com Paul Preciado, com quem tanto dialoguei no decorrer desta dissertação, que concluo, não concluindo, este grimório de bruxas:

Vocês não estão sozinhos, lembrem-se disso. Existe um panteão de santos e bruxas feministas, queer e trans, e, embora tenha sido amaldiçoado pela cultura em que cresci e negado durante anos por minha família, sempre me senti protegido por eles. Quase não há um dia em que os santos queer não se manifestem em nossas vidas. Essa catedral de santos malditos é mais forte que a cultura nacional, mais acolhedora que a família biológica, mais protetora que a Igreja, mais hospitaleira que a cidade em que se nasce. É essa genealogia de empestados que lhes ofereço agora como contribuição à sua luta. Estou com vocês. Onde quer que eu esteja, serão bem-vindes. Estenderei a mão e abraçarei vocês. Se quiserem algo que eu tenha aprendido com as tradições da resistência política e da cultura dos dissidentes, eu lhes darei. Essa tradição também é de vocês. E essa cultura também lhes pertence. (Preciado, 2022, p.397).

"Literatura é um modo decolonial de escrever"

↳ Flávia Entretous 16.03.23

"Enquanto os Leões não puderem contar suas histórias, os caçadores serão os heróis"

↳ Renan Quinalha citado por Marco Antônio

"A história não está dada, ela é contada"

↳ Prof. Márcia





7. Referências

ABOUT TAAFI. [S. l.]. Disponível em: <https://www.taafi.com/about/>. Acesso em: 16 mar. 2024.

ADICHIE, Chimamanda. O perigo de uma história única. [S. l.: s. n.], 2018.

ADICHIE, Chimamanda. O perigo de uma história única. [S. l.: s. n.], 2019.

AKOTIRENE, Carla, Interseccionalidade. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

ANZALDÚA, Glória. Falando em Línguas: uma carta para mulheres escritoras do terceiro mundo. In: Anzaldúa, Glória. A Vulva é uma Ferida Aberta & outros ensaios. Rio de Janeiro: A Bolha Editora, 2021.

ANZALDÚA, Gloria. La conciencia de la mestiza / Rumo a uma nova consciência. Estudos Feministas, Florianópolis, setembro/dezembro 2005.

ANZALDÚA, Glória. Ponte, ponte levadiça, banco de areia ou ilha: Lésbicas de cor hacienda alianzas. In: Anzaldúa, Glória. A Vulva é uma Ferida Aberta & outros ensaios. Rio de Janeiro: A Bolha Editora, 2021.

BRASIL. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Estatuto da Criança e do Adolescente. Brasília, DF: Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, 2021. Disponível em: https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2021/julho/trinta-e-um-anos-do-estatuto-da-crianca-e-do-adolescente-confira-as-novas-acoes-para-fortalecer-o-eca/ECA2021_Digital.pdf. Acesso em: 27 out. 2025.

BUENO, Zuleika de Paula; DE SOUSA LIMA, Ângela Maria. Conversas sobre ensinagem, exercícios de *a/r/tistagem*: encontros e trocas na docência universitária. Revista Teias, [S. l.], v. 25, n. 76, p. 125–137, 2024. DOI: 10.12957/teias.2024.76689. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/revistateias/article/view/76689>. Acesso em: 24 maio. 2024.

BUTLER, Judith. Prefácio; Introdução. In: Corpos que importam. Os limites discursivos do “sexo”. São Paulo, n-1 / Crocodilo Edições, 2019.

CABOT Meg, A mediadora Shadowland, 2000.

CAICEDO-ROA, Mônica; NASCIMENTO, Juliana Luporini do; BANDEIRA, Lourdes Maria; CORDEIRO, Ricardo Carlos. Queima às Bruxas: feminismo e

feminicídios íntimos por queimadura em uma metrópole brasileira. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 27, n. 2, p. 525-534, 2022

CERQUEIRA, Daniel; BUENO, Samira (coord.). Atlas da violência 2024. Brasília: Ipea; FBSP, 2024. Disponível em: <https://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/14031>

CLARK, Travis. Disney raised concerns about a same-sex kiss in the unreleased animated movie ‘Nimona,’ former Blue Sky staffers say. *Insider*, 17 mar. 2022. Disponível em: <https://www.businessinsider.com/disney-disapproved-same-sex-kiss-nimona-movie-former-staffers-say-2022-3?r=US&IR=T>. Acesso em: 5 jul. 2023.

CLOSING Keynote featuring Dana Terrace. [S. l.]. Disponível em: <https://www.taafi.com/industry/2020/sessions/closing-keynote-featuring-dana-terrace/>. Acesso em: 16 mar. 2024.

COLLINS Suzanne, *Jogos Vorazes*, 2008.

CONDÉ, Maryse. *Eu, Tituba: bruxa negra de Salem*. Tradução de Natalia Borges Polessó. 14. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2024.

COWELL Cressida, *Como treinar seu dragão*, 2003.

DANA’S SKETCHBOOK. [S. l.], 2021. Disponível em: <https://danaterrace.tumblr.com/post/635683808918847488>. Acesso em: 16 mar. 2024.

DANTAS, Carolina Vianna, *O Brasil café com leite: história, folclore, mestiçagem e identidade nacional em periódicos*. Rio de Janeiro, 1903-1914, Tese de doutorado (Doutorado em História), Programa de Pós-graduação em História/UFF, 2007.

DE LAURETIS, Teresa. *A Tecnologia do Gênero*. In: DE HOLLANDA, Heloisa Buarque. *Tendências e Impasses: O feminismo como crítica da cultura*. [S. l.: s. n.], 1994.

DIAS, Bruno Vinicius Kutelak; CABREIRA, Regina Helena Urias. *A imagem da bruxa: da antiguidade histórica às representações filmicas contemporâneas*. Florianópolis, v. 72, n. 1, p. 175, 2019. DOI: 10.5007/2175-8026.2019v72n1p175.

EL PAIS. *Entrevista com Conceição Evaristo*. *Cultura*. 2017. (16m53s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wnB4YsSjlnA>. Acesso em: 17 maio 2023.

EVARISTO, Conceição. *Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade*. *SCRIPTA*, Belo Horizonte, p. 17-31, 2022.

FEDERICI, Silvia. *Calibã e a bruxa*. São Paulo: Elefante, 2017.

FEDERICI, Silvia. *Mulheres e caça às bruxas*. [S. l.: s. n.], 2019.

FOUCAULT, Michael. Vigiado e punido: nascimento da prisão. 36ª ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. São Paulo: Paz e Terra, 1978.

GONZALEZ, Lélia. Por um feminismo afro-latino-americano. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque. Pensamento Feminista Hoje: perspectivas decoloniais. Rio de Janeiro: Bazar Tempo, 2020.

GRAVITY Falls [Série de TV]. Criação de Alex Hirsch. Estados Unidos: Disney Television Animation, 2012-2016. Disney Channel son., color.

HALBERSTAM, Jack. 1961 - A Arte Queer do Fracasso. Pernambuco: CEPE, 2020.

HARRY Potter e a Pedra Filosofal, 1997.

HIRSCH, Alex, @_AlexHirsch, 2020, post do animador no Twitter, inserido em: <https://acesse.one/Vy7DF> Acesso em: 05/07/2023

IMARISHA, Walidah. Tradução: Mombaça, Jota. Reescrevendo o futuro: usando ficção científica para rever a justiça. OIP, [S. l.], p. 1-12, 2016.

JONES, Diana Wynne. The Children in the Wood. 1981 In: JONES, Diana Wynne. Reflections: On the Magic of Writing. [S. l.: s. n.], 2012.

KISHIMOTO, Masashi. Naruto. [S. l.: s. n.], 1997..

LAMBERTI, Lua. Pe-drag-ogia. 1. ed. [S. l.]: Metanoia, 2021.

LAMBERTI, Lua. Artes Transformistas:: Metodologias, Linguagens E Ficções Grotescas Em Bases Pedagógicas Transepistemológicas. 2024. Tese (Programa De Pós-Graduação Em Educação Doutorado Em Educação) - Universidade Estadual De Maringá, Maringá, 2024.

LEAL, Dodi Tavares Borges. Fabulações travestis sobre o fim. 2021.

LERNER, Gerda. A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens. Tradução de Luiza Sellera. São Paulo: Cultrix, 2019.

LUCAS, Christopher. Top Disney: 100 Top Ten Lists of the Best of Disney, from the Man to the Mouse and Beyond, 2019.

MEYER Stephenie, Crepúsculo, 2005.

MOMBAÇA, Jota. Não vão nos matar agora. Editora Cobogó, 2021.

MORAIS, Pedro F. O corpo de Jota Mombaça é um manifesto. Público, Lisboa, 15 jul. 2018. Seção Cultura Ípsilon. Disponível em:

<https://www.publico.pt/2018/07/15/culturaipilon/noticia/pode-um-cu-mestico-falar-1836567>. Acesso em: 27 out. 2025.

MOREIRA, Régis. *Fabulações queer: crônicas para um mundo possível*. São Paulo: Patuá, 2024.

MURPHY, Jackson. INTERVIEW: Creator Dana Terrace on Disney’s “The Owl House”. *Animation Scoop*, [S. l.], 6 jan. 2020. Disponível em: <https://www.animationscoop.com/interview-creator-dana-terrace-on-disneys-the-owl-house/>. Acesso em: 16 mar. 2024.

NIMONA [Filme]. Criação de ND Stevenson. Estados Unidos: Netflix, 2023.

ODA Eiichiro. *One Piece*, 1997.

OLIVEIRA, M. J.; SAMPAIO, J. C. C. & SILVA, O. A. Entre e para além da literatura: um estudo da noção ‘escrevivência’, de Conceição Evaristo. *Nau Literária*, v. 17, no 2, p. 166 – 194, 2021.

OYÈRÓNKÉ, Oyewùní. Debates estruturados a partir do gênero: dote, poligamia, acesso e controle social / Visões generificadas: espaços, rostos, lugares na divisão do trabalho / Questionando a estrutura de gênero / Decompondo o conceito de uma divisão generificada do trabalho / Gênero como construção teórica e ideológica, in *A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

PASSOS, Eduardo & BARROS, Regina Benevides. A cartografia como método de Pesquisa-intervenção. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virginia & ESCÓSSIA, Liliana. *Pistas do Método da Cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2015

PORCHAT, Patrícia. Um corpo para Judith Butler. *Periódicus: Revista de estudos interdisciplinares em gêneros e sexualidades*, Salvador, mai.-out. 2015.

PRECIADO, Paul B. *Dysphoria mundi*. Rio de Janeiro: Zahar, 2022

PRECIADO, Paul B. Quem defende a criança queer? In: *Um apartamento em Urano*. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

PRECIADO, Paul. *Multidões queer: notas para uma política dos “anormais”*. *Estudos Feministas*, [S. l.], p. 11-20, 2011.

QUINALHA, Renan. Seção 1, 4 e 5. In: *Movimento LGBTI+: uma breve história do século XIX aos nossos dias*.

RABELO, Ariane Gabriele Brasil Gois. Gênero, currículos de animação e a produção de contracondutas. *Doxa: Rev. Bras. Psico. e Educ.*, Araraquara, v. 24, n. esp. 1, e023009, 2023. e-ISSN: 2594-8385. DOI: <https://doi.org/10.30715/doxa.v24iesp.1.18173>

RIORDAN Rick, Percy Jackson e o ladrão de raios, 2005,

RODRIGUES, Franciele; BREVILHERI, Ursula Boreal Lopes; NALLI, Morgana Camargo. DA PROIBIÇÃO DA NEOLINGUAGEM A “INFINITAS POSSIBILIDADES DE GÊNEROS NÃO EXISTENTES”. R *E V I S T A R E L E G E N S T H R Ê S K E I A*, [S. l.], p. 231-246, 11 nov. 2022.

ROLNIK, Suely. *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2007.

RUFINO, Luiz. PEDAGOGIA DAS ENCRUZILHADAS Exu como Educação. *Revista Exitus*, [s. l.], 27 ago. 2019. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2237-94602019000400262. Acesso em: 23 maio 2024.

SÁEZ, Javier; CARRASCOSA, Sejo. *Pelo cu: políticas anais*. [S. l.]: Editora Letramento, 2017.

SALLES, Cecília Almeida. *Redes da criação construção da obra de arte*. Editora horizonte, 2006.

SHE-RA e As Princesas do Poder [Série de TV]. Criação de ND Stevenson. Estados Unidos: Netflix, 2018/2020.

SOBRE DODI LEAL. Disponível em: <https://dodileal.wixsite.com/arte/sobre-dodi-leal>. Acesso em: 27 out. 2025.

SOUSA, Rosana de Vasconcelos; UCHÔA, Ana Maria de Vasconcelos; BARRETO, Maria Raidalva Nery. Fontes de informação sobre a violência contra a mulher no Brasil. *Serviço Social & Sociedade*, v. 147, n. 2, 2024. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sssoc/a/GCpHjnWHRWVh6B4v6v7xV7v/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 27 out. 2025.

SOUZA, Joice Pilar de Carvalho. *Um defeito de cor: a hierarquia racial a partir da obra de Ana Maria Gonçalves*. 2023. 85 p. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de São João del-Rei, São João del-Rei, 2023. Disponível em: <https://ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/mestletras/Dissertacao%20Joice%20-%20revisao%20final.pdf>. Acesso em: 27 out. 2025.

STARHAWK, Miriam Simos. *A Dança Cósmica das Feiticeiras: Guia de rituais à Grande Deusa*. [S. l.: s. n.], 1997.

TERRACE, Dana, @AntagonistDana, AMA (except by “anything” I mean these questions only), 2021, post da autora no Reddit, inserido em: https://www.reddit.com/r/TheOwlHouse/comments/q1x1uh/ama_except_by_anything_i_mean_these_questions_only/ Acesso em: 05/07/2023

THE Owl House [Série de TV]. Criação de Dana Terrace. Estados Unidos: Disney Television Animation, 2020-2023. Disney Channel (22 min.), son., color.

TOLKIEN J. R. R. *Senhor dos Anéis A Sociedade do Anel*, 1954,

TUCCI, Joseph. Disney’s ‘The Owl House’ creator, a CT native, talks final season, local ties. *CT insider*, [S. l.], 20 out. 2022. Disponível em: <https://www.ctinsider.com/entertainment/article/Disney-The-Owl-House-CT-dana-terrace-17515083.php>. Acesso em: 16 mar. 2024.

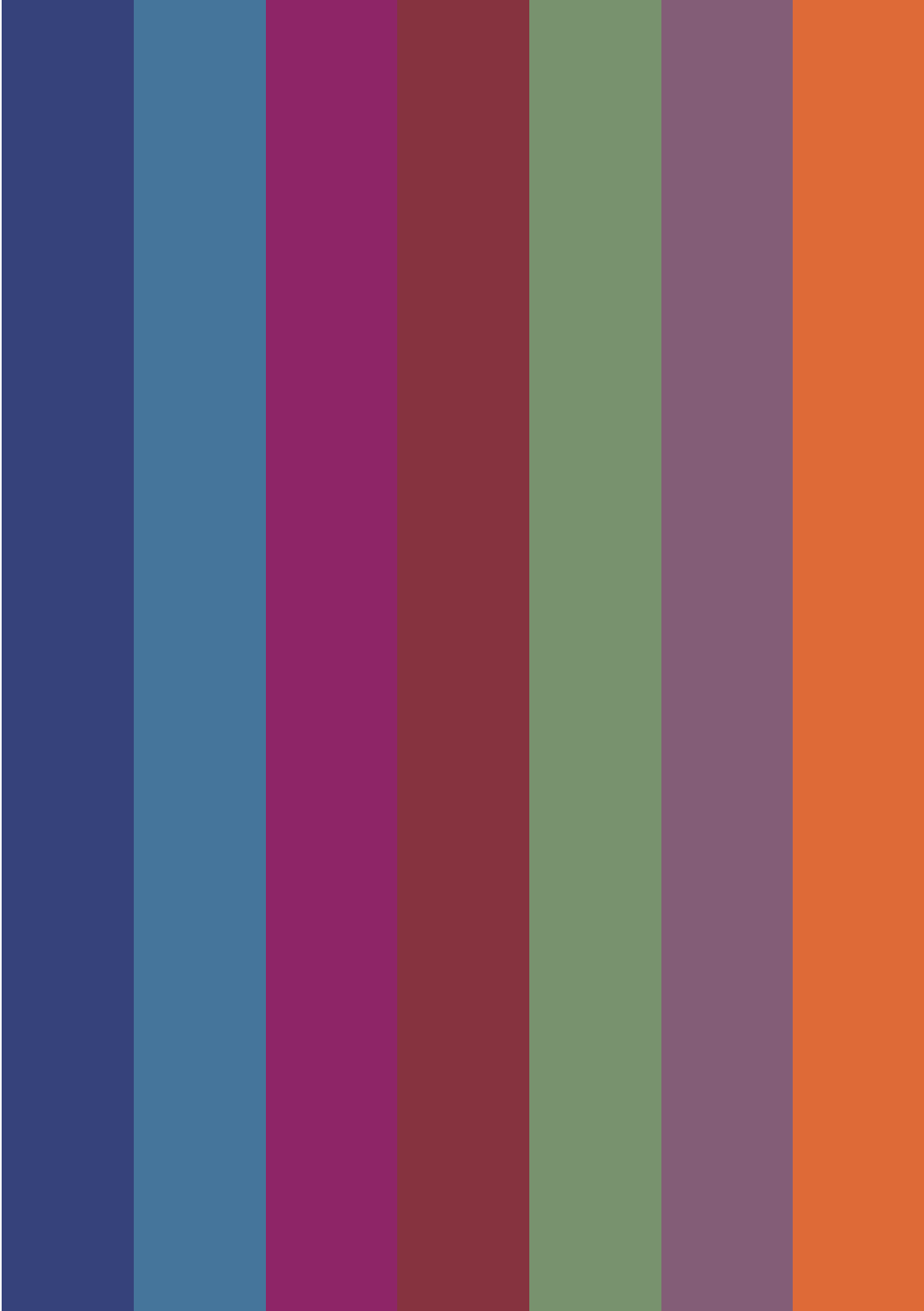
VARIETY. ‘The Owl House’ makes history with Disney’s first bisexual lead character: “I was very open about my intention to put queer kids in the main cast,” series creator Dana Terrace said.. *NBC news*, 17 ago. 2020. Disponível em: https://www.nbcnews.com/feature/nbc-out/owl-house-makes-history-disney-s-first-bisexual-lead-character-n1236947?cid=sm_npd_nn_tw_ma. Acesso em: 5 jul. 2023.

VERGÈS, Françoise. Definir um campo: O Feminismo Decolonial. In: *Um Feminismo Decolonial*. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

ZORDAN, Paola Basso Menna Barreto Gomes. *Bruxas: figuras de poder*. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 13, n. 2, p. 331-341, maio-ago. 2005.

ZORDAN, Paola. Paola Zordan: ARTE. Disponível em: <https://www.paolazordan.xyz/>. Acesso em: 27 out. 2025.







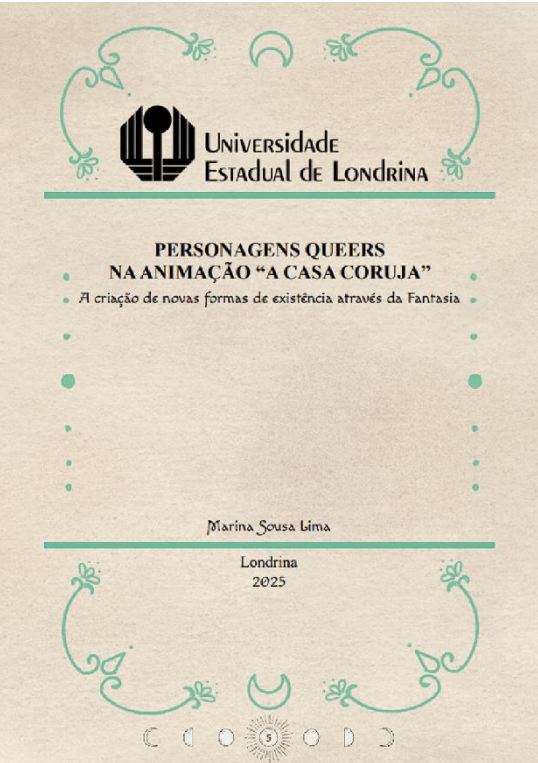
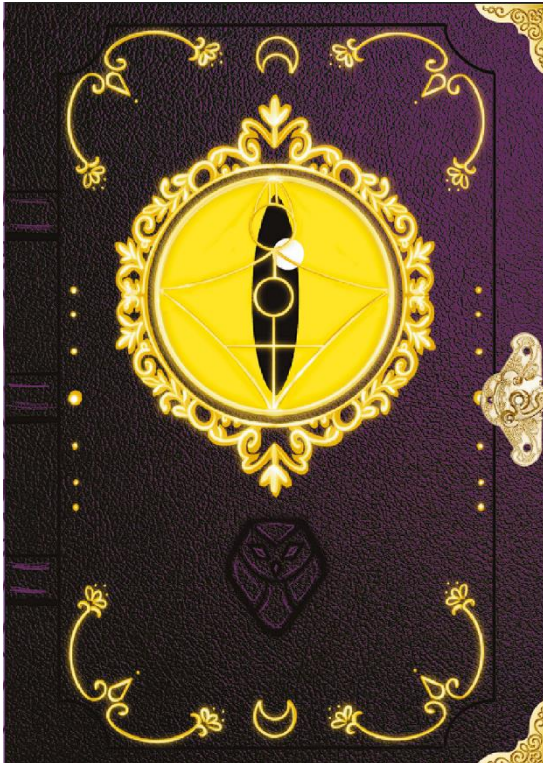
ANEXOS

ANEXO A

Formato original da dissertação

Por ser pensada como um grimório, a dissertação foi diagramada de forma mais artística e livre tanto em formato digital quanto impresso, como mostro nas imagens a seguir. Infelizmente este formato não se encaixa nas normas da ABNT, portanto, caso você se interesse e queira ter acesso ao formato digital, entre em contato comigo pelo email: marina.sousalima13@gmail.com

Muito obrigada por chegar até aqui!





Sumário

| | |
|---|-----|
| 1. Primeira página do Grimório..... | 29 |
| 1.1 Encontros..... | 36 |
| 2. Memorial: A Bruxa Mestiça Café com Leite..... | 41 |
| 3. Caminhos metodológicos: Cartografia Mestiça..... | 67 |
| 3.1 Fundamentos da Cartografia Mestiça..... | 67 |
| 3.2 Processo de criação cartográfico mestiço..... | 72 |
| 4. Apresentando Margot..... | 79 |
| 4.1 Contrabando de fantasias: Margot fala sobre seu passado e sua pesquisa..... | 83 |
| 4.2 Margot fala sobre Bruxas..... | 97 |
| 5. A animação..... | 141 |
| 5.1 Os personagens e sua criadora..... | 141 |
| 5.2 Cartografia do primeiro episódio..... | 154 |
| 6. Última página do Grimório..... | 175 |
| 7. Referências..... | 182 |



Magia de Luz - Quache sobre papel parafil, 20cmx20cm, 2023, Marina Lima

1. Primeira página do Grimório

Esta Pesquisa de Mestrado centra-se na análise da construção de personagens queers na animação “A Casa Coruja”, criada pela animadora estadunidense Dana Terrace e exibida pela Disney de 2020 a 2023, contendo três temporadas, com o total de 43 episódios. Levando em consideração os impactos da quebra de estereótipos e preconceitos principalmente contra a comunidade LGBTQIAPN+² e a sua representação em mídias audiovisuais, a autora, também membro desta comunidade, cuidadosamente ilustrou e desenvolveu personagens LGBTQIAPN+ e Queers³. De modo sensível, acredito que a autora levou em consideração a sua própria vivência no desenvolvimento dos relacionamentos e identidades des⁴ personagens. Terrace até mesmo cria uma figurante baseada em si mesma: Tinella Nosa, uma criatura demoníaca que também é dublada pela criadora da série.

Entendo que esse olhar cartográfico para o desenvolvimento de um enredo e seus personagens é essencial para a construção de narrativas contra hegemônicas que contribuem para a quebra de paradigmas, preconceções e apagamentos sofridos todos os dias principalmente para a comunidade LGBTQIAPN+ e pessoas Queer. Ao desenvolver uma protagonista latina e bissexual, Dana Terrace faz com que “A Casa Coruja” seja uma animação precursora, avançando em muito na nossa luta por respeito, pertencimento e representatividade.

Meu primeiro contato com a animação foi no final de 2021 através de pequenos

² Sigla que contempla as diversidades de gênero, identidades e orientações sexuais como: Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transsexuais e Travestis, Queers, Interssexuais, Afsexuais/Atromânticas/Agênero, Pansexuais, pessoas Não-Binárias e mais.

³ No decorrer da pesquisa, utilizei a sigla de duas formas, ora inserindo o Queer, ora não, pois entendo que o Queer não se restringe à pluralidade relacionada diretamente e exclusivamente à identidade de gênero e à orientação sexual.

⁴ Uso a linguagem inclusiva de gênero, primeiro por acreditar ser extremamente imprescindível a revisão da linguagem binária e exclusiva, de modo a contribuir com a desconstrução das relações desiguais de poder (Rodrigues; Breivliker; Nalli, 2022). Por este, dentre outros motivos a incorpo no decorrer do texto. E, segundo, pois existem vários personagens não binários que utilizam a neolingagem tanto em minhas ficcionalizações quanto dentro da animação de Terrace. Logo, faz-se necessário esta inclusão.



Bruxa Café com Leite e Wendy - Arte digital, 2025, Marina Lima

2. Memorial: A Bruxa Mestiça Café com Leite

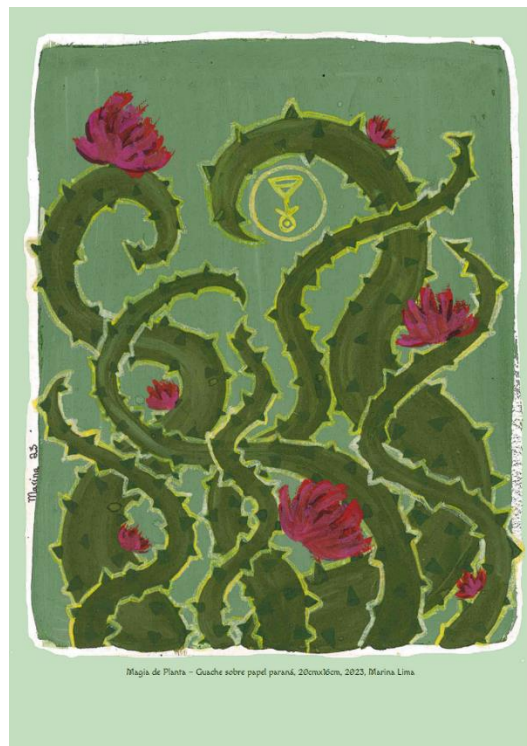
Assim como com diversas crianças, sempre brinquei de faz de conta. Imaginar mundos novos e diferentes realidades fez parte de meu crescimento. Era o que me fazia imensamente feliz. As brincadeiras eram estruturadas em minha realidade, nas trocas, nas vivências e nas narrativas que consumia. Em recordações, talvez um pouco falhas e pretensiosas, imaginar na infância é tranquilo, saudável e natural.

Nas palavras de Dyana Wynne Jones (1981)⁷, escritora inglesa de literatura infanto-juvenil, as crianças precisam das brincadeiras de faz de conta. Brincam com frequência, pois é o que as faz felizes. Mesmo incorporando temas violentos e de maior seriedade, aquele é o mundo delas. Seja em grupo ou individualmente, é o momento em que se tem controle daquela realidade imaginária.

Na adolescência e na juventude, de outras formas, continuei brincando de faz de conta. Os enredos se desenvolveram junto comigo, movidos não apenas pela felicidade, mas pela tristeza e a raiva de não se encaixar no quadro em que cresci. Até há alguns anos atrás, entendia a futilidade e a criação como um escape da realidade, um local de felicidade em que eu tinha total controle, um refúgio às situações as quais não me sentia confortável. Era uma zona de conforto, tão intensa que se tornou uma extensão do meu ser.

Entretanto, havia algo a mais do que apenas um refúgio. Se tornou uma necessidade, a única alternativa de coexistir em uma realidade escassa de novas formas de existência que fugiam do padrão heteronormativo, capitalista, branco e masculino que não me encaixava. Ao chegar a esta constatação, inúmeras perguntas começaram a me

⁷ Escritora britânica de literatura infanto-juvenil. Autora de "O castelo animado", posteriormente adaptado para animação por Hayao Miyazaki, escreve um livro intitulado reflexões da magia de escrever. Este trecho foi retirado deste livro no capítulo: "As crianças na floresta (tradução própria). Apesar de ser uma escritora inglesa criada em um trabalho decolonial, a edição propositalmente neste início de modo a ilustrar como meu pensamento também se iniciou num formato muito colonial. Os encontros com autoras/es decoloniais, se deram no decorrer da minha trajetória de pesquisadora, assim como tento ilustrar neste memorial e nesta pesquisa.



Magia de Planta - Quache sobre papel parafinado, 20cmx30cm, 2023, Marina Lima

3. Caminhos metodológicos Cartografia Mestiça

3.1 Fundamentos da Cartografia Mestiça

A proposta geral da dissertação orbita em torno da intencionalidade de analisar os efeitos da animação "A casa da Coruja" que apresenta modos de vidas dissidentes nos processos de construção, ampliação e afirmação de representatividades plurais e ficionalização de outros mundos possíveis.

Inspirada em Glória Anzaldúa, sobretudo por meio do texto "La conciencia de la mestiza / rumo a uma nova consciência", neste processo de pesquisa me localizo como *mestiça* (corpo fronteira), alguém que desde a infância habita entre lugares.

Habitar nas fronteiras implica em inseguranças e estilhaços. Na caminhada de pesquisa considero importante ter ciência desta configuração. Esta consciência estimula elaborar uma arteficialidade metodológica que dialogue com este cenário de fronteiras, o que não implica em formulações procedimentais inseguras, mas a criação consciente de mosaicos, a partir destes estilhaços (Mombaça, 2021).

"Café com leite" pode indicar, na linguagem do senso comum, "alguém sem importância e sem posição definida". Entretanto, ouso ressignificar esta expressão popular para o campo da metodologia de pesquisa em Comunicação Social, que pode exprimir um modo sensível e potente de existir entre lugares, de fazer mosaicos por meio de estilhaços, assim como Halberstam (2020) ressignificou o fracasso pela arte queer.

Neste percurso, me situo na perspectiva metodológica de refletir acerca da importância das animações que apresentam modos de vida dissidentes nos processos de subjetivação e das realidades. Parto da construção de refúgios que problematizam os imperativos normativos, buscando fugir dos acampamentos metodológicos tradicionais para habitar os portais das fantasias criativas. Neste sentido, também problematizo o perigo das histórias (animações) únicas, como já conceituado por Chimamanda Adichie (2019), no texto "O perigo de uma história única".





Cloze de Margot – Arte digital, 2025, Mariana Lima

Apresentando Margot

Durante a pandemia, no ano de 2020, a partir de todas as minhas inquietações de mundo, extravasei um pouco do excesso de pensamentos que convivem em meu pequeno caos mental por meio da escrita. Criei um novo universo com inquietações e personagens que inevitavelmente se relacionavam com a minha vivência, que eu estava experienciando na época. Cada personagem que criei tem um pouco de mim, uns mais outros menos, entretanto escolhi três personagens para ser o núcleo principal da narrativa: Oliver, Marvin e Margot. Com o desenrolar da história, os personagens acabam criando sua própria personalidade, geralmente bem diferentes daquilo que eu, a autora, havia planejado no início. Entretanto, os caminhos e as decisões partem da ideia original.

A ideia foi me dividir em três, personificando os papéis que mais assumo dentro das minhas aventuras de fronteira em fronteira. Oliver veio primeiro: um menino negro, hiperativo, deslumbrado, criativo, carinhoso, empático, observador, cheio de vida, impulsivo, ansioso, tem medo de ficar sozinho, faz tudo pela família e tem um apego emocional muito grande pela avó. Oliver representa meu desconfortável conforto, a ansia pela paz e o desespero do marasmo. A vontade de colo e proteção combinadas com a inquietude de estar no mesmo lugar por muito tempo.

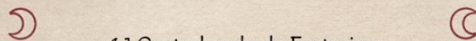
É um personagem que lida com a ambiguidade de deixar-se alienar no conforto de casa e nas coisas que gosta junto com a sede de estourar a bolha combinado com o medo de não ser aceito por completo. Ele tem uma energia de criança que lida o tempo todo com a novidade e o medo do desconhecido. Oliver representa meu conforto em casa e minha insegurança de criança que precisa, teme e anseia pela vastidão do mundo e a pertencer a ele.

Marvin veio por último: Uma pessoa branca não-binária, aceita qualquer pronome. É recuse, macabra, inteligente, não liga para o que pensam, leal, vingativo, ambicioso, competitivo, prefere ficar sozinho, não leva desafio pra casa, gosta de coisas de terror e de coisas fofinhas, luta entre o fascínio e o temor da morte. Marvin é o personagem



tasias e Margot fala sobre bruxas. Nada como uma bruxa para falar sobre bruxas, não é mesmo?

Portanto, agora eu irei me recolher por um breve momento e abrirei espaço para que Margot possa escrever. Retorno na seção sobre animação.



4.1 Contrabando de Fantasias: Margot fala sobre seu passado e sua pesquisa

Afinal, por que criar narrativas sempre me fascinou?

Sou uma jovem bruxa de 20 anos. Estudo e moro em um colégio interno de magia, que recentemente abriu um programa de estudos avançados em bruxaria e comunicação. Existem outras áreas. Oliver, por exemplo, escolheu a área de bruxaria Artística. Porém, me identifiquei mais com a comunicação.

Um dos pré-requisitos do programa, é produzir uma pesquisa. E, cá estou batendo as teclas da máquina de escrever em busca de inspiração... Talvez, essa seja a primeira vez que datilografo algo que não seja um enredo ou uma ideia de narrativa. Já escrevi cartas, mas, na maior parte das vezes, assimilo essa máquina com histórias...

Está aí algo a se pensar como um pontapé dessa pesquisa: As peças de teatro que escrevi e os motivos que me inspiraram! É uma possibilidade, certo?

Há uns quatro anos atrás, meu tio contrabandeou uma caixa mágica de um país do sul que visitou. Fiquei encantadíssima quando as histórias que eu só lia em livros se moveram ao vivo e a cores, como o teatro dentro daquele objeto denominado televisão. Mas, com o que mais me encantei foram as chamadas animações. Todos aqueles desenhos que eu via congelados em revistas em quadrinhos moviam-se e falavam como atores de teatro!

Graças a esta maravilha encantada e um acesso mágico ilimitado de diversas histórias e enredos, consumi uma enorme quantidade de filmes e animações nesses últimos tempos. No meio de tantas opções e fascínio, novas ideias surgiram e de repente passei a escrever cada vez mais roteiros.

Sempre fui apaixonada por peças de teatro, faz lembrar do sorriso de minha mãe dentro do caos da vida que ela levava antes de falecer. A felicidade de vê-la feliz me fez frequentar mais espetáculos. O sentimento de nostalgia foi enriquecido com um apreço e deleite cada vez maior às narrativas fantásticas e toda aquela realidade mística, que era concretizada apenas naquele ambiente encantado. Tudo era possível no teatro. Porém, não era um programa em que participávamos com frequência. O teatro também era visto como um lugar de bagunça e depravação, um local não muito ideal para moças de berço nobre.





Margot, Celeste, Muriel e Neri // Arte digital, 2025, Marina Lima



4.2 Margot fala sobre Bruxas



Cara leitora¹⁹, em minha busca por inspiração, decidi escrever um pouco para você contanto das minhas descobertas desse último mês. Pensei em fazer uma carta, mas são tantas coisas que achei melhor escrever como se eu tivesse te contanto uma história. Na verdade, uma fofoca. Afinal, como já disse uma bruxa incrível que eu conheço, Lua Lambert: "A fofoca é a mãe da história."

Pensei em escrever para minha mãe ou para alguma amiga, mas no fim escrevo para todas elas e para você. Escrevo para as bruxas inadequadas e as que não desejam se adequar. Escrevo para as que permeiam todos os lugares, entrelaçares e lugar nenhum. Escrevo para as bruxas²⁰: transformadoras e criadoras do lugar em que vivem, às vezes, com apenas algumas palavras.

Escrevo para minhas amigas bruxas, minhas "Gossip"²¹! Inclusive, sabia que gossip (fofoca em inglês) significa amiga? Descobri em dois livros de Silvia Federici que li esse mês no porão de Celeste e Muriel. É uma passagem que fala sobre a perda do poder social das mulheres no período da caça às bruxas:

As mulheres inglesas eram dissuadidas de sentar-se em frente a suas casas ou de ficar perto das janelas; também eram orientadas a não se reunirem com suas amigas (nesse período, a palavra gossip [fofoca], que significa "amiga", passou a ganhar conotações depreciativas). (Federici, 2017, p.200).

Segundo Federici (2019), na Inglaterra, a expressão vinha "dos termos ingleses arcaicos God (Deus) e sabb (aparentado, "gossip" significava, originalmente, "god parent" [padrinho ou madrinha])" (Federici, 2019, p.76) e aludia a uma amiga próxima. A partir do momento em que o termo foi transformado em depreciativo, fútil e algo que traria discórdia, a solidariedade que a amizade entre mulheres implica, também começou a ruir. É muito maluco e revoltante ler sobre isso que aconteceu há tanto tempo e perceber que até os dias atuais

¹⁹ Talvez você seja uma leitora ou um leitor, mas sintá-se incluído (e) da mesma forma. Aqui Margot te imagina enquanto uma amiga independente de sua identidade de gênero.
²⁰ Margot usa o termo Bruxa no feminino principalmente pela bagagem histórica do termo para com mulheres de forma geral. No decorrer desta narrativa/capítulo, ela denomina um personagem masculino (Neri) como bruxo respeitando as denominações do personagem em uma exclusiva exceção.



Magia de Fogo - Guache sobre papel parafinado, 20x20cm, 2023, Marina Lima



5.1 Os personagens e sua criadora

Após ceder o espaço para Margot, agora retorno enquanto autora nesta seção destinada a "A Casa Coruja".

Movida totalmente por uma análise crítica e formal... mentira, foi por identificação com a narrativa e o quanto ela afetou a minha criação de realidade é que escolhi a animação "A Casa Coruja". Criada pela animadora estadunidense Dana Terrace e exibida pela Disney+ em 2020 a 2023, contém três temporadas, com o total de 43 episódios. Segundo a Disneyplus, empresa de streaming em que a animação é reproduzida, "A Casa Coruja" se encaixa nos gêneros de Anime, Comédia, Fantasia, Animação, Ação e Aventura (acesso em 2023).

A animação conta a história de Luz Noceda, uma adolescente humana, que ao seguir uma coruja para recuperar seu livro de fantasia e bruxas favorito, acaba passando em um portal para um mundo mágico. Lá ela conhece Eda, uma bruxa rebelde e King, um pequeno ser que se diz o rei dos demônios, com quem faz amizade. Mesmo não tendo habilidades mágicas, Luz encontra um espaço de existência neste mundo de magia e decide se tornar aprendiz de Eda para concluir seu desejo de ser uma bruxa. Luz passa a morar com Eda e King que eventualmente se tornam sua nova família.



À esquerda: Luz Noceda no início da animação (2020). À direita: Luz Noceda no episódio final da animação (2023) FONTE²³

²³ Imagem disponível no Twitter de Dana Terrace, disponível em: <https://x.com/DanaTerrace/status/166288272229435392/photo/1> acesso em: 10/01/2025



5.2 Cartografia do primeiro episódio

“Casa da @ruja” me chamou a atenção primeiro pelo seu visual e sua temática. Uma animação bem-feita, com temática de bruxas? Óbvio que eu precisava assistir! Mas, foi ao terminar os 22 minutos do primeiro episódio que entendi: aquilo que tinha acabado de ver reacendeu as chamas de esperança e excitação da pequena eu pré-adolescente que ainda vive em mim. Uma bruxinha quer café-com-leite de baixíssima autoestima, altíssima inadequação, mas com uma enorme e ávida fome por espaços que celebrassem a existência e a resistência de mulheres e pessoas com quem ela pudesse se identificar. Ali, naquele mundo fictício que respirava vida, ela finalmente pôde viver, mesmo que por apenas 22 minutos, a sensação de pertencimento que tanto desejava.

Essa sensação começa logo nos primeiros 40 segundos do episódio de estreia da animação, intitulado “Uma Bruxa Mentirosa e um Guardião” (2020). A cena já abre com uma poderosa bruxa preta derrotando uma cobra gigantesca. Mulheres, pardas, com poderes mágicos, chapéu pontudo, determinadas, transformando monstros em pó? É nesta realidade que quero viver! Não precisou de um minuto de narrativa para capturar meus maiores ansiosos e desejos: ser uma mulher forte, determinada e independente, livre dos medos, silenciamentos e opressões que esta realidade patriarcal heteronormativa e eurocêntrica nos impõe o tempo todo. Ser uma bruxa!

A ficção da bruxa, da feiticeira, está historicamente ligada às desobediências (Preciado, 2018; ECO, 2022), sendo atreladas àquelas mulheres que desviavam das normas científicas, estéticas ou comportamentais. Ora pensadas como demoníacas, hereges, promíscuas, ora pensadas como subversivas, desafiadoras e disruptivas, as bruxas, pensadas aqui sendo signo mítico, operam uma ficção que pode ser depreciativa ou empoderadora para mulheres, a depender do teor em que aparece e é acionada. (Lamberti, 2024, p. 60).

Valia ressaltar que compreendo, porém não acredito e não concordo com o teor depreciativo que às vezes é relacionado às bruxas. Mulheres malvadas, promíscuas, demoníacas são temidas justamente por possuírem poder! É evidente que existem casos e casos e não vou entrar em questões éticas aqui. Porém, independentemente do quanto malvadas, promíscuas ou demoníacas forem, mulheres poderosas sempre vão ter a minha admiração.



Captura de tela Minuto 0:06, momento em que a bruxa Azura lança uma bola de fogo no monstro com seu cajado (Uma Bruxa Mentirosa e um Guardião, 2020).

A narrativa continua e logo descobrimos que Azura é uma personagem fictícia dentro da animação, heroína bruxa, protagonista da série de livros: “A Boa Bruxa Azura” que Luz Noceda é obcecada. A curta cena de luta de Azura com o monstro cobra gigante na verdade é a ilustração da imaginação de Luz Noceda que aos 0:23 minutos aparece com uma boneca de Azura em uma mão e uma cobra viva na outra, enquanto termina de narrar o resumo do livro (que assumo tenha sido um trabalho de escola) para o diretor e sua mãe, na sala do diretor.



Captura de tela Minuto 0:28, momento em que Luz termina de narrar seu trabalho de escola para o diretor (figura da direita) e sua mãe (figura da esquerda) (Uma Bruxa Mentirosa e um Guardião, 2020)



Magia de Luz – Cachaie sobre papel parafinado, 20cmx16cm, 2023, Mariana Lima

6. Última página do Grimório

Por fim, chegamos nas últimas páginas dessa trajetória mágica de três anos e meio, que começou com a (m)disciplina especial “Gênero na Perspectiva Decolonial e suas Interseccionalidades”, ministrada pelo meu (des)orientador Régis Moreira. Na primeira aula, assistimos à animação do Bob Esponja, descobrimos que os autores/as/ us iriam nos ler. Encontramos o que havia de queer em nós. Na mesma hora, soube que estava entre esquisites. Logo, eu estava em casa.

A partir de nossas vivências esquisitas, bruxas, mestiças e decoloniais, nos encontramos e nos fortalecemos entre pares, autores/as/ us, artistas, escritores/as/ us, pesquisadores/as/ us, animadores/as/ us, personagens, professores/as/ us, uma multidão quer que contribuiu para nossa própria transformação e na criação de novos trajetos. Enquanto multidão quer, nos inspiramos nas tarefas políticas alertadas por Paul Preciado;

[...] Vocês são uma secessão criativa. Sua tarefa política será articular essas diferenças heterogêneas sem totalizá-las ou unificá-las falsamente sob uma suposta identidade ou uma ideologia. A de ser um bando de intensidade apaixonada através da qual se filtra o desejo de mudar tudo. Sair dos significantes despóticos da identidade. Não é mais Nietzsche: todos os nomes da história são o seu nome. É Gloria Anzaldúa: a história ainda não conhece seus nomes. (Preciado, 2022, p.390).

Juntas construímos conhecimentos para além dos textos lidos e escritos, mas pelas trocas, pelos olhares, cumplicidades, ouvindo os relatos e vivências de cada um/a/e. Dizer que só o texto escrito tem importância, é algo muito colonialista. Portanto, esta trajetória de pesquisa foi decolonial. Mesmo porque o guia da pesquisa não adveio de um texto, mas de uma animação ficcional contracolonial, quer, que nos instigou a efetuar discussões acerca do cotidiano, do básico, da realidade que envolve-nos como pesquisadoras/es/ us, como crianças que permanecemos sendo.



